

Silvia de Sá Leitão Camara

GRAUS LINGÜÍSTICOS DE DEPENDÊNCIA ENTRE OS VOCÁBULOS E SEUS ELEMENTOS

Tese de Mestrado em Linguística

Universidade Federal de Santa Catarina

1981

ÍNDICE

CAPÍTULO	PÁGINA
I. INTRODUÇÃO	01
1.1. Objetivos	01
1.2. Critérios	02
1.3. Argumentação	04
II. FONOLOGIA NATURAL PURA: O TERNARISMO	05
III. DISCUSSÃO DOS PARÂMETROS UTILIZADOS	10
3.1. Acentuação e delimitação vocabular	10
3.1.1. Valor fonêmico do acento tônico	10
3.1.2. A delimitação vocabular no português	13
3.1.3. Graus de tonicidade e atonicidade	17
3.1.4. Críticas à posição de Mattoso Câmara Jr.	23
3.1.5. Escala ternária para o acento	39
3.1.6. Limites e princípio degenerativo da Fonologia Natural Pura	43
3.2. Formas lingüísticas	54
3.2.1. Vocábulo mórfico, tipos de formas	54
3.2.2. A composição e a derivação	73
IV. GRAUS DE DEPENDÊNCIA ENTRE OS VOCÁBULOS E SEUS ELEMENTOS	81
4.1. Apresentação escalar da dependência vocabular	82
4.2. Escala ternária para a dependência vocabular	144
V. CONCLUSÃO	149
BIBLIOGRAFIA	151

I - INTRODUÇÃO

1.1 - Objetivos

Durante as últimas décadas predominou, nos estudos fonológicos em geral, uma lógica binária apoiada nos trabalhos de Jakobson posteriores a 1931, quando ele rompe definitivamente com Trubetzkoy.

Esse binarismo estrito encontrou lugar sobretudo no gerativismo.

Os lingüistas a princípio não chegavam a divergir frontalmente do binarismo. Os fonologistas gerativos, por exemplo, quando muito, apresentavam as dificuldades surgidas numa interpretação binária dos traços distintivos e permitiam uma escala apenas no nível fonético, mantendo a binaridade a nível fonêmico.

Aos poucos alguns fonologistas, como K. Williamson, M. Lindau, P. Ladefoged, etc. começaram a propor traços multinários no nível fonêmico.

Finalmente P. Reimold, A. Sommerstein e J.-P. Angenot esboçaram um princípio ternário regendo traços fonológicos escalares. Angenot apresenta em Ternarisme en Phonologie toda a controvérsia entre binarismo, multinarismo e ternarismo, propondo esta última orientação como solução aos problemas de análise fonológica.

O principal objetivo do presente estudo é aplicar o princípio ternário a fenômenos da língua portuguesa. Essa aplicação não se restringe ao campo da Fonologia Portuguesa (como na questão da acentuação), mas também, e sobretudo, se volta à área da Morfologia, com a análise da formação de palavras.

A nossa preocupação de diversificar os campos de aplicação, para a Fonologia e para a Morfologia, objetiva comprovar a validade do princípio ternário em outros domínios lingüísticos além da Fonologia.

Paralelamente a essa aplicação, onde demonstramos a existência de uma dependência gradual e ternária entre os vocábulos e seus elementos, pretendemos discutir e rever os conceitos de acentuação e de formação de palavras.

A escolha de exatamente esses dois pontos, a acentuação e a formação de palavras, nesse emprego do princípio ternário, deve-se ao fato de que o primeiro vai apoiar o estudo da formação de palavras, e de que ambos podem se classificar escalarmente.

1.2 - Critérios

Ao estudar o sistema de uma língua, o lingüista se depara com toda uma estrutura hierarquizada. Para Bloomfield, devemos analisar a estrutura de uma língua através de seus constituintes imediatos. Por meio desse princípio, parte-se da frase, com seu padrão estrutural a que uma língua específica obedece, passa-se pelas formas complexas ou simples até se chegar aos constituintes últimos ou morfemas.

Há ainda uma outra camada, a dos fonemas, que não possuem significação própria e positiva, ao contrário do que ocorre nos níveis anteriores.

Enquanto a Sintaxe, a Morfologia e a Fonologia tratam de cada uma dessas camadas em si, a Semântica permeia os dois primeiros níveis de estudo.

Para muitos lingüistas esse inter-relacionamento de níveis se dá também entre a Sintaxe, a Morfologia e a Fonologia (e até a Fonética).

Yonnê Leite sustenta que propriedades fonéticas não são características independentes de um enunciado, elas se associam a considerações sintáticas e gramaticais; que uma regra de acentuação, por exemplo, necessita de informação gramatical; e que regras morfológicas definitivamente desempenham um papel no desenvolvimento da língua.¹

Porém, outras correntes teóricas pregam análises de cada nível tão exclusivamente quanto possível (a Fonologia Gerativa Natural, a Fonologia Natural Pura, etc).

Acreditamos que uma interposição de níveis lingüísticos pode ser bastante vantajosa quando apenas um deles não consegue solucionar todos os problemas que se apresentam, ou quando um nível vem ajudar ou ratificar o que se propõe em outro. Portanto, não se trata de uma inter-relação obrigatória, mas sim de uma proveitosa opção de que o lingüista dispõe.

1. Cf. Y. LEITE, 1974, páginas 26,42 e 120. Ver lista bibliográfica final. As citações traduzidas livremente aqui dispensarão aspas.

Neste trabalho, cujo tema central é tipicamente morfológico, motivações fonológicas, semânticas e algumas vezes sintáticas serão consideradas.

A graduação de dependência entre as formas lingüísticas se fundamenta nos aspectos fonológicos da acentuação; nos morfológicos dos limites de morfema e da estruturação e formação das palavras; no aspecto semântico do valor significativo das formas lingüísticas e de sua ligação; e no sintático da ordenação e associação sintagmática entre as formas. Então essa dependência vocabular é morfo-sintático-semântica e se reflete na acentuação, através de uma dependência fonológica muitas vezes correspondente.

Dentre os estudos feitos a respeito dos acentos tônico e âtono do português, é ainda o de Mattoso Câmara Jr. que se apresenta mais completo e abrangente. No entanto, sua teoria foi submetida a críticas que, como veremos, serviram, na verdade, para aperfeiçoá-la, sem conseguir sua anulação.

Os antigos conceitos de estrutura e formação de palavras vão sofrer aqui uma revisão, a fim de se obter uma coerência entre diversas posições.

Quanto aos dados usados em nossas demonstrações, baseamo-nos inicialmente nas análises de M. Câmara e Y. Leite. Posteriormente eles foram confrontados com dados obtidos através de uma observação participante de campo, da qual os informantes não estavam cientes. O material foi coligido de modo bastante informal, sem gravações magnéticas, nem grupos fixos de falantes. Os informantes são sulistas (de Santa Catarina e do Paraná) e nordestinos (de Pernambuco), pertencem à classe média e possuem nível de instrução médio ou universitário.

Procurou-se atingir neste estudo, sempre que possível, a realidade psicológica do falante do português do Brasil. Para isso, variações dialetais, individuais ou livres tiveram de ser muitas vezes abandonadas em proveito de fenômenos que se mostram sistemáticos e constantes. Pretendemos, assim, captar um denominador comum que reflita a percepção dos graus de dependência vocabular pelos falantes-ouvintes nativos brasileiros de determinada faixa sócio-cultural.

Essa percepção, por sua vez, determinou a distribuição e ordenação dos graus de dependência, juntamente com considerações morfológicas, fonológicas e às vezes sintáticas.

Em certas ocasiões nos deparamos com uma necessidade de escolha entre uma posição abstrata e uma posição concreta.

Uma solução abstrata tem a vantagem de ser mais simples e generalizante, podendo-se, assim, captar mais facilmente o funciona-

mento da língua.²

Mas, até que ponto podemos nos valer da intuição e de condições abstratas para avaliar a gramática de uma língua, sem cairmos em especulações artificiais? A abstração é um terreno muito insustentável e perigoso, desde que pode levar a racionalizações subjetivas. Por isso, nas nossas interpretações procurou-se uma orientação um tanto quanto concreta e natural, sem contudo se alcançar o outro extremo (da Condição Forte de Naturalidade, por exemplo.) Assim, evitaram-se radicalismos. A naturalidade se fez presente, por exemplo, quando verificamos a vantagem da acentuação delimitar vocábulos em lugar do símbolo (*) de limite de palavra.

Um critério que ainda deve ser ressaltado é o de que processos sincrônicos podem muitas vezes refletir fenômenos ocorridos na evolução da língua. "Há um interessante relacionamento entre mudança diacrônica e alternância sincrônica" (S.Schane, 1975:116).

1.3 - Argumentação

Para confirmar o domínio de um princípio ternário sobre escalas lingüísticas, demonstrou-se, no presente trabalho, a existência de uma dependência gradual entre os vocábulos e seus elementos que pode ser percebida intuitivamente pelo falante-ouvinte e que se confirma através de informações fonológicas, morfológicas, semânticas e sintáticas.

Essa ternaridade divide o eixo de força da dependência numa parte positiva, em outra, negativa, e num ponto neutro central.

No capítulo II apresentamos as proposições da Fonologia Natural Pura, entre as quais a do ternarismo, teoria de grande poder generalizador que pode ter ampla aplicação na Lingüística em geral, em classificações, sistematizações, bem como na solução de questões específicas.

2. M Mateus (1975: 245) defende que, se os processos gerais que subjazem à diversidade e dispersão da formalização de processos particulares estão sujeitos a condições abstratas pré-existentes, implícitas na gramática da língua, a determinação dessas condições torna possível uma visão de conjunto e a aquisição de um nível de abstração mais elevado que reflete não só a coerência interna do sistema de uma língua particular, como certas operações globais, apreensíveis intuitivamente (último grifo nosso).

O terceiro capítulo coloca em discussão conceitos e classificações fonológicas e morfológicas que vão fundamentar todo o estudo. São examinadas posições existentes sobre acentuação, delimitação vocabular, formas lingüísticas e processos de formação de palavras, como também são propostas alterações e novas orientações.

Enfim, os graus lingüísticos de dependência vocabular são apresentados no capítulo IV. Uma classificação ternária é demonstrada, baseando-se na existência de forte ligação entre os vocábulos e seus elementos, [+dependente], ligação essa que se enfraquece gradualmente até chegar em [- dependente], tendo um ponto intermediário oscilante [Ø dependente].

II - FONOLOGIA NATURAL PURA : O TERNARISMO

A adoção do ternarismo em Fonologia apareceu nos estudos feitos por J. -P. Angenot e discípulos, dentro da Fonologia Natural Pura.

Esse modelo fonológico está bem definido em Angenot e Dillinger (a aparecer), citado em Angenot, 1979, p.45:

A Fonologia Natural Pura é um modelo de Fonologia que difere de outras Fonologias Naturais por não admitir condicionamento não-fônico para regras fonológicas e por rejeitar o uso dos traços binários na classificação de segmentos e na classificação de processos ou regras.

A F.N.P é "pura" porque independe do resto do sistema lingüístico do falante, isto é, os processos (ou regras) nunca são motivados por variáveis não-fônicas. Porém, na análise fonológica não são ignorados os "metacondicionamentos" (traços de tempo, registro, entonação e acento expressivo), isto é, fatores, semânticos e pragmáticos, cuja influência indireta penetra nos processos.

A F.N.P. é "natural" na medida em que defende a importância da realidade psicológica e do caráter biológico inato de seus processos.

Conforme Angenot tinha exposto anteriormente (1978 b:9) : os vários modelos concretos de Fonologia Natural "estabelecem uma divisão nítida entre regras fonológicas, motivadas foneticamente, e regras morfofonológicas, motivadas morfo-sintaticamente". Essa divi

são " fundamenta-se em características específicas de oposição binária como sim-não, sempre-nunca, vivo-morto, produtivo-improdutivo. Os dados de língua, no entanto, mostram que essa dicotomia não é suficiente para descrevê-los e que a realidade forma um contínuo, transformando toda análise binária em escalas graduais de oposições. Diante dessa constatação, a F.N.P. constrói as hipóteses seguintes: as regras fonológicas são motivadas foneticamente e/ou fonologicamente, incluindo limites fonológicos de palavra ou de morfema, arqui-segmentos subespecificados ³ (que não são linear e diretamente fonetizados). Conseqüentemente, regras motivadas diferentemente situam-se em um eixo gradual que é caracterizado por uma relativa produtividade, opacidade, abstração e freqüência de uso". Essa relatividade " deve ser integrada à descrição estrutural das regras através da inclusão de valores numéricos."

Assumindo essa posição escalar, o autor prepara sua teoria ternarista.

Como verificamos em Angenot 1979: et passim, a controvérsia entre uma "Forte" e uma "Fraca Condição de Binaridade" abalou o binarismo e colocou à mostra suas falhas.

Primeiramente, a uma tese binarista rígida que classifica todos os traços como binários, se opôs um binarismo fraco em que alguns traços classificatórios são binários, e outros multinários.

A condenação explícita ao binarismo aparece em textos de Fonologia Gerativa (Smith, 1973, Gandour, 1974, Guile, 1974, Stahlke 1977 e Jacobsen, 1977), como também fora do gerativismo (Haas, 1957, Chafe, 1970, a Escola de Moscou, o grupo de Ladefoged, Reimold, 1974, Williamson, 1977 e Lindau, 1978)⁴

Sommerstein (1977:108), por exemplo, afirma: Eu não tenho visto nenhuma justificacão convincente para a doutrina de que todos os traços devem ser, de modo subjacente, binários em vez de ternários quaternários, etc. A restricão a duas especificaçoes subjacentes cria problemas e não resolve nenhum.

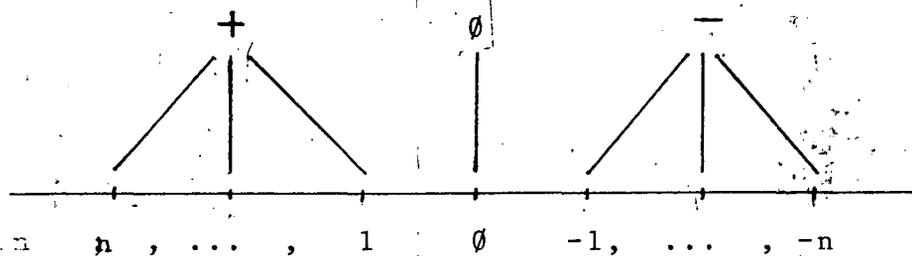
Enfim, é na F.N.P, que é proposta uma "Forte Condição de Ternaridade Balanceada", na qual todos os traços classificatórios são ternários (do tipo lógico, chamado "balanceado").

A lógica escalar é, então, regida por um princípio ternário em que, entre dois elementos opostos (um positivo e um negativo),

3. Posteriormente serão denominados "infra-segmentos" (1979:4.)

4. Ver J. -P. Angenot, 1979: 39-40.

existe o neutro. No nível subjacente temos [+ , \emptyset , -] ou [+ F] , [\emptyset F] e [- F] ; e no nível fonético sistemático, a escala numérica composta de números positivos, números negativos e do ponto [\emptyset] de divisão:



O traço [\emptyset F] , porém, recebeu diferentes interpretações na Fonologia, o que levou Angenot a distinguir três tipos:

1) Um primeiro [\emptyset F] ([F] , [+ F] , ou [x F]), previsto pela teoria gerativa, é um valor redundante binário arqui-segmental , isto é , um traço que não contradiz a oposição binária [+ , -] , visto que se especifica linearmente seja em [+ F] , seja em [- F] (+ either -) , pelo efeito de uma regra de estrutura morfológica;

2) um segundo [\emptyset F] , igualmente previsto pela teoria gerativa, que consiste num valor numérico mínimo situado num dos extremos de uma escala fonética n-ária;

3) e um terceiro [\emptyset F] , definido pela F.N.P. como um valor numérico nulo, neutro, intermediário entre os valores positivo e negativo, significando, então, + e - , isto é, nem + nem - (neither).⁵

Este [\emptyset F] da F.N.P. divide os traços das seguintes maneiras:

a) todo traço considerado multivalente por outros modelos fonológicos e situado sobre uma escala de números absolutos passa a ser colocado pelo modelo da F.N.P. numa escala de números relativos (uns positivos e outros negativos), divididos, segundo um princípio ternário, por

5. J. FISCHER (1975, cap. 9.40), citando Lightner e Stanley, explica esse 0: Se um segmento é o sonoro, ele se aplica ou quando não é possível [+ sonoro] nem [-sonoro] , ou quando ambos, + e - , podem ser aplicados. Mas quando uma dessas duas possibilidades for escolhida, o zero será tratado diferentemente da entidade com + ou - . Então, estamos realmente operando com traços ternários e seria errado considerar as entidades com zero mais simples do que aquelas com + ou - .

um ponto neutro de valor escalar nulo;

b) todo traço considerado binário por outros modelos e representado por símbolos polares, $[+, -]$, ou por números da lógica bivalente, $[1 F] : [\emptyset F]$, será sempre interpretado pela F.N.P. como ternário no nível fonêmico através dos termos $[+ 1 F]$ e $[- 1 F]$ que enquadrarão um terceiro valor neutro $[\emptyset F]$ presente eventualmente em infra-segmentos não-fonetizáveis diretamente. Esses infra-segmentos existem a nível subjacente, exercendo uma assimilação ou constituindo um entrave à aplicação de uma regra e sempre se apagam na derivação.

Dessas proposições da F.N.P. deduzimos que o $[\emptyset F]$ pode ser fonetizado ou não. Ele poderá ser realizado linearmente no primeiro caso, onde corresponderá a um elemento da antiga escala multivalente. No segundo caso, o $[\emptyset F]$ será vazio ou ocasionalmente corresponderá a um infra-segmento.

Dentro de nosso trabalho, encontramos na graduação de acentos um $[\emptyset F]$ vazio, apenas um ponto divisório. Já no eixo de dependência vocabular, o ponto $[\emptyset]$ se referirá a determinadas entidades ou estruturas morfo-sintáticas.⁶ Não se trata aqui de um traço fonológico $[\emptyset F]$, mas de uma aplicação do ternarismo à morfologia.

Dois outros tópicos tratados pela F.N.P. serão de grande importância para nossa análise: um se refere aos processos naturais de fortalecimento e de enfraquecimento,⁷ o outro diz respeito à realidade psicológica do falante.

Segundo Ängenöt:

"Diante do fenômeno da variação, a reação típica dos fonologistas gerativistas é a de evitar considerar tais variantes do sistema linguístico, desde que as regras devem refletir a competência de um locutor-ouvinte ideal (e mítico) e atribuir os acidentes a episódios de desempenho" (1978 b:6).

Contra essa interpretação se coloca a F.N.P. (Id., *ibid.*, 9 - 10): ao situar cada regra fonológica em um ponto do eixo de força de relativa produtividade - opacidade - abstração, o modelo da F.N.P.:

6. Ver capítulo IV

7. Ver p. 48-9, 96, 103-4, 118-9.

" fornece um instrumento de informação sobre o grau do conhecimento lingüístico internalizado atingido por cada locutor-ouvinte. Convém ressaltar que este modelo aceita as evidências constatadas em investigações sociolingüísticas e psicolingüísticas, que argumentam em favor da coexistência, na mesma língua, de competência variáveis, que diferem tanto interindividualmente como intra-individualmente, pertencentes aos locutores-ouvintes reais de uma comunidade lingüística heterogênea... Assim, essa abordagem admite que todas as manifestações do desempenho lingüístico devem ser explicadas pela descrição estrutural da representação subjacente da sua competência.

" Por outro lado, as regras mais produtivas, transparentes e concretas de uma língua coincidem com aquelas adquiridas primeiramente e, em consequência, mais resistentes e dominadas por todos os locutores da mesma comunidade, enquanto as menos produtivas, mais opacas e mais abstratas são conhecidas somente por uma minoria de locutores do mesmo socioleto, por exigirem uma maior capacidade de abstração que permita captar certas regularidades especialmente tênues e sutis".

Então, "os diferentes locutores distinguem-se pelo grau de abstração alcançado", que aumentará quanto maior for seu conhecimento sobre o sistema de uma língua.

Havendo várias formas subjacentes possíveis, recomenda-se "a investigação das representações abstratas, as mais generalizadas possíveis, aquelas que reúnem o maior número de regularidades a partir da reflexão sobre os dados superficiais."

Julgamos os posicionamentos da F.N.P. como bastante válidos e pertinentes. Eles mostram-se eficazes na resolução de problemas do âmbito da Fonologia.

Contudo, não podemos aplicá-los inteiramente num estudo de uma questão morfológica, como a da estrutura e formação de palavras. Além de levarmos em conta condicionamentos pragmático-semânticos, aceitos pela F.N.P., consideramos aqui, também, fatores morfológicos (estrutura de vocábulos) e sintáticos (colocação), que não condicionam processos puramente fonológicos.

Já o princípio ternário ultrapassa o domínio da Fonologia, podendo ser aplicado tanto em outras áreas da Linguística, como em outras ciências. Sendo assim, o ternarismo serviu perfeitamente ao presente trabalho.

III - DISCUSSÃO DOS PARÂMETROS UTILIZADOS

3.1 - Acentuação e delimitação vocabular

Para se analisar a hierarquia de dependência entre as formas lingüísticas, faz-se necessário o exame das manifestações da delimitação vocabular. O estudo da pauta acentual mostra-se indispensável, porém, controvertido.

3.1.1.- Valor fonêmico do acento tônico - Grande número de lingüístas concorda com o valor fonêmico do acento de força ou intensidade.

" A (função) do acento é essencialmente contrastiva, por isso que ele contribui para individualizar a palavra ou unidade que caracteriza relativamente às outras unidades do mesmo tipo presentes no mesmo enunciado." (A. Martinet, 1975:90.)

A colocação do acento tônico no enunciado diferencia as unidades de significação, por essa função distintiva. Veja-se: jaca ~ jacá; fábrica ~ fabrica; contem ~ contém; revólver ~ revolver; número ~ numero; falaram ~ falarão; sábia ~ sabia ~ sabiã.

Y. Leite (1974:10) levanta duas possibilidades de análise, baseadas na distribuição das vogais frouxas e do acento de ['ž a k a] e [ž ə 'k a] , por exemplo:

- 1a) Considerar a ocorrência das vogais frouxas dependente do acento; ou
- 2a) Considerar o acento dependente da ocorrência das vogais frouxas.

Ela acaba por escolher a primeira solução, a do acento como fonêmico, pois:

- a) em [ə m ə ' r ə w̃] e [ə ' m a r ə w̃] a vogal frouxa [ə] é encontrada em posição não acentuada e acentuada;
- b) as vogais frouxas nunca contrastam com as tensas, em português (a vogal oral frouxa nunca ocorre em posição acentuada);
- c) A primeira hipótese determina oito unidades fonêmicas: sete vogais e o acento, sendo assim mais econômica do que a segunda, que propõe doze fonemas vocálicos (tensas e frouxos).

Quando o acento é livre, como no português, além da função distintiva, ele possui também uma função culminativa, "servindo para notar a presença no enunciado de certo número de articulações importantes." (A. Martinet, 1975:90).

Além do mais, "a função contrastiva, mais especificamente culminativa do acento, pode precisar-se em função demarcativa no caso de, pela sua colocação na palavra ou na unidade acentual, o acento marcar os limites destas" (Id. *ibid.*: 94.)

A natureza fonêmica do acento tônico em Português mostra-se, portanto, incontestável.

Surge, porém, uma questão: se essa natureza fonêmica do acento lhe confere o status de fonema, ou se o acento é simplesmente um traço prosódico.

Para alguns estudiosos, o acento é um fonema, ou um tipo de fonema:

- Bloch e Trager (1942:41) consideram o acento como fonema prosódico ou supra-segmental;
- Bloomfield (1961:163) classifica-o como um tipo de fonema "secundário";
- Swadesh (The Phonemic Principle) chama o acento fonemático de "tasema";
- Twadell (1935) criticou o "fonema-traço" de Bloomfield por não explicitar se se trata de traço do fonema ou traço que é um fonema.

Se nós aceitarmos uma definição de fonema como "feixe de traços", tal qual R. Jakobson (1972: et passim) apresenta, então o traço não é um fonema, mas sim um componente do fonema. Assim, devemos escolher entre colocar o acento como um tipo de fonema ou como um traço.

R. Jakobson (1972:117) classifica os traços distintivos em (1) prosódicos e (2) inerentes. O acento de força coloca-se entre os traços distintivos prosódicos (tom, força e quantidade) e se caracteriza por se apresentar só "*nos fonemas que formam o ápice da sílaba*" e por só se "*definir em referência ao relevo da sílaba ou cadeia silábica.*"

Chomsky e Halle, assim como S. Shane (1975:56) consideram o acento como traço prosódico da vogal [+ tônica] .

Y. Leite (1974: et passim) apresenta soluções de vários autores (Paviani, Perini) para os quais a acentuação é assinalada com o traço [+ acento] . Porém a própria autora não faz distinção entre fonema e traço, quando chama o acento ora de fonema (p.10), ora trata-o como traço [+ acento] (p.42-3.)

M. Câmara também se mostra inconsistente no tratamento do acento. Em Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa (p.46), falando da

função distintiva do acento, encontra-se: " ... o que é decisivo para dar conteúdo fonêmico a um traço de ordem fonética." Mas em Princípios de Linguística Geral(p.65), ele deixa clara a sua concepção:

" Pode-se considerar a quantidade, a altura ou a intensidade como um fonema que se superpõe a outro, em vez de a ele se seguir como novo segmento da série fônica; ou, em outros termos, um fonema supra-segmental ou prosodema".

Pareceu-nos melhor, entretanto, considerar o acento como um traço prosódico de valor fonêmico, pois o acento não se divide em traços, como acontece com os fonemas segmentais.

Então o acento, sendo traço distintivo, aparece na linha horizontal de uma matriz fonológica, tal qual os outros traços, como podemos encontrar em Jakobson, Fant e Halle (1972:44)

3.1.2. A delimitação vocabular do Português - No português do Brasil, o limite entre vocábulos é marcado por certos fenômenos fonéticos. Esses fenômenos constituem marcas fonológicas, já que possibilitam uma percepção da delimitação vocabular.

É verdade que esses fenômenos são fortemente influenciados pela velocidade de pronúncia do enunciado. Essa variação poderia sugerir que tais fenômenos fossem apenas fonéticos, uma questão de desempenho.

Mas para J.-P. Angenot, M.Ohala e outros, o traço de tempo condiciona regras fonológicas. M.Gnerre (1976: et passim) defende que as velocidades de pronúncia são fonologicamente relevantes para o português e distingue seus quatro tipos: "largo" (mais lenta), "andante", "allegretto" e "presto" (mais rápida). Uma velocidade mais

lenta está mais próxima da estrutura subjacente de uma forma, pois a explícita fonologicamente ao máximo.

Então, a velocidade mais lenta ("largo") reflete a estrutura profunda de um enunciado, antes da aplicação de regras, e uma velocidade média ("andante" ou "allegretto") já indica processos fonológicos que atingem sistematicamente esse enunciado. Como esses processos serão abordados no presente trabalho, a velocidade média estará na base das interpretações. A velocidade mais rápida ("presto"), da linguagem mais descuidada, nos servirá de vez em quando apenas para exemplificar tendências fonológicas inconsistentes.

Os signos demarcativos, de modo geral, podem ser representados por fonemas, traços não distintivos, grupos de fonemas, etc., que são ocorrem em determinadas posições.

Concluimos que possuem função delimitativa em português : (1) a pausa, (2) a vogal prolongada e as consoantes geminadas, (3) a acentuação e (4) o vocalismo, tudo isso juntamente com o contexto semântico.

Esses fenômenos podem se encontrar simultaneamente ou isoladamente, sendo cada qual capaz por si só de delimitar vocábulos. Diante da eventual insuficiência de cada signo demarcativo, podemos recorrer ao signo seguinte (se ele for concernente ao caso).

O primeiro, mais simples, é a pausa entre vocábulos que, no entanto, só marca rigorosamente os limites na velocidade mais lenta (quando cada vocábulo é artificialmente destacado, para que ruídos de comunicação sejam superados).

No encontro entre vogais iguais, uma final e a outra inicial de vocábulo, em que uma delas ou ambas são tônicas, surge uma vogal prolongada que assinala uma delimitação vocabular, já que não existem, em princípio, vogais prolongadas em português. Exemplos:

ela ama, está amando, está alto, aqui está, este item, só olhe, negro urso, etc. É na velocidade média-rápida que se percebem essas vogais prolongadas; numa velocidade menos rápida, percebe-se um hiato. Como os hiatos de vogais iguais em Português são muito raros (Saara, osé-riíssimo), pode-se considerar que eles marquem também limite vocabular.

Consoantes iguais numa velocidade média produzem uma geminação. A delimitação vocabular, então, está marcada, uma vez que não há consoante geminada em português. Como atesta, aliás, M. Câmara (1970:52), há oposição entre ar roxo (com dois /x/ geminados) e arrocho (com um fonema /x/ único), entre paz sólida e pã sólida, entre sem mana e semana.⁸

Entretanto (ainda com uma velocidade média), desaparece o limite segmental nas seguintes situações:

1) entre vogais (final e inicial) diferentes, das quais pelo menos uma é tônica, pois se dá um hiato, encontrado também no interior de vocábulos: este ar e estiar possuem o mesmo hiato / e s t i a x / ; isto ocorre também com vi ação e viação, ambos / v i a s ã w / aqui abro, quiabo, cru ente e cruento, etc.

2) entre vogais átonas iguais, quando, então, há crase. Comparem-se: esta ação e estação, ambos / e s t a s ã w / , suave idade e suavidade / s u a v i d a d i / , etc.⁹

3) entre vogais átonas diferentes, quando pode haver:

a) ditongação, sendo a primeira vogal alta (o ditongo é sempre crescente, pois a semivogal será a vogal mais débil, a final): este olhar / e s t y o l a x / , que perde oposição com o ambiente análogo de

8. Observa-se, em muitos falares, uma tendência a ditongar a vogal tônica final travada por /s/ ou nasal: paz / p a y s / , sós / s o y s / , também / t a N b e y N / , dando-se a neutralização entre ditongo e vogal simples (pás-pais, sós-sóis).

9. Seria forçado querer encontrar nesse caso uma vogal prolongada, como tenta M. Câmara. Ela só ocorreria em velocidade lenta.

estiolar / e s t y o l a x / ;

b) elisão (não havendo uma primeira vogal alta para ditongar): Caixa oval / k a y š o v a w /, que tem ambiente análogo a enxoval / e ñ š o v a w /.¹⁰

Ainda se anula o limite segmental entre:

- 1) consoantes diferentes: as faltas e asfaltas / a s f a w t a s /, cor vinho e corvinho, mal dito e maldito, ar marinho e armarinho;
- 2) consoante e vogal: ar amado e aramado / a r a m a d u /, ar alto e arauto, as afamadas e azafamadas;
- 3) vogal e consoante; a chata e achata / a š a t a /, da nação e danação, Jó vem e jovem, dã nada e danada.

Em todos esses casos em que os limites não são indicados pelos fonemas, nem há pausa perceptível, surge um signo demarcativo de grande importância e abrangência que é a acentuação. Essa "juntura"¹¹ *supra-segmental, decorrente das pausas acentuais*" (M. Câmara, 1970: 53) faz a demarcação vocabular quando os segmentos se mostram neutros a isso e também quando reforça uma delimitação segmental já existente.

Segundo M. Câmara, é a gradação da intensidade prosódica das sílabas que vai criar a junctura vocabular.

" Podemos dizer, assim, que o acento em português tem tanto a função distintiva quanto delimitativa, na terminologia de Trubetzkoy" (Id., *ibid.*: 53).

10. Nas transcrições fonêmicas, não foram utilizados arquifonemas. As neutralizações são apresentadas com letras minúsculas, por uma questão prática.

11. O termo junctura aparece em M. Câmara muitas vezes como sinônimo de limite. Só adquire tratamento especial no Dicionário de Linguística e Gramática, como será visto em 3.2.1.

Enfim, a importância perceptual da acentuação na comunicação está muito bem confirmada por A. Martinet (1975:91-2), quando verifica que "não se compreende uma palavra mal acentuada, ainda que sejam perfeitamente pronunciados os fonemas que a compõem." Os ouvintes começam a "identificar a palavra por referência ao ponto culminante que o acento constitui", captando, pois, o acento antes mesmo dos fonemas. Identifica-se a sílaba acentuada por contraste com as sílabas vizinhas não acentuadas; "implica isso que todos os elementos necessários à interpretação são oferecidos pelo locutor, encontram-se realmente presentes no enunciado e são passivamente registrados pelo ouvinte. Não acontece o mesmo com os componentes fonemáticos, os quais são (são) identificáveis por confronto memorial com as unidades do sistema não presentes."

Se a natureza fonêmica do acento tônico¹² na nossa língua já é reconhecida pelos linguístas, é M. Câmara quem vai reconhecer o valor fonêmico presente na gradação de atonicidade, vista por alguns como puramente fonética.

3.1.3. Graus de tonicidade e atonicidade - A simples presença do acento tônico (e sua variante) assinala a existência de um vocábulo (função culminativa). Mas esse acento por si não marca limites de palavra, porque ele é livre, isto é, sua posição independe da estrutura fonêmica do vocábulo. O tônico pode surgir na última sílaba, na penúltima (o mais freqüente, dando ao português um ritmo grave) e na antepenúltima.

12. "O português é uma língua intensiva, mas a gramática portuguesa usa, no estudo do acento, a nomenclatura do grego, que era uma língua tonal. Daí os adjetivos 'tônico' (derivado de 'tom') e 'átono' (sem tom), e os compostos 'oxítono' ('tom agudo'), 'paroxítono' (para-lado de'), 'proparoxítono' (pro-'antes') para classificar os vocábulos portugueses pela posição do acento." (M. Câmara, 1977a:39).

O limite vocabular vai ser assinalado principalmente pela colocação e gradação do acento átono, que se investe, portanto, dessa função delimitativa, como bem o demonstra M.Câmara em sua obra.

O acento tônico tem como alofone o subtônico, com acentuação secundária, que surge no primeiro elemento dos "grupos de força" (ou acentuais (em que os vocábulos se encadeiam sem pausa) e no primeiro elemento dos vocábulos compostos. A sílaba tônica do segundo elemento se opõe à subtônica, possuindo acento primário.¹³

Quanto aos átonos, eles têm três graus fonéticos:¹³

- I - atonicidade máxima, nas sílabas átonas finais de vocábulo e na primeira postônica das proparoxítonas;
- II- atonicidade média, nas pretônicas não-iniciais, ou iniciais começadas por vogal; e
- III- atonicidade mínima, nas pretônicas iniciais começadas por consoante.

Nessa gradação fonética, porém, somente os graus máximo e mínimo de atonicidade têm a função fonêmica delimitativa. O grau II não passa de alfone do grau III, já que essas duas variações exercem a mesma função delimitativa: a de marcar o início de vocábulo. Assim, há apenas dois graus fonológicos de atonicidade (que assinalaremos com I e II, por enquanto): "uma atonicidade máxima na cadeia fônica marca sistematicamente um fim de vocábulo, enquanto a atonicidade mínima lhe assinala o começo". "Por essa distribuição acentual, opõe-se a juntura à falta de juntura" (M. Câmara, 1970:53).

Exemplo: habilidade / a b i l i d a d e / se opõe a
II II II T I

13. Não foi repetida aqui a numeração dos átonos que M.Câmara traz em Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa (p.48), porque não coincide com a numeração do seu Estrutura da Língua Portuguesa (p.53), nem com a que Y.Leite apresenta (p.14), podendo haver confusão entre os números. A numeração dada é provisória. Ver 3.1.5.

hábil idade / a b i l i d a d e / (onde T= tônica e S= subtônica):
 S I II T I

Convém notar que, se aparecem dois graus iguais juntos, o primeiro grau II é que marca início de vocábulo e o segundo grau I, fim de vocábulo (exemplo: próximo / p r o s i m u / .)
 T I I

Como explica Y. Leite (1974:15), num grupo acentual num acento I, seguido de acento II, de sílaba tônica ou de subtônica, assinala o fim do vocábulo, assim como o faz um acento subtônico seguido de outro subtônico, de tônico ou de acento II.

Por exemplo: em oitenta volumosos livros

/ o y t e n t a v o l u m o z u s i i v r u s / , percebem-se as
 II S I II II S I T I

junturas entre I e II, e entre I e T; como em: só quero pão

/ s o k e r u p ã w / , com junturas entre S e S, e entre I e T.
 S S I T

O acento subtônico, sendo variante do tônico, se investe das funções deste: a distintiva, a culminativa e, ajustado com os átonos, a delimitativa.

O subtônico do primeiro vocábulo, passando a ser tônico quando o vocábulo está isolado, é apenas uma variante posicional do acento tônico. Portanto, o subtônico como tal deveria ser dispensado de uma análise fonêmica. Porém, para o estudo de dependência vocabular é bastante vantajoso mantê-lo especificado nas transcrições fonêmicas, pois o acento subtônico evidencia a submissão do primeiro elemento de um grupo acentual ou de um composto ao acento tônico do segundo elemento, bem como salienta a unicidade desse grupo ou composto. Esse realce não poderia ser feito se fossem colocados dois ou mais acentos tônicos seguidos.

Podemos concluir de tudo isso que a atonicidade sempre marca limite entre vocábulo fonológicos, havendo ou não outras marcas demarcativas simultaneamente.

Além da função de delimitação vocabular, os graus de atonicidade têm o papel "de um condicionamento fonêmico das vogais, que oferecem (...) quadros distintos conforme o grau de atonicidade das sílabas em que se acham" (M. Câmara, 1977b:50).

O sistema de vogais átonas resultante desse condicionamento tem também função delimitativa, reforçando simultaneamente essa função da acentuação átona.

No caso específico em que a atonicidade não consegue marcar limite entre "vocábulo mórficos" (que serão estudados posteriormente), o vocalismo átono assume esse papel demarcativo. É o que acontece com os vocábulos clíticos (ver p.113-42). Por exemplo, o limite entre o artigo e o substantivo em o posto, não é marcado pela acentuação (que é igual à da palavra oposto), mas pela elevação que sofre o artigo: / u p o s t u / .

Finalmente, quando o clítico não pode sofrer elevação, o único índice de limite que resta é o contexto semântico em que se encontram os vocábulos; por exemplo: entre a massa e amassa não há mais nenhum sinal fonológico delimitativo.

Em sua obra, M. Câmara define bem o sistema vocálico do português. Na posição tônica é encontrada a série completa de vogais contrastivas: / a / - / ε / - / e / - / i / - / o / - / ó / - / u / : (quadro 1.) Os contrastes entre essas vogais são, porém, suscetíveis de neutralização quando elas se acham em posição átona. Portanto, na pronúncia do Rio de Janeiro (e grande parte do Brasil - observação nossa), esse sistema é reduzido a cinco fonemas em posição átona pre-tônica: / a / - / e / - / i / - / o / - / u / (quadro 2), anulando-se as oposições ε ~ e e o ~ ó .

Na posição de final de vocábulo, há uma nova redução para três fonemas: /ã / - / i / - / u / (quadro 3.)

Essas neutralizações em português se explicam como um fenômeno de percepção. Segundo S. Schane (1975:90), os segmentos que são diferenciados ao máximo, como as vogais tônicas, são mais estáveis do que aqueles que são menos diferenciados (as átonas):

"As vogais átonas têm menos distância perceptível entre si e podem, por isso ser neutralizadas, processo este que leva à existência de um número menor de vogais"

Graças à neutralização, as átonas resultantes ficam com a distância perceptível aumentada, estabelecendo-se o contraste entre as altas / i / - / u / e a baixa / a / do quadro 3, por exemplo (ou entre anterior e posterior.)

Sobre esse condicionamento fonêmico das vogais, vale salientar uma distinção feita por M. Câmara (1977:89,119) entre neutralização e debordamento.

De um ponto de vista geral, o debordamento é a "substituição de um fonema de uma forma lingüística pelo outro fonema que constitui com ele um par opositivo. Do debordamento resulta, portanto, uma neutralização"; que se dá quando "a oposição fica suprimida e uma única forma equivale às que se apunham." Num sentido estrito, a diferença é que na neutralização "elimina-se a oposição dos fonemas" e no debordamento "cria-se uma flutuação na escolha de um ou outro fonema da oposição." Então, a substituição de / e / e / o / por / i / e / u /, quando pretônicos é facultativa e se trata de um simples debordamento (encontram-se as pronúncias de feliz e coruja ora com [e] e [o], ora com [i] e [u] harmonizados). Enquanto que

a neutralização ocorre sistematicamente, tal qual com as vogais átonas finais / e / ~ / i / e / o / ~ / u / , quando pronunciadas em velocidade média ou rápida. Os fonemas únicos resultantes / I / e / U / são os arquifonemas.

Contudo, a linha divisória entre a neutralização e o debordamento parece um tanto vaga. Até que ponto o uso de um fonema pelo outro da oposição obedece a uma escolha ocasional, esporádica, ou a uma tendência persistente e geral? Além do mais, essa escolha vai variar também de acordo com os falares regionais, os níveis de registro e a velocidade de pronúncia.

Se reconhecermos essa diferença entre neutralização e debordamento, devemos dar preferência ao fenômeno da neutralização como base explicativa e determinante de processos fonológicos (por exemplo, a neutralização decidindo os tipos de subsistemas vocálicos.) Ficam num plano secundário (mas não sendo desconsiderados) os debordamentos, ocasionados por influências dialetais, por determinado nível de registro ou por velocidade de pronúncia. Mas não se deve ignorar, ainda, que essa distinção pode, em certos casos, se tornar confusa.¹⁴

Vale observar, enfim, a respeito das vogais átonas, que elas "oscilam numa maior ou menor atonicidade, em função da intenção expressiva quer do estilo, quer do registro articulatório. Tornam-se singularmente fracas não só nos vocábulos pouco relevantes da frase, mas também, generalizadamente, na pronúncia articulatoriamente relaxada da fala coloquial" (M. Câmara, 1977b:60.) Como afirmam Bloch e Trager (1942:48), não é a força absoluta de uma sílaba que é importan

14. É baseada nessa indefinição que Y. Leite critica a validade da neutralização, como veremos a seguir:

te, mas sua força relativa a outras sílabas na mesma expressão.

3.1.4 - Críticas à posição de M. Câmara - Y. Leite (1974:et passim) dirige algumas críticas ao tratamento que M. Câmara dá à acentuação. Devemos fazer aqui uma avaliação desse exame.

A autora apresenta (p.11-12) quadros dos sistemas vocálicos átono e tônico do português, como propostos por M. Câmara:

a) sistemas vocálico do falar do Rio de Janeiro:

<u>tônicas</u>		<u>átonas não-finais</u>		<u>átonas finais</u>	
/ i /	/ u /	/ i /	/ u /	/ i /	/ u /
/ e /	/ o /	/ e /	/ o /		
/ ε /	/ ɔ /				
/ a /		/ a /		/ a /	

b) dos falares nordestinos:

<u>tônicas</u>		<u>átonas não-finais</u>		<u>átonas finais</u>	
/ i /	/ u /	/ i /	/ u /	/ i /	/ u /
/ e /	/ o /				
/ ε /	/ ɔ /	/ ε /	/ ɔ /		
/ a /		/ a /		/ a /	

c) dos falares sulistas

<u>tônicas</u>		<u>átonas não-finais</u>		<u>átonas finais</u>	
/ i /	/ u /	/ i /	/ u /		
/ e /	/ o /	/ e /	/ o /	/ e /	/ o /
/ a /		/ a /		/ a /	

Porém, nas obras de M. Câmara a que tivemos acesso, não encontramos os quadros citados por Y. Leite referentes ao vocalismo nordestino e sulista. M. Câmara baseia seu estudo no registro formal e informal do dialeto social culto do Rio de Janeiro, às vezes também citando a pronúncia popular carioca:

" No dialeto da área do Rio de Janeiro, que é a base da nossa descrição ..." (1970:45.)

Sem que se discuta mais a autoria dos quadros dialetais de vocalismo tônico e átono, devem-se observar algumas falhas neles presentes:

A primeira objeção se refere ao sistema de vogais acentuadas de alguns dialetos do Sul do país. Estão ausentes as vogais /ɛ / e / o / tanto em posição tônica como em posição átona. Parece, contudo, indiscutível a presença de tais vogais em sílabas tônicas, como nos exemplos: leve / ' l ɛ v e / , quero / ' k e r o / , loja / ' l o ʒ a / , aposta / à ' p o s t a / .

Quanto ao subsistema de vogais átonas não-finais do dialeto nordestino, que foi colocado, é oportuna a observação de Tarquínio, mencionada por Y. Leite, de que em posição pretônica também ocorre a vogal / o /. Acrescentemos ainda a vogal / e /, que, junto com o / o /, aparece no dialeto nordestino no caso de harmonia vocálica; por exemplo: formoso / f o x ' m o s u /, porteiro / p o x ' t e y r u /, letreiro / l e ' t r e y r u /, leproso / l e ' p r o z u /. Essas ocorrências, entretanto, se devem à harmonização e não unicamente à pauta acentual (ver p. 277).

Para M. Câmara, o que sustenta o status fonêmico dos graus do acento átono é não só a neutralização (como diz Y. Leite), mas também a função delimitativa.

Y. Leite sustenta que os casos de neutralização não estão suficientemente claros para servir de apoio à teoria de M. Câmara. Cita, então, em sua primeira objeção, L. Eastlack: quando M. Câmara determinou que na posição final de vocábulo o quadro de vogais se reduz aos fonemas / a / - / i / - / u /, ele não considerou palavras

do tipo revólver, amável, servem, que nos levam a adicionar o / e / à série de vogais finais.

Essa crítica nos parecer aceitável, visto que não se trata de um simples debordamento: a pronúncia geral é com [ɛ] e [e] nesses casos. M.Câmara (1977b:47) apenas tangência essa questão: "*a posição do acento colabora com um mínimo de diferença vocálica (ci vel-civil)*".

Observe-se, todavia, que tais palavras são pouco frequentes, sendo mais numerosas as palavras terminadas em /'x /, /l / e / ñ / com acentuação oxítona. Haja vista todos os infinitivos verbais (cantar, correr, partir); a longa série de palavras derivadas com sufixos tônicos (amargor, jogador, familiar, arrozal, ocidental, febril, tamborim, etc.); e algumas palavras primitivas (rancor, jornal, papel, fuzil, atol, azul, também, assim, algum, etc.). Aliás, M.Câmara nota que "*o mais comum é serem oxítonos os vocábulos terminados em -r(...), em -l ou por arqui fonema nasal*" (1970:55.)

Y. Leite complementa L. Eastlack com exemplos em que / e / e / o / ocorrem em sílabas postônicas: véspera, vértebra, filósofo, abóbora. Realmente verifica-se a ocorrência sistemática do / e / postônico nos proparoxítonos, sem que haja neutralização mesmo onde caberia uma harmonia vocálica: bípede / ' b i p e d i /, ímpeto / ' i n p e t u /, ópera, útero, véspera, etc.

Em trabalho posterior ao que traz apenas três vogais nessa posição¹⁵, o próprio M.Câmara coloca o / e / no quadro das postônicas dos proparoxítonos, admite a não neutralização entre / e / e / i / nes

15. O quadro com três vogais átonas penúltimas foi apresentado em 1949, na sua tese Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa; e o posterior, com quatro fonemas, na edição póstuma de Estrutura da Língua Portuguesa, 1970.

sa posição e exemplifica: número / ' n u m e r u / e tépido / ' t ε p i d u / (ver 1970:33-4.)

Porém, o mesmo não acontece com o fonema átono penúltimo / o /. Enquanto M. Câmara (ibid.:33) sustenta que há neutralização entre / o / e / u / (pérola / ' p ε r u l a /, ídolo / ' i d u l u /), Y. Leite registra somente o aparecimento do / o /, sem neutralização, em filósofo, abóbora.

Constatamos que o que ocorre de fato é um debordamento entre / o / e / u / quando penúltimos átonos. Essa variação livre é feita por um mesmo falante, independentemente de dialeto ou de velocidade de pronúncia. Numa mesma velocidade encontra-se indiferentemente a realização de / o / ou / u /, mesmo onde caberia uma harmonização: óbolo / ' o b o l u / ou / ' o b u l u /, fósforo / ' f o s f o r u / ou / ' f o s f u r u /, o mesmo com ídolo, árvore, pérola, átomo, cômodo, filósofo, abóbora, etc.

Uma variação tão livre e assistemática justifica a não-colocação do / o / no quadro de átonas penúltimas, sendo esse debordamento considerado apenas fonético e irrelevante.

Tudo o que foi ponderado nos leva a optar pelo seguinte quadro de vogais postônicas:

/ u /	/ i /
	/ e /
	/ a /

Como objeção à neutralização e aos subsistemas átonos das vogais, Y. Leite remete também ao caso dos sufixos -inho e -íssimo que não condicionam uma neutralização vocálica no elemento anterior. Porém, como será visto em 4.1., p.94-6, trata-se de um caso excepcional de um processo agonizante, ocorrente com certos sufixos, que não invalida o processo vivo e bastante produtivo da neutralização.

Antes de discutirmos os próximos argumentos apresentados por Y. Leite, devemos fazer aqui uma distinção básica e importante:

A neutralização vocálica, processo em que as distinções fonológicas entre segmentos são reduzidas em determinado ambiente, pode resultar de dois diferentes fatores:

1) da pauta acentual, em que se baseia M. Câmara para determinar os subsistemas átonos das vogais. Então, a neutralização entre / ε /, / e / e / i / nas palavras: vontade / v o n t a d i /, aparece / a p a r ε s i /, por exemplo, deve-se exclusivamente à sua condição de vogal átona final, com debilidade máxima (sem que haja influência dos segmentos circundantes).

2) de uma harmonização, isto é, da assimilação dos traços distintivos de uma vogal por outra vogal. Assim, nas palavras: peteca / p ε t ε k a / e formosa / f o x m o z a /, o que ocasiona a neutralização de / e / e / ε / em / ε /, e de / o / e / o / em / o / é especialmente a harmonização da vogal pretônica com a vogal tônica aberta.

Aliás, S. Schane (1975: 8-9) pressentiu essa relação:

" Parece haver uma inter-relação entre neutralização e assimilação, ou entre neutralização e posição fraca.

Muitas vezes essas duas causas da neutralização se opõem, como em, peteca e formosa, onde a harmonização pode superar a tendência das pretônicas a se neutralizarem numa vogal de timbre fechado. Outras vezes as duas coincidem e se reforçam: formoso / f o x m o s u /, beleza / b e l e z a / (ocorrentes também no falar nordestino). Mas esses dois fatores agem independentemente um do outro e, portanto, não se invalidam mutuamente (como pretende Y. Leite).

Esses dois fatores têm valor fonêmico, porque refletem tendências sistemáticas e coletivas.

Entretanto, em nome de uma generalização que explique o funcionamento do sistema vocálico da língua portuguesa do Brasil, esses casos de harmonia vocálica e as variações dialetais em contradas na neutralização não devem determinar os subsistemas de vogais átonas. Essa busca de uma visão global torna a pauta acentual e a conseqüente neutralização vocálica, propostas por M.Câmara, explicações válidas para definir nosso sistema de vogais.

Ao procurar argumentos na variação da pronúncia dialetal, Y. Leite reconhece que a informação é fragmentária e insuficiente. Mas, mesmo que esse campo estivesse bem explorado, insistimos em que essas variações dialetais não devem invalidar uma explicação sistemática e generalizante que defina aspectos do funcionamento da língua portuguesa.

A segunda principal objeção à neutralização sustenta que a harmonia vocálica obscurece os quadros do vocalismo.

Após apresentar o princípio de harmonia vocálica explicado por M.Câmara, em que as vogais tônicas / i / ou / u / harmonizam as vogais precedentes em / i / ou / u / (ex: m [e] ter, m [i] tido, m [o] ver, m [u] vido), Y. Leite acrescentou que as tônicas / ε / ou / ɔ / também harmonizam as vogais médias altas precedentes (r [ε] médio, b [ɔ] lota).

Esse acréscimo crítico não tem sentido, desde que o próprio M.Câmara (1977b:60) já se tinha referido a essa harmonização, aludindo à observação de Sousa da Silveira: "... remete, com [ε] átono inicial aberto por causa do [ε]ônico aberto, ao lado de / r e m e t u / com o / e / átono fechado em harmonia com oônico fechado."

E além do mais, como já foi discutido, uma harmonização,

que seria uma força desviantete para o vocalismo átono proposto por M. Câmara, não chega a derrubar o valor da acentuação como determinante desse subsistema vocálico átono, porque a ação da pauta acentual é mais geral e abrangente do que a harmonização.

Inclusive, M. Câmara percebe isso quando chama de "sui-generis" as neutralizações por harmonização de / e / - / i / e / o / - / u / no quadro 2. E, embora o quadro 2 de cinco vogais átonas funcione precariamente na pronúncia relaxada,

" O resultado fonêmico da harmonização vocálica não chega a ser o funcionamento do triângulo reduzido de três vogais (para as pretônicas), apesar disso. Há, apenas, uma invasão ou debordamento de um fonema sobre a área do outro. Um / e / ou um / o / tônicos não logram harmonizar no sentido do seu abrimento um / i / ou um / u / átonos, e nesta circunstância, como diante de / a / tônico, há contrastes significativos / e / - / i /, / o / - / u /, como em pesar - pisar, pesemos - pisemos, corar - curar, coremos - curemos " (1977b:60.)

M. Câmara (1970:35) ainda cita os casos em que não há neutralização, conservando-se íntegro o quadro 2:

a) Para fim de clareza comunicativa, fazem-se os contrastes

/ k o ñ p r i d u / - / K u ñ p r i d u / , / s o a x / - / s u a x / ,
/ p i a x / - / p e a x / .

b) Quando a sílaba pretônica pertence a um prefixo, sua vogal média fechada se mantém: previ / p r e v i / , pronúncia / p r o n u n
s y a / .

c) Com uma interferência do plano morfológico, a vogal pretônica mantém-se firme em vocábulos derivados, associados de modo para-

digmático aos vocábulos primitivos em que ela é tônica (exemplo : servil / s e x v i w / e o plural servis / s e x v i s /, derivados de servo / s e x v u /). Note-se que em dormirá / d u x m i r a / o que eleva a primeira pretônica, / u' /, é o fato de que o falante tem consciência da derivação dessa forma, associada a / d u x m i m u s / (onde o / u / se harmoniza com o / i / tônico), pois normalmente essa primeira pretônica da palavra continuaria média (como em: documento / d o K u m e N t u /, érudito d / e r . u d . i t u / .)

d) Enfim, há na pronúncia coloquial tensa uma resistência à harmonização.

Então, o quadro 2 com cinco vogais átonas ainda é válido, apesar da força contrária dos casos particulares de harmonia vocálica.

Uma terceira crítica levantada por L. Eastalack se refere ao conceito de sílaba.

Primeiramente ele alega que M. Câmara não define claramente o significado do termo "sílaba" para o português. Depois sustenta que nós devemos definir uma sílaba fonêmica como todo e qualquer fonema vocálico, desaparecendo, assim, a distinção fonêmica entre vogal e semivogal e anulando-se as antigas definições de palavras oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas.

Contudo, o que encontramos na obra de M. Câmara não corresponde à primeira observação: a sílaba se encontra muito bem definida (conferir com o capítulo VI de Princípios de Linguística Geral, com o verbete "sílaba" do Dicionário de Linguística e Gramática, e com os capítulos II.5 de Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa e VI de Estrutura da Língua Portuguesa.)

Ele conceitua sílaba como

"... emissão vocal assinalada por um ápice de abrimento articulatório e tensão muscular que corresponde ao fonema 'silábico' e pode ser precedido de fonemas assilábicos (...) e seguido de outros (...) Em princípio, o silábico é uma vogal, e na língua portuguesa o é sempre; mas no ditongo há uma vogal assilábica na parte crescente ou na decrescente da sílaba dita semivogal" (1977 a : 218.)

Essa definição, inclusive, anula outra crítica, a de F. Rogers, segundo a qual M. Câmara geralmente acredita que os fonemas semivogálicos só existem em ditongos decrescentes.

Sobre a discussão do valor fonêmico da semivogal no português, L. Eastlack se apóia em F. Rogers quando ele alega artificialidade nos exemplos de pares opositivos citados por M. Câmara.

No entanto, nem todos seus exemplos são artificiais. Há bastante nitidez e autenticidade na oposição dos pares: quais / k w a y s / coais / k u a y s /, deu / d e w / e dê-o / d e u /, Deus / d e w s / e dê-os / d e u s /, viu / v i w / e vi-o / v i u /; e acrescentemos outros exemplos que confirmam os primeiros: leu / l e w / e lê-o / l e u /, ouviu / o w v i w / e ouvi-o / o w v i u /, riu / x i w / e rio / x i u /, etc.

Ao se considerarem esses exemplos, sobretudo os três primeiros, parece inegável a natureza fonêmica da semivogal / w /. Note-se que M. Lemle decide-se pelo contraste / u / - / w /.

Quanto à semivogal / y /, não temos pares opositivos tão decisivos. Poderíamos citar sai / s a y / e sai' / s a i / na verdade, a diferença está primordialmente na acentuação (o terceiro fonema sendo átono ou tônico), não se tratando de par opositivo mínimo. Nos exemplos

dados por M.Câmara: a Rui / a x u y / arrue / a x u i / , constitui e atue, sois e soes, a oposição é realmente pouco nítida e até imperceptível para muitos falantes (que confundem a grafia dessas desinências verbais.)

Caso os exemplos de pares análogos para a semivogal / y / (tais como pais - país, atribui - atribuí, etc.) não sejam satisfatórios, então resta-nos deixar em aberto essa questão tão polêmica.¹⁶ Em todo caso, conservaremos aqui a noção tradicional (e mesmo justificada) de palavras oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas.

As últimas objeções à análise de M.Câmara se referem aos graus de acentuação átona e sua função delimitativa.

Y. Leite apresenta o caso apontado por M.Câmara do ensurdecimento das vogais pretônicas iniciais, por terem um acento foneticamente mais fraco do que o das pretônicas iniciais precedidas de consoante. Segundo ele, esse semi-pagamento

" torna pouco eficientes contrastes do tipo regular - irregular e tem concorrido para o abandono das variações pronominais o, a, os, as na linguagem coloquial, enquanto se conservam vividas me, te, se, nos, vos ou ainda lhê, lhes" (1977b: 47-8.)

Para Y. Leite, entretanto:

a) Se essa proposta for verdadeira, como se explica, então, a permanência dos artigos definidos, que são homófonos com os clíticos e recebem o mesmo acento destes?

16. O próprio M.Câmara reconhece a complexidade do problema (Cf. 1970:45 e 1977 b: 55.)

b) As vogais tanto das sílabas pretônicas iniciais começando por consoante, quanto das sílabas postônicas penúltimas, também se apagam se forem precedidas e seguidas de consoantes surdas.

c) As vogais finais de palavra também desaparecem sob certos contornos de entonação.

d) As vogais da penúltima sílaba dos proparoxítonos, que para M. Câmara são tão dêbeis quanto as da sílaba final, são na verdade mais fracas que estas últimas.

Confrontando e analisando as posições de M. Câmara e de Y. Leite, podemos fazer as seguintes observações.

Primeiramente, não se mostram tão evidentes um semi-apagamento nem um deslocamento de acento da vogal átona inicial de uma palavra quando ela forma contraste do tipo irregular - regular, ilegal - legal, eleitor - leitor, aversão - versão, opor - pôr. Ao contrário, para clareza de comunicação, esse contraste realça a vogal inicial de atonicidade média (ou seja, de certo grau de força) que constitui um prefixo, cujo significado não pode absolutamente ser eliminado.

Já quando se trata de um dos prefixos vernáculos a- ou en- (em-), sem valor semântico definido, pode ocorrer uma variação livre entre alomorfes: recife - arrecife, recear - arreçar, lagoa - alagoa, lembrar - alebrar, levantar - alevantar, vexar - avexar, salariado - assariado, tribulado - atribulado, e baralhar - embaralhar, calcar - encalcar, focar - enfocar, pedrado - empedrado, trave - entrave, vergar - envergar, etc.

Diacrônicamente houve uma prótese com essas palavras, sem que se verifique alguma tendência ao semi-apagamento da vogal inicial na evolução da língua. No entanto, do ponto de vista sincrônico não é possível se determinar se há um acrêscimo ou uma supressão

da vogal inicial, visto que ambos os alomorfes coexistem.

Por outro lado, se sincronicamente ocorre aférese em certas palavras como (a)tê, (a)inda (com as duas formas), também ocorre prótese com certos empréstimos; esporte (de "sport"), esqui (de "ski"), todos com uma só forma.

Portanto, não se pode afirmar que a tendência das vogais átonas iniciais no português é de enfraquecer e cair por ter maior atonicidade ou por qualquer outro motivo. De fato, não se define uma predominância de queda ou de acréscimo de uma vogal pretônica, porque ambos os fenômenos têm igual força e não se opõem em suas causas. A tendência fisiológica à inércia, que ocasiona a supressão, e a tendência psicológica à antecipação, que resulta no aumento, são diferentes quanto às suas origens e iguais em sua força.¹⁷

A diferença no grau acentual entre as sílabas pretônicas iniciais começadas por vogal e as pretônicas iniciais começadas por consoante é apenas fonética, sem implicações fonêmicas.

Quanto ao desuso dos pronomes oblíquos o, a, os, as na linguagem coloquial, o que se verifica realmente é que eles são abandonados em proveito das formas tônicas pospostas equivalentes: ele, ela, eles, elas, você, vocês (as primeiras, condenadas pela Gramática Normativa, são freqüentes e "gramaticais".) Ocorre, portanto, a troca de formas átonas por formas tônicas, que são mais fortes e perceptíveis.

Já com os artigos definidos não há outras formas correspondentes que possam substituí-los em sua função de determinar os substantivos.

Com os oblíquos me, te, se, nos, vos, como objetos diretos, também não existem formas tônicas suplentes. Quando esses oblí-

17. Ver R. de Sá Nogueira, 1941: 177-8.

quos são objetos indiretos, podem ser substituídos pelos tônicos , mim, ti , si, nós, vós. Todavia, nota-se a preferência, por parte dos falantes, de conservar as formas átonas do objeto indireto (iguais às do objeto direto), pois assim evita-se fazer uma distinção de predicação um tanto quanto difícil, usando-se economicamente apenas os enclíticos.

Enfim, explica-se o abandono dos clíticos o, a, os, as simplesmente pela troca da atonicidade pela tonicidade.

A respeito da segunda observação de Y. Leite sobre o enfraquecimento das vogais de sílabas pretônicas iniciais começadas por consoante, quando precedidas e seguidas de consoantes surdas, o que se verifica é o contrário, sobretudo com as vogais médias e baixas: apresenta-se bastante nítida e sonora a vogal pretônica de pateta, peteca, petúnia, potoca, potente, por exemplo: Com as vogais altas (em pitada e puxada) pode eventualmente ocorrer um ensurdecimento, numa velocidade rápida.

O argumento de Y. Leite é, pois, forçado e não-decisivo.

Considerar todas as sílabas pretônicas em geral como de uma mesma atonicidade mínima fonêmica é a atitude mais coerente com as conclusões a que chegamos.

Sobre a atonicidade das sílabas postônicas, podemos observar:

1) que as vogais átonas finais de palavras caem nas seguintes ocasiões: a) numa junção de vogais átonas iguais, quando então se dá uma crase; ex: essa, adega / ε s a d ε g a / (ver p. 15); b) numa junção de vogais átonas diferentes, quando não há vogal alta para ditongar, dando-se, então, uma elisão; ex: casa oposta / k a z o p o s t a /. Porém , em todas as outras situações em que não há junção fechada (p. 58) a vogal final se conserva. Verifica-se mes-

mo a epítese nos empréstimos e nas onomatopéias, para se evitar sílabas travadas finais: chique, clube, filme, tique-taque, pingue-pongue.

2) que as vogais átonas finais precedidas de consoante surda se encurtam por terem debilidade máxima (sem contudo, desaparecerem): entop(e), tip(o), est(e), ist(o), estiqu(e), ec(o), abaf(e), tif(o), ess(e), cach(o), e até est(a), oc(a), caix(a). As vogais surdas resultantes ainda são percebidas devido à disposição articulatória dos órgãos fonadores que influencia as consoantes precedentes. Essas vogais são alofones de vogais sonoras, portanto, assumem o valor oposto destas: abaf(e) ~ abaf(o) ~ abaf(a).

3) que as vogais penúltimas átonas, de grande debilidade, tendem a desaparecer em certos ambientes fonológicos (antes de consoantes líquidas), para evitar vocábulos proparoxítonos (uma vez que em português predominam os paroxítonos): abób(o)ra, triâng(u)lo, óc(u)los, xíc(a)ra, e até ót(i)mo, últ(i)mo.

Se essa queda das penúltimas átonas (em determinados ambientes) indica uma maior atonicidade em comparação com as átonas finais (como pretende Y. Leite), essa diferença é, contudo, irrelevante para a delimitação vocabular. Ambas devem ser agrupadas como postônicas, de atonicidade igualmente máxima e fonêmica, em oposição às pretônicas.

Dividindo-se, por conseguinte, as sílabas átonas em dois grupos: das pretônicas (menos átonas) e das postônicas (mais átonas), resolveremos os problemas apontados em Y. Leite, sem que seja preciso redefinir a distribuição dos acentos átonos e sem lhes negar sua função delimitativa.

Y. Leite procura invalidar os exemplos do valor fonêmico da atonicidade dados por M. Câmara: em habilidade ~ hábil idade não se trata de um par mínimo, porque muitos falantes pronunciam o segundo membro da oposição como [a b i w i d a d i]; em celebridade ~ célebre idade a primeira vogal do primeiro vocábulo é [e] e a do segundo é [ɛ].

Em primeiro lugar Y. Leite apelou para a pronúncia de muitos falantes com a semivogal [w] em vez da consoante lateral final [l], usando como base variações regionais. Sendo assim, ela não deveria fazer a distinção entre [e] e [ɛ] no segundo exemplo, já que no falar nordestino ambas as vogais são pronunciadas como [ɛ], tornando-se mínimo o par contrastivo.

Em segundo lugar, mesmo se esses dois pares forem rejeitados, são, todavia, mínimos do ponto de vista segmental muitos dos pares exemplificados em 3.12., p. 15-6. Neles não há absolutamente delimitação segmental; é a gradação de atonicidade que vai determinar nesses casos o limite vocabular, ver 3.1.5, p. 40-1.

A noção de economia em Fonologia leva L. Eastlack e M. Lemle a rejeitarem os graus fonêmicos de acento por constituírem fonemas a mais que iriam se somar ao inventário de fonemas. Mas essa economia não será perturbada se considerarmos o acento como um traço que se junta ao feixe de traços constituintes de cada fonema vocálico. A série de fonemas, assim, não será aumentada; a lista de traços é que receberá o traço único [tônico], com quatro valores numéricos (ver p.51-2).

Entre todas essas críticas apresentadas sobre a teoria de M. Câmara, verificamos que, enquanto algumas delas são de fato pertinentes, outras não são aceitáveis nem conclusivas para anular a sua posição. E mais, as considerações pertinentes podem mesmo melhorar a proposta de graus fonêmicos de atonicidade:

- 1) a vogal /e/ se adiciona ao quadro de vogais átonas finais;
- 2) entre os graus átonos de acento, somente dois são fonemicamente relevantes: o de atonicidade mínima (das sílabas pretônicas) e o de atonicidade máxima (das postônicas), sendo as outras gradações apenas suas variantes.

Cabe, por fim, observar que, embora os graus de atonicida

de e sua distribuição delimitem o vocábulo, existe simultaneamente a função culminativa do acento tônico (e subtônico) que vai impedir a formação de um par mínimo perfeito e decisivo. Conforme L. Eastlack verifica, um par mínimo como habilidade ~ hábil idade difere não somente na disposição da atonicidade, mas também na quantidade de acentos tônicos que seus membros possuem. Conseqüentemente, pares como esse não podem ser conclusivos quanto ao status fonêmico da gradação de atonicidade (apesar de serem segmentalmente mínimos).

Realmente, a demarcação vocabular não é exclusiva dos graus de atonicidade, sendo ela algumas vezes marcada também por juntas segmentais. Como diz M. Câmara (1977b:48), esses graus "concorrem para a delimitação do vocábulo na cadeia fônica".

Além de não possuir essa exclusividade, a debilidade máxima e a mínima só delimitam vocábulos fonológicos, exatamente por se tratarem de fenômenos fonológicos. Os vocábulos mórficos, que serão apresentados em 3.2., terão de ser demarcados pelo limite / # /, por estarem contidos num nível morfológico.

Nesses casos de delimitação de vocábulos mórficos, é o vocalismo que muitas vezes marcará limites.

Apesar dessas restrições ao funcionamento dos graus de atonicidade, eles são sem dúvida indispensáveis à Fonologia por contribuírem para a delimitação dos vocábulos fonológicos e para o condicionamento do sistema vocálico do português.

Dentre todos os sinais demarcativos, são os acentos átonos os que operam com maior freqüência, abrangência e sistematicidade. Sua grande vantagem é serem concretos, percebidos foneticamente e com prioridade sobre a percepção dos segmentos. Essa naturalidade não é tão forte com o sinal de limite (#), por exemplo, proposto por outros fonologistas, porque esse limite não está fonicamente presente no enunciado.¹⁸

18. Sobre a escolha entre o sinal de limite (#) e a acentuação para delimitar vocábulo, ver p. 51-4.

3.1.5 - Escala ternária para o acento - Reconhecendo o valor fonêmico dos acentos tônico e átono e sua gradação, podemos hierarquizá-los numa escala numérica, regida pelo princípio ternário.

Será a escala da tonicidade¹⁹, onde os números positivos corresponderão aos acentos tônicos e os negativos, aos acentos átonos.

O ponto \emptyset consistirá num ponto de divisão entre os graus positivos (de tonicidade) e os graus negativos (de atonicidade); será um valor numérico neutro, nem + nem -. Esse ponto, nesse caso, está vazio, isto é, não passa de uma linha divisória. O $[\emptyset F]$, porém, possui sempre a possibilidade latente de vir a ser preenchido (com um fenômeno de flutuação, por exemplo), (ver p. 110-116.)

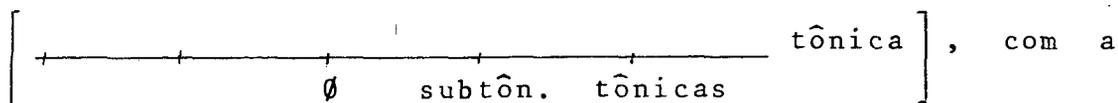
J.- P. Angenot (1979:12) situou os valores positivos à esquerda de zero e os valores negativos à direita.

Mesmo essa disposição dos valores sendo arbitrária, preferi adotar aquela encontrada na matemática: numa reta, dividida em duas semi-retas, há "dois conjuntos de números: à direita de zero, os positivos, e à esquerda de zero, os negativos."²⁰

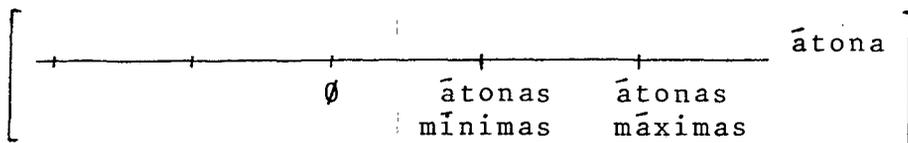
Então, teremos:



19. Essa escala resulta da união da escala de tonicidade:



escala de atonicidade:



20. O. ZAMBUZZI, 1979:7.

da ou eixo: \longrightarrow x."22

Em Linguística o sentido do eixo poderá variar (para o lado direito ou para o lado esquerdo), diferentemente do eixo das abscissas em geometria (que sempre se volta para o lado positivo.)

O sentido tomado pelo eixo, em Linguística, indicará processos naturais de fortalecimento (seta para o lado positivo) ou de enfraquecimento (para o negativo).

A F.N.P. não explicita esse pormenor, mas podemos concluí-lo a partir de seus textos:

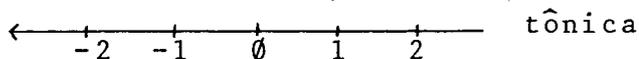
" (o eixo gradual) é caracterizado por uma relativa produtividade, opacidade, abstração e frequência de uso. Essa relatividade é crecente quando se trata da derivação percebida pelo ouvinte ou do processo de aquisição da língua, porém decrescente quando consiste da derivação produzida pelo locutor" (1978b:9), (grifos nossos.)

Ao que parece, o processo de simplificação, levando a um enfraquecimento, é indicado pelos números relativos menores, isto é, os negativos; e o processo de diferenciação, levando a um fortalecimento, é indicado pelos números relativos maiores, os positivos. Senão, confrontemos o texto anteriormente citado com o seguinte (1979: 47): A maioria (senão a totalidade) dos processos naturais podem ser relacionados, uns a manifestações que favorecem a produção articulatória (cf. a "lei do menor esforço") e outros que favorecem a percepção auditiva. Os primeiros, ditos de enfraquecimento, são orientados para a hipoarticulação e os registros informais e rápidos, consistem essencialmente em assimilações e reduções e são mais naturalmente motivados contextualmente. Os segundos, ditos de fortalecimento, tendem, ao contrário, à hiperarticulação e aos registros formais e lentos, con

sistem essencialmente em dissimulações, ditongações, geminações, etc., e são freqüentemente livres de motivação contextual.

Então, na classificação de processos (ou regras) o eixo deverá ter um sentido determinado; já na classificação de segmentos em que não se verifique nenhum processo, o eixo dispensará um sentido.

O eixo do traço [tônica], aqui adotado, não recebeu um sentido. Porém, nessa escala de acentuação podem-se encontrar processos de enfraquecimento ou fortalecimento: se nos referirmos ao registro informal e rápido de um enunciado, observaremos que a acentuação de cada vocábulo tende a se submeter a um acento tônico único de um grupo acentual. Sendo assim, há um enfraquecimento do acento tônico dos primeiros vocábulos, favorecendo uma hipoarticulação (de relatividade decrescente), representada pelo sentido do eixo:



Por outro lado, um esforço de expressividade num registro formal e lento leva a uma hiperarticulação (de relatividade crescente), a uma maior diferenciação que torna os acentos tônicos fortemente marcados; então, o sentido do eixo será o oposto:



3.1.6 - Limites e princípio degerativo da Fonologia Natural Pura - Os limites de palavra²⁴ e de morfema têm sido vistos e interpretados de maneira bastante diversa por diferentes teorias e autores. A uma abordagem estreitamente ligada aos dados fonéticos se opõem elaborações abstratas e hipotéticas apoiadas apenas na intuição do analista. Há discordância desde a classificação dos vários tipos de limites até mesmo ao seu valor fonológico.

23. Ver ponto [Ø dependente], p.39.

24. O termo palavra está equivalendo a vocábulo lexical, isto é, vocábulo provido de significação externa (concentrada na raiz ou semantema) e formado geralmente de semantema mais morfema gramatical.

De modo geral, o conceito de morfemã se refere a uma "unidade mínima de significação." Essa significação pode ser:

- 1) a representação do mundo exterior e das idéias, presente na raiz das palavras;
- 2) a representação do sistema gramatical de uma língua, presente nos afixos e desinências.

As divergências começam na colocação dos morfemas dentro da gramática de uma língua.

Para um estruturalista como M.Câmara, o léxico pode ser visto ou como sinônimo de vocabulário, ou, especialmente, como a parte do vocabulário correspondente aos morfemas do primeiro tipo (semântemas.).²⁵

Como já foi examinado de 3.1.2 a 3.14., para M.Câmara a delimitação de um vocábulo fonológico é marcada por juntura segmental e por juntura supra-segmental, determinada pela pauta acentual.

Do ponto de vista fonético, o vocábulo corresponde a uma divisão espontânea na cadeia fônica e fica em posição intermediária entre a sílaba e o grupo de força ou acentual. A presença de um acento tônico (ou subtônico) assinala a existência desse vocábulo, servindo de suporte fônico.

Como explica M. Câmara, o vocábulo fonético ou fonológico se distingue do vocábulo mórfico ou formal pelo fato de eles não coincidirem entre si e porque só o segundo envolve o elemento significativo. Então, na enunciação Viu-nos temos um só vocábulo fonológico / v i w n u s /, pronunciado com um único suporte fônico (a tonicidade da vogal / i /), e dois vocábulos mórficos: viu e nos, cada qual com sua significação própria (viu: pretérito perfeito do verbo ver = olhar, perceber; e nos = pronome objeto referindo-se às pessoas que falam.)

25. Cf. M. CÂMARA, 1970, 1973, 1977 a.

Então, os limites de frase, de vocábulo fonológico e de sí-
são fonéticos, ao passo que os limites de morfema são morfológi-
por abrangerem esse caráter de significação.²⁶

Considerando morfema como representação dos dois tipos ci-
s, L. Bloomfield (1961: 162) define o léxico como o estoque to-
de morfemas numa língua.

Para R. Langacker (1975:86),

*" O léxico de uma língua é o seu inventário de de
morfemas juntamente com a informação sobre a
maneira como tais morfemas podem ser combinados
para formar unidades lexicais mais complexas ,
assim como palavras."*

Paralelamente, observamos que S. Schane (1975:65-6) apre-
ta os morfemas como "as partes componentes das palavras (ex.: raí
, radicais, prefixos, sufixos, terminações de plural, terminações
pretérito.)" E, para ele,

*" O léxico de uma língua é uma lista dos morfe-
mas da língua. Para cada morfema dão-se infor-
mações a respeito de seu significado, propriē-
dades sintáticas, propriedades morfológicas ,
comportamento excepcional e pronúncia."*

A própria nomenclatura dos morfemas (semantema, morfema ,
ema, lexema,...), assim como a definição do léxico e dos limites
tram-se divergentes.

J. -P. Angenot e S.Araújo (1978a: et passim) apresentam a
trovêrsia sobre a classificação do limite de morfema, como resumi-
os agora.

Na teoria Gerativa Standard, o léxico contém uma lista de
radas lexicais consideradas morfemas, sem inclusão das palavras. O

ite de morfema (+) é um produto do componente sintático, mais especialmente do léxico. Cada morfema (segmentos entre limites fonológicos /+/) é constituído de traços sintáticos e fonológicos. Os limites morfema (+) são introduzidos na estrutura profunda por regras universais e de língua específica, enquanto que os limites de palavras () são introduzidos na estrutura superficial fonológica sistemática por regras de língua específica.

O limite de morfema só atua como elemento fonológico, não isto foneticamente. Por outro lado, o limite de palavra pode ou não ser atualizado como pausa (//) no nível fonético.

Seguindo J. -P. Angenot e S. Araújo, pode-se dizer de maneira geral que, para a Fonologia Gerativa Natural há preferência pelo limite de sílaba em detrimento do limite de morfema: o morfema é uma unidade sintático-semântica e não necessariamente fonológica, pois o limite de morfema (+) não implica necessariamente a presença do limite de sílaba (§), (ex.: + b § n i k § + ; com um morfema contendo sílaba incompleta.) Então, as restrições fonotáticas devem ser baseadas na sílaba e aplicar-se não aos morfemas, mas às palavras, pois a palavra é a menor unidade necessariamente formada de sílabas completas. Ainda se argumenta que a realidade psicológica das condições de estrutura morfemática é bastante questionável, ao passo que o conhecimento que o falante nativo tem sobre as condições de estruturação da sílaba não o é.

Dentro da Fonologia Natural, há o modelo de Vennemann, no qual o limite de morfema não existe no léxico, nem em outros componentes da gramática; o léxico consiste de uma listagem de palavras em vez de uma listagem de morfemas.

As regras fonológicas, motivadas morfo-sintaticamente, atuam no nível da palavra, situada entre os limites # ... #. As regras motivadas foneticamente incluem os limites fonéticos de sílaba (§)

e pausa (//). Vennemann defende a incorporação da sílaba na teoria fonológica. E sobre a origem dos limites de sílaba, eles surgem de uma regra de atribuição (de uma convenção do tipo : $\emptyset \rightarrow \$/ X$) e de uma regra gerativa.

No modelo natural de Hooper, o léxico contém uma lista de morfemas (não de palavras), contudo, sem limite de morfema explícito. Cada morfema é constituído de uma sequência de arqui-segmentos destinados a serem posteriormente especificados, para entrarem sob forma de segmentos fonéticos nas cadeias de representações fonêmicas. O componente fonológico nesse modelo contém: regras motivadas foneticamente, onde aparecem os limites de sílaba (\$) e pausa (//); regras morfofonêmicas, com indicação dos contextos morfemáticos específicos, toda vez que sejam mencionados limites de morfema (+); regras sândi, e regras condicionadas por (#), realizado ou não por (//).

Stampe, por sua vez, não trata especificamente do limite de morfema. Ele se detém mais na concepção de uma representação fonológica natural, menos abstrata, e na distinção entre regras fonológicas adquiridas e processos fonológicos naturais inatos.

Finalmente, J.-P. Angenot e S. Araújo fazem uma reinterpretação do limite de morfema. De acordo com os modelos anteriores, trata-se que os limites de morfema, de sílaba e de palavra não são gerados, isto é, não são hierarquizados através de regras de reescrita; são introduzidos por regras de atribuição ou por convenções gerais. Os limites de morfema estão ausentes dos processos fonológicos naturais. A questão da origem dos limites permanece.

O modelo da Fonologia Natural Pura de Angenot (1977 e 1978a: *passim*) distingue classes naturais primitivas de classes naturais derivadas. Graças a essa distinção identificou-se um mecanismo universal, capaz de gerar o sistema fonológico das línguas naturais.

As regras de reescrita da base fonológica desse modelo são, necessariamente, regras sintagmáticas, que produzem as estruturas da

raxe fonológica e os diferentes limites correspondentes, e regras paradigmáticas, que produzem as classes primitivas de segmentos.

Assim, os limites de palavra e de sílaba, que são primitivos, aparecem no componente de base universal inato e são gerados por regras de reescrita hierárquicas juntamente com os segmentos:

discurso → // sintagma //ⁿ
 sintagma → # palavra #ⁿ
 palavra → § sílaba §ⁿ
 sílaba → consoante / vogal

O componente "prefonologizante" (que modifica o produto do componente básico para dar conta do sistema fonológico de uma língua particular) transforma essas classes primitivas em classes derivadas e as enfraquece. São derivados o limite de formante (=), o morfema (+) e o de mora (M).

O enfraquecimento parcial ou total das classes resulta da ação corrosiva de um princípio transformacional universal que é dederativo na medida em que desfaz o que a base gerativa construiu.

Então, o limite fonológico de morfema resulta de um processo degerativo do limite de palavra, enfraquecido primeiramente em limite de formante (=).²⁷

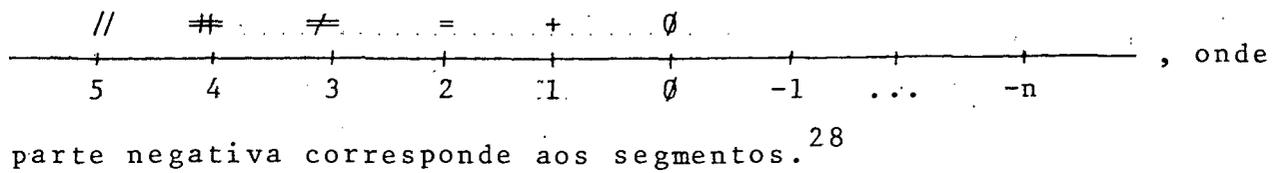
Em 1978b:8-9, a degeração dos limites aparece numa sequência, indicativa de um processo fonológico natural:

// → # → = → + → Ø (o limite chega ao máximo da degeração no Ø).

Essa interpretação degerativa dos limites ainda é "quase *escalar*", como J.-P. Angenot reconhece; e num trabalho posterior (1979: 39), ele define cada um desses limites por um único traço [boundary] (ou [limite]), munido de um valor numérico próprio. Seja o eixo

27. M. Câmara chama de "criação secundária" um morfema gramatical obtido pelo esvaziamento do conteúdo nocional de um vocábulo (1973: 158.)

guinte:



H. Sommerstein (1977:150) adotou uma posição semelhante, a que os limites são especificados por um traço multivalente e hierarquizado; a organização dos limites parece sempre ser hierárquica; limites usados em qualquer língua dada podem ser arrumados numa ordem linear do mais fraco ao mais forte. O traço único [limite] tem um número de possíveis especificações que varia de língua para língua, mas será [1 limite] para o limite universal de morfema e [o limite] para a ausência de limite.

Considerando a teoria do pêndulo entre a tendência analítica e a sintética das línguas, de Robin Lakoff, o sinteticismo enfraqueceria os limites pelo processo degenerativo.

Esse processo degenerativo será muito útil à nossa análise de dependência vocabular. Porém os limites, na F.N.P. recebem um tratamento exclusivamente fonológico, sem admitir motivações não-fonológicas. Enquanto que nós levaremos em conta considerações morfo-sintáticas, além das semânticas e das fonológicas.

É interessante notar que estudos filológicos antigos já explicavam a formação e evolução das palavras através de transformações diacrônicas nas quais as palavras se enfraquecem e se tornam morfemas. Só que essas teorias se baseiam também em fenômenos, morfo-sintáticos.

O estudo de J. Vendryes sobre transformações morfológicas universais confirma as posições de J. -P. Angenot e de H. Sommerstein, as não em bases puramente fonológicas.

8. O limite de raiz (\neq), não tinha sido apresentado anteriormente em 1977 e 1978 a e b.

Como afirma J. Vendryes (1973; et passim) os instrumentos gramaticais que as línguas utilizam são os restos de antigas palavras autônomas, mais ou menos deformadas, desprovidas de seu sentido próprio e utilizadas como simples expoentes, como símbolos. Essas palavras, chamadas de "plenas" pela gramática chinesa, são transformadas em palavras "vazias" pela morfologia quando ela procura reparar suas perdas. Essas perdas se devem a um desgaste que sofrem certas formas (palavras) que passam a morfemas que, por sua vez, chegam a ser suprimidos por completo. Para reparar essas degradações, esses morfemas ou são restaurados ou substituídos por palavras plenas já existentes na língua (que passarão, então, a ser vazias.)

Continua J. Vendryes: na passagem de uma forma plena a um morfema, essa palavra entra numa composição. Porém, os elementos da composição não têm certamente a mesma importância para o espírito: o superior, atrai mais a atenção do que o outro. O mais importante passa a ser o elemento significativo da palavra, e o inferior tem apenas valor morfológico (é o morfema).

R. Langacker (1975:82) também faz essa distinção:

" São morfemas plenos os nomes, verbos, adjetivos e advérbios". "São morfemas vazios as preposições, artigos, conjunções, formas que indicam número, gênero ou tempo verbal, e assim por diante."

E acrescenta:

" Grande parte dos morfemas plenos são livres, e a maioria dos morfemas vazios são presos."

As propostas de J. Vendryes sobre as transformações morfológicas também se combinam com as explicações sobre os processos de

fraquecimento e fortalecimento, apresentados pela F.N.P. Segundo e, essas tendências provêm respectivamente das necessidades de uniformidade e de expressividade.²⁹

Enfim, com relação aos limites, levanta-se ainda uma questão sobre seu uso para delimitar vocábulos fonológicos.

Como foi visto (p.37), L. Eastlack e M. Lemle sustentam que é mais econômico considerar a juntura³⁰ como um fonema em lugar das diversas gradações de atonicidade, que aumentariam a lista de fonemas.

Em primeiro lugar, parece-nos discutível essa conceituação do limite (ou juntura) como um fonema, Julgamo-lo, antes, uma transição ou contato, de valor fonêmico, entre os segmentos do sintagma e não um elemento segmental em si, constituído de traços fônicos distintivos, como os fonemas).

Depois, como já examinamos em 3.1.1., o acento deve ser considerado um traço do feixe de traços formadores do fonema vocálico.

Então, não se trata de uma escolha entre dois tipos de fonemas. Procuremos decidir, isso sim, qual a medida mais econômica e conveniente de marcar a delimitação vocabular: se através de sinais indicativos de limites ou através do traço [tônica].

Considerando-se o acento um traço, em vez de fonema, esse traço [tônica] mostra-se bastante econômico quando da sua colocação na matriz fonológica.

29. Ver p.119.

30. Temos que precisar a diferença entre os termos juntura e limite, muitas vezes usados como sinônimos. Pelo que pudemos constatar, o termo limite é usado na acepção de qualquer fronteira ou transição entre os elementos ou frações da cadeia sintagmática. Então, o limite está presente desde a ligação entre sintagmas, até a transição entre fonemas (e mesmo entre moras), abrangendo os níveis sintático, fonológico e fonético. Menos abrangente do que os limites, a juntura geralmente se refere apenas à fronteira de palavras e de morfemas.

Numa matriz fonológica, que representa formalmente um sistema fonológico, o traço único [tônica] ocupa apenas mais uma linha horizontal (representativa de traços distintivos), sem que seja necessário adicionar qualquer novo elemento nas colunas, que representam os fonemas, pois esse traço está contido nos fonemas vocálicos.

Na especificação de traços de cada fonema, o traço [tônica] vai ser adicionado aos outros como sendo um traço perceptual (assim como o [silábico] .)

Admitindo que todos os traços distintivos (consonantais e vocálicos) são fonemicamente escalares, nós podemos especificá-los numericamente, obedecendo a um princípio ternário. Assim, numa especificação de traços dos fonemas vocálicos teríamos, por exemplo, o vocábulo recado as vogais:

/ e /	/ a /	/ u /
$\begin{bmatrix} 1 \text{ alta} \\ -1 \text{ posterior} \\ -1 \text{ tônica} \end{bmatrix}$	$\begin{bmatrix} -2 \text{ alta} \\ 0 \text{ posterior} \\ 2 \text{ tônica} \end{bmatrix}$	$\begin{bmatrix} 2 \text{ alta} \\ 1 \text{ posterior} \\ -2 \text{ tônica} \end{bmatrix}$

onde o traço [alta] teria quatro contrastes e o traço [posterior], três.

O limite não poderia mesmo ser considerado um fonema, pois, ao ser colocado numa coluna de fonemas, ele não poderia ser especificado por nenhum traço distintivo.

Em termos práticos, na transcrição fonêmica de palavras e de grupos acentuais, o contraste e a delimitação vocabulares podem ser marcados pelo emprego tanto dos limites, quanto da distribuição dos graus de acento.

Então, a fronteira de palavras na transcrição do par armarinho ~ ar marinho, por exemplo, pode ser indicada das seguintes maneiras:

/ a x m a r i ñ u / ~ / a x # m a r i ñ u /, ou
 / a x m a r i ñ u / ~ / a x m a r i ñ u /.
 -1 -1 2 -2 1 -1 2 -2

No primeiro caso, a presença de / # / faz a distinção do ar opositivo (indicando a existência de uma e de duas palavras), e sua colocação delimita os vocábulos. No segundo caso, a distinção do par é feita pela presença única do traço [2 tônica] ou de [1 tônica], seguido de [2 tônica]; e a delimitação vocabular é marcada pela distribuição dos graus de atonicidade: há fronteira de palavra entre [1] e [-1], [1] ou [2], e entre [-2] e [-1], [1] ou [2]. Assim, o limite e a pauta acentual mostram-se igualmente operacionais.

A superioridade do uso da pauta acentual sobre o do limite é que aquela é mais natural e primordial em sua percepção, enquanto que este é detectado a posteriori.

O que determina a colocação do sinal de limite / # / é o conhecimento linguístico do analista ou do locutor-ouvinte, ao passo que o fator que determina a distribuição dos graus acentuais é a própria produção fonética (intensidade de emissão vocal), independentemente da significação das formas. Aliás, a captação dos acentos é feita antes mesmo da dos componentes fonemáticos, pois aqueles são passivamente registrados (enquanto que os últimos exigem confronto memorial com as unidades ausentes do sistema).

A percepção unicamente do limite vocabular se apoiaria apenas na significação das formas. Mas, na verdade, a própria colocação dos limites é condicionada pelos acentos, porque ela está vinculada à captação anterior da pauta acentual, que delimita o vocábulo simultaneamente à articulação deste. Portanto, a pauta acentual na delimitação vocabular é mais natural (visto que ela é concretamente registrada) e primeira (captada antes dos fonemas e da significação das formas linguísticas.)

A delimitação do vocábulo fonológico através da pauta acentual mostra-se realmente preferível. Além dos mais, o valor des

a pauta é reforçado por sua função de condicionar o vocalismo âto

No entanto, quando partimos para um estudo mais amplo da sentença em todos os níveis, o emprego dos sinais de limites torna-se imprescindível e insubstituível na marcação de certos tipos de fronteira, como de sílaba (\$), de sintagma (//) e sobretudo morfema (+).³¹

Após essa análise da delimitação vocabular e a proposta preliminar da acentuação e dos limites, discutiremos conceitos morfológicos básicos para o presente trabalho.

2. - Formas linguísticas

Outros parâmetros importantes para o estudo da dependência entre morfemas são a classificação de L. Bloomfield das formas linguísticas, e a conceituação do vocábulo mórfico e do processo de formação de palavras, dada por M. Câmara Jr.

Esses conceitos devem, contudo, ser reexaminados.

3.2.1 - Vocábulo mórfico, tipos de formas - Dividindo a fala ou discurso em unidades, nós temos a frase, que "constitui uma cadeia sonora com seus acentos principais e secundários a que pode estar subordinado mais de um vocábulo. Cada segmento de frase depende de um acento tônico chama-se grupo acentual ou de intensidade" (C. Cunha 1979:67.)³²

1. Ver tipos de juntura e representações dos limites, p.59-60 e vocábulos mórficos, p.44 e 52-3.
 2. Como C.CUNHA (1979:68) bem o explica, numa frase os vocábulos podem agrupar-se diversamente, de acordo com a rapidez ou a lentidão da pronúncia. Exemplo: /Lindas/crianças/de azul/e branco/vinham/correndo/, ou: /Lindas crianças/de azul e branco/vinham correndo/.
- A sílaba tônica das palavras lindas, azul e vinham se enfraquece, o que impede que ela continue a servir de suporte fônico de um grupo acentual (ou "de força", segundo M.Câmara.) Um ou vários grupos acentuais compreendidos entre duas pausas se juntam formando grupos fônicos.

Os grupos acentuais, por sua vez se dividem em vocábulos fonológicos, não constituídos de sílabas.

Todos esses elementos hierarquizados do discurso (frase, grupo fonológico, grupo acentual, vocábulo fonológico e sílaba) são observados concretamente. Fonologias Naturais consideram unicamente esses fatores fonéticos (através de condição de Forte Naturalidade, por exemplo) como relevantes, rejeitando toda e qualquer interferência morfo-sintático-semântica em suas interpretações.

Entretanto, uma outra abordagem lingüística, que envolva a significação das formas é indispensável se se pretende atingir a competência do falante em todos os níveis.

O falante-ouvinte internaliza uma divisão hierárquica significativa do sintagma. Ele apreende, na língua, o sintagma, o grupo frasal, a locução, o vocábulo mórfico e o morfema.

A Fonologia Gerativa Natural não admite o morfema como unidade básica lexical, baseando as restrições fonotáticas na sílaba. De fato, a percepção da sílaba é mais clara para o falante por ter uma realização concreta, mas nem por isso esse falante deixa de ter conhecimento sobre a forma fonológica de um morfema, ou seja, deixa de detectar um morfema.

M. Câmara se refere à comprovação prática da realidade do vocábulo mórfico, citando o testemunho de E. Sapir:

"... lidando com jovens índios e utilizando-os a escrever frases das respectivas línguas sob ditado, (Sapir) nunca teve dificuldade em fazê-los separar os vocábulos. Sempre notou, ao contrário, que eles possuíam a respeito concepção íntima nítida, embora espontaneamente só procurassem fazer na série escrita as interrupções correspondentes às pausas da série fônica" (1973:88-9.)

A língua escrita segue um critério fonológico para representação dos fonemas (as letras), mas a apresentação do vocábulo se faz pelo critério formal, refletindo, assim, a realidade psicológica do vocábulo mórfico. Então, os espaços em branco da grafia correspondem a uma divisão morfológica: eu te disse, em vez de "eu te disse."

A identificação do limite de morfema não é feita, porém, somente pelos gramáticos e linguístas; o falante nativo também consegue apontar tais limites. Mas esses limites de morfema, internalizados pelos falantes, nem sempre "coincidem com aqueles possíveis de serem identificados por um linguísta, apoiado em seus conhecimentos teóricos." Isso foi registrado na análise dos empréstimos de origem sânscrita ou árabe iraniana no hindi, e dos empréstimos do francês nas línguas bantas (ver. J.-P. Angenot, 1978b: 7-8).

A Fonologia Natural Pura aceita o limite de morfema como um limite fonológico enfraquecido, como vimos. Além do mais, esse modelo procura amenizar essa dicotomia, estabelecida pelos modelos naturais, entre o concreto e o abstrato, entre regras fonológicas, motivadas foneticamente, e regras morfofonológicas, motivadas morfo-sintaticamente. A F.N.P. propõe que se substituam sistematicamente os condicionamentos morfo-sintáticos por condicionamentos fonológicos abstratos. Assim, regras fonológicas passam a ser motivadas fonética e fonologicamente, incluindo limites fonológicos de palavras ou de morfema.

Se a própria Fonologia aceita o limite de morfema, isso confirma a importância de uma análise das formas significativas. Como o presente trabalho focaliza um fenômeno tipicamente morfo-sintático-semântico (o de dependência vocabular), utilizaremos conceitos morfológicos (não aceitos, todavia, pela F.N.P.)

Segundo a conceituação de L. Bloomfield, forma lingüística é a combinação de fonemas, ou, menos comumente, fonemas únicos, provi de significação constante e definida, diferente da significação qualquer outra forma lingüística na mesma língua (1961:158 e 166) pronunciar uma forma lingüística, um falante induz seu ouvinte a responder a uma situação; esta situação e suas respostas são a signi cação lingüística da forma.

A forma lingüística vai em ordem decrescente desde o texto de comunicação até a forma mínima que, segundo a natureza da sig- nificação, pode ser um semantema ou um morfema. Entre o texto e a forma mínima, têm-se o sintagma, o grupo frasal, a locução e o va- cábulo mórfoico.

Conforme M. Câmara, o vocábulo formal ou mórfoico é um segmento fônico que se individualiza em função de um significado es cífico que lhe é atribuído na língua.

Definidos vocábulo fonológico e vocábulo mórfoico (ver p.), podemos classificar os vários tipos de juntura, apóitando-nos M. Câmara (1973: 80 e 1977 a:151)

A juntura é o "*nome geral para o contato entre duas for- mas mínimas.*" Ela se classifica do ponto de vista fonológico e do morfológico.

Quanto à transição morfológica, a juntura se dá entre dois vocábulos mórfoicos num grupo acentual: juntura externa; ou dentro de um vocábulo mórfoico: é a juntura interna.

Quanto à combinação fonológica, a juntura (sempre entre formas mínimas) pode ser: aberta, quando há quebra da continuidade fonológica; e fechada, quando essa continuidade se mantém. As mudanças combinatórias ou variações morfofonêmicas de condicionamento fonológico que podem ocorrer com as junturas são chamadas de sândi.

Combinando os dois grupos de junctura, temos:

junctura externa aberta: grande / casa, tinha/vindo, quer / entrar

por um sândi externo temos a pronúncia do /R / como [x]:

[k e x e n t r a x] , não havendo continuidade fonética entre [x]

[e]), sal / amargo [s a w a m a x g u] (com descontinuidade foné

ca, já que o /L / é realizado como [w] , separado da sílaba se-

uinte [a]), nova/época (onde há hiato), livros/bons (por um sândi

interno o /S / se sonoriza, condicionado à sonoridade de fonema se

uinte / b /);

junctura interna aberta: guarda/-roupa, sobre/-saia, sócio/-eco-

nico (onde se mantêm hiato entre os dois componentes da justaposi-

ção), va/idade (se for pronunciado como hiato o encontro [a i]) ,

lo/locar (onde há descontinuidade fonética entre [b]), resultante

de prefixação), mal/dade;

junctura externa fechada: casa/amarela [k a z a m a r ɛ l a] (com

crase, resultando numa única sílaba [z a] o encontro entre os dois

vocábulos), espera/aí [i s p e r a i] (também com crase), d'/água

(caso de elisão, quando surge uma continuidade fonética entre os

vocábulos), sal/amargo [s a l a m a x g u] (caso de ligação ,

onde o /L / pronunciado como alveolar forma uma sílaba com a vogal

do vocábulo seguinte), quer/entrar [k e r e n t r a x] (onde a

realização do "flap" intervocálico resulta de uma continuidade foné-

tica entre os dois vocábulos), mar/alto [m a r a w t u] , olhos/azuis

[o l u z a z u y s] (um sândi externo sonoriza o /S /, que forma

uma sílaba com a vogal do vocábulo seguinte.)³³;

33. Note-se que na junctura externa fechada desaparece somente a delimitação segmental, mantendo-se o limite vocabular através da distribuição acentual.

juntura interna fechada: luso/-italiano [l u z w i t a l i a n u]
 raões de um sândi interno, o / u / se transforma em semivogal, ha-
 do uma ditongação, uma continuidade fonética), va/idade (se for
 nunciado um ditongo [a y] entre as formas va,idade), extrema-
ão (com elisão: [ã s t r e m u n s ã w]), super/-homem (com sã
 formando a sílaba [r o]), sub/stabelêcer (com a sílaba [s u b s]
 re as formas sub, stabelêcer), colher/ada (onde o / r / da primei-
 forma, compõe uma sílaba com a primeira vogal do sufixo), feliz/es,
/es.

Com o 4º tipo de juntura surge uma contradição. No Dicionário
de Lingüística e Gramática, M. Câmara deixa bem claro que a jun-
 a é o contato entre formas mínimas constituintes de vocábulos. Sa-
 se que o conceito de forma mínima engloba seu valor significativo.
 ão, sã pode haver juntura entre formas lingüísticas.

Contudo, nos Princípios de Lingüística Geral (p.80), M.Câ-
 a coloca em nota que a "juntura interna fechada é a das sílabas de
 vocábulo simples", conceituação puramente fonética a contrariar
 ua posição anterior, que nos parece a melhor. A juntura do vocábu-
venenoso é venen/oso (entre as formas mínimas, seguindo a concep-
 morfológica) e não ve/ne/no/so.

B. Bloch e G. Trager (1942:47) trazem uma classificação de
 tura até certo ponto coincidente com a que foi vista: certos fenô-
 os associados a alofones pós-pausal e pré-pausal são característi-
 de juntura aberta; uma transcrição de um som a outro não marcada
 quaisquer dessas características, é juntura fechada. A juntura
aberta é externa quando há transição de uma pausa para o primeiro fo-
 na segmental de uma expressão, ou do último fonema segmental para
 a pausa seguinte; a juntura aberta é interna em palavras como: tin/
ax, sly/ness, an/aim, night/-rate, dye/-trad.

Não foi mencionada a distinção entre externa e interna dentro da junção fechada, que eles exemplificam com: syn/tax, mi/nus, n/ame, nit/rate, e ni/trate.

Verificamos (pelos exemplos) que a classificação de junção interna e externa de B. Bloch e G. Trager envolve a noção de formas significativas, enquanto que, a divisão entre formas fechadas e abertas é puramente fonética. A junção fechada que apontam em: nit/rate contrastando com night/-rate, em ni/trate contrastando com dye/-trade, a n/ame contrastando com an/aim, se dá simplesmente entre fonemas, não se levando em conta se cada um dos dois fonemas pertencem a formas sílabas separadas (como ocorre em syn/tax.) Caso os autores tivessem dividido a junção fechada em interna e externa, não só ampliariam a classificação, como também constatariam a necessidade, para uma maior clareza e consistência, de se considerar o valor significativo dos elementos entre os quais há junção. Portanto, a classificação estabelecida e exemplificada anteriormente parece ser a mais completa e coerente.

Há uma grande variação de sinais gráficos indicativos de junções, presentes nas transcrições fonêmicas e fonéticas. Já utilizamos muitos deles (//, #, =, † e §), mas depois dessa classificação de junções podemos criar variações que evidenciem os diferentes tipos de junção. Os tipos de junção podem ser indicados simultaneamente pelos símbolos fonológicos (para junção externa e interna) e pela duplicação dos mesmos (indicando descontinuidade fonética, para junção aberta.) Assim, teremos:

Junção externa aberta, # # , exemplo: nova # # época;

Junção interna aberta, + + , ou = = ; sub++locar, guarda==chuva;

Junção externa fechada, # : mar#alto, d'#água;

Junção interna fechada, + , ou = : sub+stabelecer extrem(a)=unção.

Ocasionalmente poderá surgir o limite de radical (#) em dois radicais a fim de salientar a natureza desses elementos: Mas se um radical e um morfema optamos por um dos limites, o de morfema e o de radical (#): o primeiro (#) ocorre entre palavras de existência própria na língua (formadas de radical e morfemas), ao passo que o segundo (#) se dá entre radicais nem sempre existentes na língua isoladamente (em compostos eruditos), como também entre os componentes incompletos da aglutinação. Assim, há uma ligação maior entre os elementos com limite # do que com limite ## .³⁴

Vimos que os limites morfológicos estão presentes na consciência do falante-ouvinte nativo. O modelo mental do vocábulo morfológico emerge da identificação parcial dos elementos existentes em múltiplas frases. Por exemplo, comparando as frases:

Ele me viu.

Você me viu.

Ele nos viu.

Ele nos encontrou.

Distinguimos três elementos formais em cada uma delas. Porém, num outro exemplo, onde temos: enterrar, enterro, desterrar, com três elementos formais em cada vocábulo, podemos sentir que o processo de desmembrar as partes do vocábulo depreende formas linguísticas (-, -terr-, -ar, -o, des-) de tipos diferentes das anteriores.

Neste ponto distinguem-se, segundo L. Bloomfield (1961:160), duas espécies de unidades formais:

a forma presa, aquela que nunca é falada sozinha (corr-, -endo), e a forma livre, todas as outras (como por exemplo, João corre, ou corre, ou correndo.)

B. Bloch e G. Trager também apresentam a forma livre como a fração do sintagma que pode ser dita sozinha com significação na fala normal, e a forma presa, aquela que nunca aparece por si própria com significação.

M. Câmara (1970:59) as redefiniu:

- "1) formas livres, quando constituem uma sequência que pode funcionar isoladamente como comunicação suficiente." " Procrever uma lei". " Que vão fazer?. Resposta: Procrever.
Procrever o quê? Resposta: Lei;"
- "2) formas presas, que só funcionam ligadas a outras (como pro- de procrever, prometer, etc.)" 35

Devem-se acrescentar duas outras características das formas livres: a mobilidade dentro do sintagma e a capacidade de se disjuntir de outras formas, que se resumem numa " liberdade " dessas formas.

M. Câmara propõe ainda uma classificação especial para os vocábulos clíticos, isto é, "vocábulos significativos que na enunciação lingüística são sistematicamente integrados num vocábulo fonético maior e subordinados ao acento que dá a este individualidade fonética " (1973:86.)

Essas formas clíticas (artigos, pronomes átonos, preposições, conjunções), chamadas de " dependentes", não são livres porque não podem funcionar isoladamente como comunicação suficiente; mas também não são presas porque possuem mobilidade e capacidade de disjunção e não são condicionados pelo vocábulo a que se adjungem. Entre forma dependente e a livre pode se intercalar uma, duas ou mais

6. Conseqüentemente raízes incompletas, como -screv-, met-, também são formas presas.

formas livres (a lei: a grande e promissora lei); e essas partículas podem mudar de posição em relação à forma livre a que se acham ligadas (e fala, fala-se), o que não ocorre absolutamente com uma forma presa. A forma dependente é um vocábulo formal que não é vocábulo fonológico por si (cf. M. Câmara, 1970:60.)

L. Bloomfield ainda divide as formas lingüísticas em simples e complexas. A forma é complexa quando mostra semelhanças fonético-semânticas parciais com outras formas (englobando desde os grupos acentuais até os vocábulos fonológicos.) Exemplo³⁶: João corre, João cai, jogando, dançando. Essa parte comum entre as formas complexas é o constituinte.

Já a forma simples não traz semelhanças parciais fonético-semânticas com outras formas e equivale a morfemas como; João, dançando.

Em B. Bloch e G. Trager, palavras complexas contêm uma ou mais formas presas.

Fazendo-se um exame dos constituintes de uma frase, como: homem vem correndo, podem-se encontrar cinco constituintes últimos: homem, vem, corr-, -endo. Porém, conforme L. Bloomfield (1961:161), a estrutura das formas complexas não é tão evidente assim. Para entendermos as formas de uma língua, é preciso analisarmos sua estrutura através de seus constituintes imediatos. Os constituintes imediatos de o homem vem correndo são as duas formas o homem e vem correndo; cada forma dessa, por sua vez, é complexa. Os constituintes imediatos de vem correndo são vem, uma forma simples ou morfema, e correndo, uma forma complexa cujos constituintes são os morfemas corr- e -endo. E os constituintes de o homem são os morfemas o e homem. Por esse caminho, uma análise exata nos conduzirá aos morfemas constituintes últimos.

³⁶ Procuramos exemplos em português que correspondam às características propostas.

Esse princípio dos constituintes imediatos levou L. Bloomfield a distinguir certas classes de palavras de acordo com seus constituintes imediatos:

) Palavras secundárias, "contendo formas livres":

1- palavras compostas, contendo mais de uma forma livre³⁷: abaixo-assinado, sócio-econômico, cola-tudo. As formas livres são os membros da palavra composta (abaixo, assinado, sócio, econômico, cola, tudo).

2- palavras secundárias derivadas, contendo uma forma livre: bomade, juizado, infeliz. A forma livre é chamada de forma de base (bom, juiz, feliz.)

) Palavras primárias, "não contendo uma forma livre":

1- palavras primárias derivadas, contendo mais de uma forma presa: preceber, con-ceber, corr-endo, vis-ível.

2- palavras-morfemas, consistindo num único morfema livre: homem, juiz, bom, mal, chapéu.

Sobre essa definição de "contendo" ou "não contendo formas livres", deve ser feita uma observação. Se palavras primárias não contêm forma livre, não cabe, então, a inclusão das palavras-morfemas como um tipo de palavra primária, pois elas consistem exatamente numa forma livre simples. Melhor seria substituir a expressão "não contendo" por "não se originando de" ou "não derivando de". Assim, a palavra-morfema não deriva de uma forma livre, mas é uma forma livre.

Nessa classificação de palavras estão presentes formas livres e presas, mas L. Bloomfield não abordou as formas do tipo dependente em seu estudo. Todavia, por sua importância, essa classificação proposta por M. Câmara será utilizada na análise da dependência vocabular.

37. Ver uma nova concepção dessas formas livres, p. 70-1.

A distinção desses três tipos de formas linguísticas, com adição de mais uma (que será proposta a seguir) contribui para identificar o vocábulo formal ou mórfico.

Segundo M. Câmara (1970:59-60),

" O vocábulo formal é a unidade a que se chega, quando não é possível nova divisão entre duas ou mais formas livres. Constará, portanto, de uma forma livre indivisível (ex.: luz), de duas ou mais formas presas (ex.: in+pre+vis+ível) ou de uma forma livre e uma ou mais formas presas (ex.: in+feliz.)"

ainda de uma forma dependente (1977a: 241)

Porém, surgem problemas nessa classificação de formas, quando tratamos da justaposição, da sufixação e da prefixação.

Essa questão se adensa mais ao examinarmos o texto de M. Câmara (1970:59-61), onde aparecem contradições.

Depois de definir o vocábulo formal como possuindo uma só nenhuma forma livre, ele afirma que, no vocábulo composto por justaposição, "dois vocábulos fonológicos passam a constituir um só vocábulo formal." E exemplifica com guarda-chuva. Contudo é possível dividir esse composto em duas formas livres: guarda (do verbo guardar) chuva (substantivo). Essas duas formas devem então funcionar isoladamente como comunicação suficiente, já que a forma feliz, no seu emprego (in+feliz), funcionou.

Ou tanto guarda e chuva quanto feliz são formas livres, cabe aqui uma revisão de conceitos.

Por outro lado, se analisarmos o conceito de justaposição sob o ponto de vista semântico (critério para o qual L. Bloomfield também apelou ao definir as formas livres, presas, simples e compostas), veremos que a composição (no caso, por justaposição) consiste em formar uma nova palavra pela união de dois ou mais radicais; a

palavra composta representa sempre uma idéia única e autônoma, não sendo dissociada das noções expressas pelos seus componentes" (C. Câmara, 1979:121.) Então, a nova palavra composta perde as antigas noções de seus componentes, como constatamos nos exemplos: arranha-céu, bate-papo, bem-te-vi, bota-fora, malmequer .

M. Câmara parece pressentir esse aspecto quando diferencia a locução da justaposição ³⁸: para a última é impossível "se suprimir um dos elementos sem maior prejuízo ou verdadeira subversão do que se quer dizer", enquanto que na locução a supressão de um dos elementos não prejudica a comunicação.

Ao fazermos um teste sobre a suficiência de comunicação de cada elemento da justaposição, confirmamos essa impossibilidade. Exemplo: - Apanhou o guarda-chuva; a pergunta - Apanhou o quê? é incompatível a resposta - Chuva, ou - Guarda.

Se as formas constituintes da justaposição não são exatamente livres, pois não funcionaram isoladamente sem prejudicar a comunicação, também não são tipicamente presas, porque podem, em último caso, funcionar isoladamente na língua, ainda que perdendo o valor semântico anterior, enquanto constituinte da justaposição.

Como então considerar essas formas? E no caso de in+feliz? A forma feliz de infeliz também não resiste ao teste de suficiência de comunicação. Em: - Ele está infeliz., - Como ele está? - Feliz., essa resposta não é aceitável pois a forma feliz não pode ser destacada da forma derivada por trazer uma idéia contrária a ela (a não ser que fizéssemos uma pergunta negativa para obter a resposta certa... Isso seria uma artificialidade.)

Além do mais, esse método de decompor locuções e compostos através de perguntas não está sempre bem empregado por M. Câmara, que põe em choque conceitos de locução encontrados em sua obra.

38. Ver M. CÂMARA JR., 1970:61 e adiante, p.130.

Primeiramente, ele coloca a pergunta -Ele tinha falado? com a resposta - Tinha, para provar que a locução verbal pode ser representada por um único membro. Depois ele faz a pergunta - É um guarda-chuva?, onde não cabe a resposta - Chuva, segundo ele, por formar uma justaposição em guarda-chuva.

Ora, nota-se aí uma orientação tendenciosa e artificial nas perguntas. Sabe-se que, no português, de uma interrogação que não possui pronome ou advérbio interrogativo, esperamos sempre uma resposta positiva ou negativa. Por conseguinte, só cabem respostas com os advérbios - Sim ou - Não, ou com a repetição do verbo (ou o nome do auxiliar), presente na pergunta (caso este que não ocorre com a maioria das línguas.) É óbvio que a forma interrogativa - um guarda-chuva? só pode resultar nas respostas: -É, ou - Sim, ou ainda, -Não.

As perguntas a serem feitas nesse caso deverão se construir de tal modo que se tenha como resposta todo o sintagma nominal ou parte dele; isso se consegue com a ajuda de pronomes ou advérbios interrogativos. Somente assim o teste será válido. Exemplo: É o quê?, - Ele apanhou o quê?

Um outro problema que vem abalar a classificação de formas lingüísticas existente, assim como as posições de M. Câmara sobre esses de formação de palavras, se refere à divergência dos conceitos de locução encontrada em sua obra. No seu Dicionário de Lingüística e Gramática, p.162, M. Câmara nos dá como locuções

"1) as preposicionais (ex: para com, em cima de) e conjuncionais (ex.: de sorte que); 2) as nominais (ex.: via férrea, estrada de ferro); e 3) as verbais, nas conjunções perifrásticas.

afirma:

" A locução é um tipo de sintagma, intermediário entre o sintagma lexical e o sintagma sintático."

Entretanto, ao contrário do que ele propõe pelo método de eficiência de comunicação, com essas locuções nominais dadas não podem ser aplicadas aquelas perguntas sem se subverter a comunicação: - Construiu-se uma via-férrea; para - O que se construiu? a resposta - Via, sem o determinante, não é aceitável, nem tampouco Férrea.

O mais coerente é colocar essas locuções nominais no processo de justaposição, pois, embora elas tenham um comportamento morfológico um tanto diferente do da justaposição (como veremos depois, 32-46), elas formam um único vocábulo mórfico, uma unidade significativa.

As verdadeiras locuções são as que podem ser decompostas em elementos autônomos, isto é, em dois ou mais vocábulos mórficos. Elas não possuem obrigatoriamente dois vocábulos fonológicos: fala-se e de Pedro são locuções com dois vocábulos mórficos num único vocábulo fonológico.

Receberão um tratamento especial (p.109) as locuções preposicionais, conjuntivas, adverbiais e pronominais, que geralmente são formadas por palavras portuguesas (nominais ou verbais) que sofreram derivação imprópria e se concatenam com uma preposição de origem latina (ex.: em vez de, antes de, junto a, uma vez que, à noite.)

Também será feita, neste trabalho, uma classificação das locuções para que se diferenciem os diversos tipos de sintagmas que se unem sob o nome de locuções. O critério aqui usado é o de uma

maior ou menor lexicalização, ou seja, quanto maior for a escolha entre os elementos da locução, mais lexicalizada ela é. Assim, dois tipos de locuções se distinguem:

as locuções gramaticais ou morfológicas, cujos elementos formadores são fixos, pouco passíveis de substituição e se agruparam diacronicamente, pelo uso sistemático que adquiriram na língua; elas fazem parte do sistema gramatical fechado da língua, de número limitado de unidades. São elas: as locuções prepositivas, as locuções adverbiais, as conjuntivas e as pronominais indefinidas.

as locuções lexicais, cujos elementos são mais suscetíveis de substituições e cujo processo de criação é bastante produtivo; elas muitas vezes transmitem a mesma significação externa de uma palavra na língua³⁹, e formam uma lista aberta nessa língua. São: as locuções adjetivas, as expressões adverbiais, as locuções interjectivas, as locuções substantivas e as verbais.

Essas locuções lexicais podem ainda se dividir em dois grupos, segundo um maior ou menor grau de lexicalização: de um lado, aquelas constituídas no momento da enunciação por quaisquer palavras que formem uma unidade significativa e funcional (sendo, portanto, mais lexicalizadas); é o caso das locuções adjetivas e das expressões adverbiais que, formadas geralmente de uma preposição e um substantivo, servem de perífrase de um adjetivo ou um advérbio, exercendo as funções destes.

De outro lado, o grupo das locuções substantivas ou expressões idiomáticas⁴⁰, das locuções interjectivas e das locuções

39. A. MARTINET (1975:115-117) define as locuções lexicais como "sintagma autônomo" e palavra como "sintagma autônomo formado de monemas não separáveis."

40. As locuções substantivas, vale notar, nem sempre equivalem aos grupos acentuais, porque estes variam sua extensão de acordo com a velocidade de pronúncia, e aquelas forma um todo mais constante, como será visto.

verbais, que se consagraram na língua devido especialmente à freqüên-
cia de uso; elas formam também um todo significativo (com as diver-
sas funções substantivas ou com valor de interjeição e de verbo) ,
sendo menos lexicalizadas do que as anteriores.

Essa lexicalização das locuções resulta, como veremos, nu-
na maior ou menor dependência entre vocábulos.

Voltando à questão dos tipos de formas lingüísticas, aque-
les casos de justaposição, chamados de "*locuções nominais*", por M. Câ-
nara, têm um comportamento peculiar que poderia distingui-los dos
outros justapostos. O primeiro elemento (um substantivo) dessas "*lo-*
cuções" se flexiona em número (ex.: vias-férreas, lugares-comuns ,
terças-feiras) o que pode lhe dar uma aparência de forma livre e au-
tônoma, em comparação com os compostos que não flexionam seu primei-
ro membro. Mas essa flexão só ocorre devido à classe gramatical do
primeiro elemento e não é exclusivamente essa classe que decide se
uma forma é livre. Essa autonomia morfológica, na verdade, se mos-
tra irrelevante, visto que nesses casos de justaposição ("*locuções*")
sente-se também uma unidade significativa, tem-se também um único
vocábulo mórfico. Além do mais, seus elementos se adaptam a um único
gênero: lei, em o decreto-lei, se submete ao gênero do primeiro com-
ponente, acontecendo o mesmo com o mestre-escola, e ainda, o ponta-
direita, o boa vida, etc. Essa submissão a um mesmo gênero não é de-
cisiva, porém confirma o todo significativo dessas justaposições.⁴¹

Para resolver o problema das formas que não podem ser con-
sideradas exatamente como livres, presas ou dependentes (das quais
falamos anteriormente), propomos aqui uma nova classificação. Nesses
casos de compostos por justaposição e certos derivados, temos uma

41. Ver p. 134.

mais formas "semilivres". Essas formas semilivres diferem basicamente das livres, porque não funcionam isoladamente sem modificar seu valor semântico. Elas ainda podem adquirir comportamento morfo-sintático⁴² distinto das formas livres correspondentes (já que sofrem uma espécie de derivação imprópria.)

As formas semilivres também se distinguem das presas, por e lhes é possível, em todo caso, funcionarem isoladamente (adquirindo, é claro, novo matiz semântico e outro comportamento morfo-sintático.) E ainda, as formas semilivres não possuem a mobilidade e a capacidade de disjunção das formas livres e das dependentes. As formas semilivres são o contrário das dependentes, já que estas têm mobilidade sintagma e nunca funcionam isoladamente. Embora esteja em condição intermediária entre a forma livre e a presa, a forma semilivre possui características bem definidas.

Além de se definirem semanticamente, as formas semilivres podem ter características morfo-sintáticas diferentes das formas livres correspondentes, por terem sofrido derivação imprópria. Elas perdem as antigas flexões: os elementos sendo de gêneros diferentes, no caso de substantivo mais substantivo justaposto, submetem-se a um gênero único; quando o primeiro elemento corresponde a um verbo, na justaposição ele perde suas flexões verbais; quando temos adjetivo e substantivo, o primeiro elemento não varia em gênero nem em número; no caso de duas formas justapostas provenientes de verbos, elas adquirem flexão nominal; já outras formas semilivres perdem totalmente as flexões.

Por exemplo: chuva como forma livre é do gênero feminino, enquanto que, como forma semilivre ela mudará de gênero: o guarda-chuva; vida, feminino, ficará masculino no composto o boa-vida; bota (do verbo botar) enquanto forma livre, pode variar em número, pessoa, tempo, modo (botam, botou) mas quando é forma semilivre, permanece

42. A flexão é um fenômeno morfológico, como também sintático (de associação sintagmática). Para M. ARONOFF (Word Formation in G.G.) a flexão, junto com toda a morfologia gramatical, faz parte da sintaxe; enquanto que a morfologia derivacional está em separado.

éce invariável: os bota-fora; em sócio-econômicas o primeiro adjetivo perde suas flexões; o plural de quebra-quebra é quebras-quebras, com flexão nominal em antigos verbos; outros compostos não têm plural: os vai-volta, as fogo-apagou.⁴³

Vejamos as formas semilivres na sufixação: cruel, enquanto forma livre, tem flexão de número, mas como forma semilivre, permanece invariável na derivação sufixal: crueldades; o mesmo ocorre com: bom, sem flexão de gênero ou número em as bondades, pincel, em pinceladas, galinha, em galinheiro, etc.

No caso da prefixação, a segunda forma é semilivre somente sob o critério semântico, porque continua com a mesma conduta morfológica de quando é forma livre: vice-reis, infelizes.

Na locuções prepositivas, adverbiais e conjuntivas também temos formas semilivres: de acordo com, gota a gota, uma vez que.

São ainda formas semilivres alguns prefixos que adquiriram uma certa autonomia na língua (funcionando isoladamente como preposição) e que fazem parte do processo de prefixação por composição. São eles: contra, entre, sob, sobre, extra, pré, pró, pós.⁴⁴

Vale observar que os vocábulos clíticos deixam de ser dependentes, passando a formas semilivres, quando constituem compostos por justaposição (como também aqueles clíticos das locuções prepositivas, adverbiais e conjuntivas). Isso acontece porque eles: perdem a mobilidade em relação à outra forma, não podem se destacar do composto sem prejuízo semântico, e entre elas não se podem acrescentar outras formas. Exemplo: bem-te-vi, disse-que-disse, para com, em cima de, às pressas, já que, etc.

43. Ver p. 132-4.

44. Ver p. 121.

As formas livres, finalmente, só estão presentes nas locuções lexicais ou constituem formas isoladas e indivisíveis.

Mesmo com essa nova classificação de formas semilivres, a definição do vocábulo mórfoico continuará com a exigência inicial de poder conter somente uma única (ou nenhuma) forma livre, acrescentando-se outra possibilidade: uma única (ou nenhuma) forma dependente. Agora, um vocábulo mórfoico consistirá também de duas ou mais formas semilivres (ex.: porta-bandeira, bumba-meu-boi, bem-te-vi); de uma ou mais formas semilivres junto a uma ou mais formas presas (ex.: in++feliz+es, re++luz+ir, mal==diz+er+es); de uma forma dependente (ex.: de, que); além dos outros casos já vistos de uma forma livre indivisível e de duas ou mais formas presas.

Relacionando, enfim, os dois tipos de vocábulos com as formas lingüísticas que os compõem, temos:

- 1) dois vocábulos fonológicos e dois vocábulos mórfoicos constituídos por duas (ou mais) formas livres;
- 2) dois vocábulos fonológicos e um vocábulo mórfoico com duas (ou mais) formas semilivres;
- 3) um vocábulo fonológico e dois vocábulos mórfoicos com formas dependentes mais forma livre; e
- 4) um vocábulo fonológico e um vocábulo mórfoico com formas presas ou com formas presas mais semilivres, ou ainda, uma forma livre.

3.2.2 - A composição e a derivação - As classificações e conceituação sobre o processo de formação de palavras apresentadas nas gramáticas normativas e mesmo nas descritivas são variadas e divergentes, não satisfazendo a um estudo mais aprofundado do assunto.

Em. M. Câmara já se encontra uma tentativa de reformulação

os antigos conceitos de composição e derivação, sob uma interpretação linguística bastante coerente que passamos a adotar com algumas adaptações.⁴⁵

Alguns gramáticos (C. Cunha, S. Ali) colocam, como tipos de composição, a justaposição e a aglutinação, e, como derivação, a prefixação e a sufixação. Outros só julgam caso de derivação a prefixação, sendo tipos de composição a justaposição, aglutinação e sufixação. Assim, a prefixação oscila entre as duas classificações de composição e derivação.

A fim de diferenciar os tipos de composição e de derivação, M. Câmara usa como referência as noções de vocábulo fonológico e vocábulo mórfico.

Começando pela aglutinação, que é "a perda da delimitação vocabular entre duas formas que passam a constituir um único vocábulo fonológico", M. Câmara a considera "um conceito meramente fonológico e diacrônico: é a perda de uma justaposição na história da língua" (1976:38-9.)

"A aglutinação, como fato sincrônico, só deve ser levada em conta, quando a análise mórfica depreende as formas aglutinadas" (1977a:46).

"A perda da delimitação vocabular na aglutinação decorre; 1) da subordinação das duas formas a um único acento vocabular, 2) de troca ou perda de fonema por sândi interno, 3) de modificações de ordem mórfica, que fazem da forma um elemento de composição ou derivação" (1977a:45.)

Para M. Câmara, todos os vocábulos constituídos de formas

5. Ver M. CÂMARA, 1970, 1976 e 1977 a: et passim, e ainda o capítulo IV, 4.1. deste trabalho.

resas ou de uma forma "livre" (semilivre) combinada com formas pre as podem representar aglutinação. Então, há aglutinação na compo-
 ição e na derivação. Ele acrescenta que a aglutinação "pode ser en
 tre semantemas, ou, ainda, de semantema com morfema" (1973:304). A
 aglutinação, assim, ocorre de modo bastante generalizado entre quais
 uer tipos de forma.

Contudo, se a aglutinação é a perda diacrônica de uma jus
 taposição, como o próprio M. Câmara afirmou, então ela só se dá en-
 tre radicais e não entre radical e afixo. Assim, é preferível res-
 ringir a definição desse processo de formação de palavras: a aglu-
 tinação é antes um tipo de composição em que há perda (ou troca) de
 fonemas quando da união de radicais, isto é, de mais de um semante-
 ma. Portanto, não ocorre aglutinação na derivação nem tampouco numa
 simples justaposição (em que não há prejuízo fonético.)

Observe-se que essa perda de fonema entre radicais carac-
 teriza a aglutinação em I. Coutinho (1972:180):

*"Consiste a aglutinação na união íntima de duas
 ou mais palavras, para formarem uma terceira,
 o que se não dá sem prejuízo da integridade ma-
 terial de um dos elementos."*

Em T. Goulart e V. da Silva (1974:136) confirmamos que os "radicais
 [...] sofrem perda de sua integridade silábica"; como também em C.
 Cunha (1979:122): os elementos aglutinados "sofrem perda de sua in-
 tegridade silábica."

Desse modo, a diferença entre o processo de aglutinação, o
 de sufixação e o de justaposição torna-se clara.

Exemplifiquemos: na expressão em boa hora, que se agluti-
 em embora, há perda do fonema / o / e da desinência / a / no se-
 ntema boa; em meninices, o radical menin- permanece inalterado ,
 vendo uma troca entre a desinência -o e o sufixo -ices. Note-se
 nda a diferente natureza da supressão de um elemento numa agluti-
 ção e numa sufixação: a perda do / o a / de boa é aleatória, pura-
 nte fônica, tendo sucedido excepcionalmente nesse exemplo, ao pas-
 que a supressão de -o de menino é regular, se dá pelo fato de
 ses dois morfemas (-o e -ices) se excluem mutuamente e de modo
 stemático na língua (com quaisquer outras palavras). Além do mais
 sufixação não implica necessariamente supressões: meninozinho, lei-
o zinho, armamento, papelão, etc.

Também na prefixação, caso em que não há modificação no radi-
 l, não ocorre aglutinação. E mesmo, os alomorfes com fonemas a
 is e a menos coexistem produtiva e sincronicamente, sem alterar
 radical: arqui- e arc- em arquiduque e arcanjo, sub- e su- em sub-
asse e supor.

Assim, só devem ser classificados como aglutinação no pro-
 sso de formação de palavras os compostos cujos elementos consti-
 ntes formam um único vocábulo fonológico e mórfoico, e sofrem
 rda (ou troca) de fonemas entre radicais.

Voltando às propostas de M. Câmara, a aglutinação se opõe
justaposição, porque nesta persiste a delimitação vocabular entre
 formas. Então, cada forma semilivre se conserva como um vocábulo
 nético distinto devido à linha acentual. Temos na justaposição
 dois vocábulos fonológicos e um único vocábulo mórfoico.

Ao lado desse conceito fonológico e mórfoico de justaposi-
 ão, temos o conceito puramente mórfoico de locução que contém dois
 ou mais) vocábulos mórfoicos. Os vocábulos constituintes da locução,
 e "conservam individualidade fonética e mórfoica", formam uma asso-

associação íntima, "uma unidade significativa para determinada função" (1977a:162.) Então, deve ser levada em conta uma certa relação de dependência semântica entre os membros de uma locução.⁴⁶

Como observa J. Vendryes, 1943:223, nas locuções verbais, por exemplo, essa unidade se deve ao fato de que os verbos ditos au iliares geralmente perdem seu sentido anterior, passando a servir de instrumentos gramaticais; elas formam um todo, cuja significação principal está centralizada no segundo verbo. Assim, a idéia de au iliares como querer, haver de, ir normalmente expressam a eventualidade, a obrigação; o futuro, haver e ter assinalam a ação executada, o perfeito, etc. Inclusive, em geral os verbos que servem de au iliares são os mesmos em todas as línguas. Apesar disso, as formas das locuções são livres (ver p. 135..)

A diferença semântica entre a justaposição e a locução está no exame de suficiência de comunicação de seus constituintes (como foi visto em 3.2.1.) Se com a frase - Apanhei o guarda-chuva, para a pergunta - Apanhei o quê?, é impossível uma resposta com um dos constituintes da justaposição (guarda ou chuva), já para a frase - Ele tomou café com leite., é possível a supressão de um dos elementos da locução café com leite: - O que ele tomou?, resposta - Café ou Leite. É claro que a retirada de um dos elementos da locução diminui o grau de informação anterior, o que torna a frase incompleta, mas não subvertida ou sem sentido. Isso ocorre uma vez que o todo

46. A locução pode ser vista, em sentido geral, como simplesmente uma divisão morfológica intermediária entre o grupo frasal (ou oração) e o vocábulo mórfico. Mas preferimos a orientação de M. Câmara, R. Langacker e outros, segundo a qual as locuções formam uma associação semântica íntima devido à sua frequência de uso na língua ou à constância de sua estrutura (ver. p. 135)

gnificativo da locução é quebrado; assim quanto mais forte a unidade de uma locução, maior será a carência semântica resultante de seu desmembramento. Essa carência, no entanto, não impossibilita o desligamento na locução, pois suas formas são livres.

Podemos verificar o mesmo em: - Ele ousou falar. - O que ele fez? - Ele falou; - Ele escreve com a mão esquerda. - Com que mão escreve? - Com a mão.

O processo de derivação, para M. Câmara (1977a:92), é a

"estruturação de um vocábulo na base de outro por meio de um morfema que não corresponde a um vocábulo e introduz no semantema uma idéia acessória que não muda a significação fundamental."

ele dá como exemplo típico da derivação os sufixos. A derivação, além de trazer essa idéia acessória à significação do vocábulo, pode modificar a classe gramatical da palavra (através dos sufixos, da derivação imprópria ou da derivação regressiva.)

A derivação sucede também na parassíntese, onde temos "vocábulos pela agregação simultânea de prefixo e sufixo a determinado radical" (C. Cunha, 1979:119.)

Quanto à prefixação, M. Câmara define-a como justaposição, pois os prefixos alteram fundamentalmente a significação do vocábulo e têm uma natureza lexical, sendo uma variante presa das formas dependentes chamadas preposições.

Porém, temos que observar que os prefixos não possuem todos eles essa natureza lexical, nem são todos correspondente a formas dependentes. Muitos deles já perderam totalmente seu uso como preposição (ou como advérbio) e a forma dependente que corresponderia

preposição não se encontra mais no estado atual da língua, por exemplo: ab-, dis-, per-, soto-, endo-, peri-, etc.; alguns funcionam isoladamente como preposições (entre, contra, sob, sobre, extra pós) e outros são alomorfes de preposições: in- de em, super- de sobre, co- de com.

Na verdade, o falante nativo percebe o primeiro tipo de prefixo como simples formas presas e não mais como preposições.

Além do mais, a alteração pelo prefixo na significação do vocábulo, às vezes pode ser tão sutil que se equipara à intensidade da idéia acessória expressa por um sufixo. Por exemplo, nos pares de palavras: cair, decair, beirar, abeirar, baixar, abaixar, furar, perurar, seguir, prosseguir, erguer, soerguer, correr, escorrer, que muitas vezes podem funcionar como sinônimos num contexto, a mudança semântica quase nula trazida ao radical pelo prefixo (já que a mesma idéia está presente nos dois elementos) é tão secundária quanto a que trazem os sufixos. Em: calça, calção, pulso, pulseira, fluir, afluente, doer, doente, por exemplo, percebe-se mesmo uma alteração de significação no radical, pois que calção não é aumentativo de calça, pulseira possui a idéia nova de objeto de adorno, afluente comporta o caráter secundário de um curso de água subsidiário, doente pode ter como referente uma pessoa enferma que não tem necessariamente de sentir dor, etc. Em justiça e justeza, os dois sufixos não dão apenas uma nova classe gramatical às palavras, mas imprimem nelas significados diferentes (ver. p.90.)

Todas essas nuances significativas leva-nos a afirmar que a influência ou alteração semântica ocasionadas por prefixos e sufixos não são tão claras, nem tampouco decisivas para sua classificação, como composição e derivação, conforme pretende M.Câmara.

Diante do comportamento heterogêneo dos prefixos, o que nos parece conclusivo para sua classificação é o critério morfo-se-

ático das formas lingüísticas. Utilizaremos, então, a seguinte di são (seguida, aliás, por alguns estudiosos): no caso em que os prefixos são sincronicamente formas presas, temos uma prefixação por rivação; no caso onde eles funcionam como formas semilivres, ou as variantes das plivres, há uma prefixação por composição.

Note-se que a prefixação por composição também não pode ser considerada, como quer M. Câmara, um caso de justaposição, pois as palavras justapostas estão dissociadas, pelo sentido, de seus radicais componentes, ao passo que a prefixação mantém uma relação de sentido com o radical. E ainda: a justaposição forma-se com dois se ntemas ou radicais, e na prefixação só o segundo elemento é um radical.

Aliás, o próprio M. Câmara comete dois deslizos na sua posição quanto à natureza lexical dos prefixos: primeiro, quando considera os prefixos como "*jã semântica e morficamente soldados ao radical*" (1977b:59); segundo, quando fala de tipos de prefixos que *não coincidem com preposições da língua, nem são variantes morfofônicas de preposições*" (1977a:77.).

Vale observar, enfim o comportamento fonético de alguns prefixos. Na prefixação por derivação, os prefixos algumas vezes podem adquirir uma individualidade fonética especial.⁴⁷ Como nota M. Câmara (1976:39), às vezes até há oposição significativa entre o prefixo por derivação (que ele chama "*aglutinado*") e outro formalmente idêntico (o "*justaposto*"), que seria por composição e tem uma entuação própria. Vejam-se os contrastes: *exposição* ~ *ex-posição*

e s p o z i s ã w / ~ / e s p o z i s ã w / , preconcêito ~ pré-con

-1 -1 -1 2 1 -1 -1 2

eito / p r e k o n s e y t u / ~ / p r e k o n s e y t u / .

-1 -1 2 -2 1 -1 2 -2

7. Essa inconsistência de comportamento reflete um processo evolutivo, tratado posteriormente, p.103 .

Quando esses prefixos formam um só vocábulo fonológico com radical, temos prefixação por derivação, e quando recebem autonomia fonética, consistem numa prefixação por composição.

Todas as classificações e distinções discutidas e estabelecidas neste capítulo sobre as formas linguísticas e os processos de formação de palavras seguem critérios morfo-sintáticos e semânticos que irão fundamentar a graduação na dependência existente entre os morfemas do português.

IV. GRAUS LINGÜÍSTICOS DE DEPENDÊNCIA ENTRE OS VOCÁBULOS E SEUS ELEMENTOS.

O sintagma combina formas linguísticas em planos hierárquicos. Obedecendo a essa ordenação de valores, essas formas possuem conseqüentemente intensidade de ligação sintagmática variável entre si.

Os fatores que tornam uma forma mais dependente em relação a outra são uma maior ligação sintático-semântica entre elas e a subordinação da primeira quanto ao comportamento morfológico e fonológico.

Certos grupos de palavras, assim como cada processo de formação de palavras derivadas apresentam diferentes graus de depen

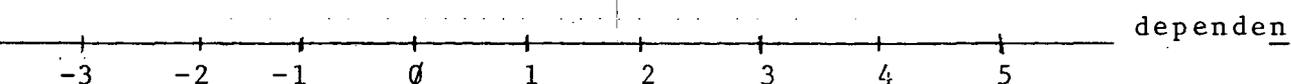
ência entre os elementos constituintes, e formam em cada caso uma unicidade semântica e às vezes mórfrica e/ou fonológica.

1.1. Apresentação escalar da dependência vocabular

A graduação de ligação entre os vocábulo e seus elementos pode ser esquematizada numa escala numérica regida por um princípio ternário.

A escala apresentada a seguir emprega a orientação ternária da Fonologia Natural Pura, de J. -P. Angenot, e se baseia nas conclusões conceituais e classificatórias a que chegamos no capítulo III.

Partimos da seguinte escala, que constatamos não ser apenas multivalente, mas também ternária:



e, onde o grau:

- 5 dependente] : é do fenômeno da aglutinação
- 4 dependente] : parassíntese e compostos eruditos
- 3 dependente] : sufixação
- 2 dependente] : prefixação por derivação
- 1 dependente] : ênclise
- ∅ dependente] : próclise, locução gramatical e certas locuções le
xicais
- 1 dependente] : prefixação por composição
- 2 dependente] : composição por justaposição
- 3 dependente] : locução lexical.

Nesses fenômenos citados vamos observar variações e flutuações que só reforçarão nosso argumento.

Seguindo a F.N.P., nosso estudo se apóia na competência de

locutores-ouvintes reais que vivem numa comunidade lingüística heterogênea (já que há diferenças regionais, sociais e de registro nos dialetos.) Portanto, oscilações que se mostrem sistemáticas devem ser levadas em conta.⁴⁸

As variações lingüísticas, quando persistentes, geralmente são indícios de processos lingüísticos relevantes, de caráter evolutivo. Se, sincronicamente, uma variante parece uma anormalidade, uma exceção a ser desprezada, ela pode, na verdade, estar revelando um estágio da evolução da língua e poderá se tornar com o tempo uma normalidade, uma regra geral já inserida na competência do falante.

Na teoria escalar ternarista, a flutuação encontra seu lugar. O grau [Ø] indica quer um valor neutro, vazio, simples ponto de divisão (como na escala de acentuação), quer um ponto intermediário ocupado por uma flutuação, por um fenômeno instável ou indeterminado. Numa escala qualquer, se um elemento não se ajusta ao comportamento dos elementos do lado positivo, nem ao do lado negativo, tendo características ora de um grupo, ora do outro, ele vai ocupar exatamente o ponto intermediário [Ø] que denunciará essa oscilação.⁴⁹

Como a Fonologia Natural Pura, acreditamos que a competência do falante se amplia na medida em que aumentam seus conhecimentos lingüísticos, seja dentro do próprio idioma, seja pelo aprendizado de outras línguas (quando se fazem comparações lingüísticas, sobretudo entre línguas irmãs.) Por exemplo, um falante do português que conheça o latim percebe a derivação das palavras: recordar (de re+cord+are: repetição, coração), preciso (de prae+cisu: cortado pe

3. A F.N.P. leva em consideração todas as manifestações de desempenho. Porém, as variações livres ou individuais preferimos variações repetitivas e tendentes, que possam refletir a consciência coletiva.

9. Ver ponto [Ø dependente], p. 109.

la extremidade.) Mas na competência da maioria dos falantes do português, essas palavras são primitivas, pois a idéia de derivação se perdeu inteiramente através dos tempos. Assim também, um falante com conhecimentos mais amplos da língua portuguesa percebe mais facilmente a composição nos compostos eruditos.⁵⁰

Este estudo aborda os processos de formação de palavras sincronicamente produtivos. E no caso dos compostos eruditos, embora se trate de radicais latinos e gregos sem vida autônoma no português, eles se integraram no mecanismo da língua e o processo de formação que os emprega é sincrônico. Haja vista o número de vocábulos criados por exigência do progresso científico e tecnológico: radiofonia, televisão, abreugrafia, etc. Esses compostos serão enquadrados no grau [4 dependente] .

Analisemos, agora, cada grau de dependência e suas implicações.

5 DEPENDENTE] : A AGLUTINAÇÃO

O fenômeno da aglutinação, do ponto de vista em que foi abordado em 3.2.2., tem como características: formar um único vocábulo fonológico (isto é, subordinar seus elementos a um só acento tônico), um único vocábulo mórfo e conseqüentemente possuir formas presas ao lado de formas semilivres. Suas formas se tornam presas, porque, desfalcadas de fonemas, elas não podem funcionar isoladamente.

Aqui, a dependência atinge o grau máximo de força, visto que os elementos formadores de uma composição por aglutinação estão tão intimamente associados que perdem fonemas, perdem muitas vezes seu valor semântico original e formam vocábulo único (fonológico e morfológico.)

50. Ver o grau [4 dependente], p.88.)

O limite entre os componentes da aglutinação na representação subjacente será o de radical (#): planalto / p l a n u # l t u /, embora / e n̄ + b o a # o r a /. Assim, chama-se atenção sobre a natureza desses elementos.⁵¹

A unicidade fonológica dos aglutinados será indicada pela pauta acentual. Exemplos: aguardente / a g w a x d e n̄ t i / assim como
 -1 -1 2 -2
embora, viandante, abrolhos, fidalgo, pernalta, puxavante, Fonseca.
 Com essas palavras houve perda de fonemas no radical. Nos aglutinados: boquiaberto, boquirroto, plenipotência, pernilongo, pernibam-
 o, pernicurto, pontiagudo, a união ainda se dá entre radicais, mas há uma troca do morfema final do primeiro elemento pela vogal de ligação -i-: plena, potência se aglutinam em plen-i-potência.

Nota-se nesses casos que a união entre os elementos da aglutinação é reforçada por seu comportamento morfo-sintático: o elemento determinado (substantivo) perde seu morfema de gênero e o determinante (adjetivo) recebe um gênero independente do gênero do determinado (perna, longo dão pernilongo, boca, aberto, boquiaberto.) Uma subversão fonética-morfológica tão grande quanto a da aglutinação não acontece com os outros processos de formação de palavras.

Uma análise mórfrica dos exemplos dados reconstitui os seguintes elementos: água#ardente, em#boa#hora, via#andança, abre#
 lhos, filho#de#algo, perna#alta, puxar#avante, fonte#seca, boca#
 berto, boca#roto, plena#potência, perna#longo, etc.

Todo esse processo de aglutinação está presente na consciência de boa parte dos falantes nativos. Mas a composição de algumas dessas palavras aglutinadas (como: viandante, puxavante) é percebida mais facilmente por um número maior de falantes do que ou

1. Não se pode utilizar o limite de palavras entre as formas aglutinadas, pois esse limite (#) ocorre entre vocábulos mórfricos distintos, entre formas livres.

ras (como: fidalgo, embora) que, ou são de uso menos freqüente, ou estão mais afastadas da significação original de seus constituintes. Pode-se afirmar que, entre todos os processos de formação de palavras, a aglutinação é o de percepção mais difícil por parte dos falantes, exigindo uma reflexão intencional para a apreensão das formas aglutinadas. Muitas vezes a idéia da composição é mesmo perdida.⁵²

Essa dificuldade na percepção da aglutinação parece-se dever à fraca produtividade desse processo. E uma causa dessa pouca produtividade é o fato de que os elementos formadores de uma aglutinação não são mais formas plenas, nem tampouco instrumentos gramaticais, ou seja, eles não são reempregáveis em outras combinações vocabulares. A aglutinação ocorre eventualmente, sem sistematicidade.⁵³

2. Para C. Cunha (1979:122), os elementos aglutinados estão "intimamente unidos por se ter perdido a idéia de composição."
3. Observe-se ainda um fenômeno linguístico muito freqüente na época atual, que, a princípio, sugere uma aglutinação violenta: é o das siglas (ou acrografia), criação vocabular que reduz longos títulos às letras iniciais das palavras que os compõem. Exemplo: ONU (Organização das Nações Unidas), MEC (Ministério da Educação e Cultura).

A sigla, tal qual os aglutinados, é pronunciada geralmente como um vocábulo fonológico único, e também consiste num único vocábulo mórfico (um falante pode até interpretar uma sigla como uma palavra primitiva, sem conseguir apreender seus elementos). Contudo, as siglas são um caso à parte, porque seus constituintes (as iniciais) não são formas linguísticas, não possuindo significação própria e definida, são simples fonemas.

[4 DEPENDENTE] : A PARASSÍNTese E OS COMPOSTOS ERUDITOS

A parassíntese é o processo que forma sobretudo verbos ,
através da colocação simultânea de prefixo e sufixo. Esses verbos
derivam de um nome "mediante o emprego da flexão verbal e a adju-
nção de um dos prefixos a- ou em- sem significação própria" (M. Câ-
mara, 1977a:187). Acrescenta-se o prefixo es- (esburacar , esfriar).
Esses prefixos não passam de meros morfemas ainda mais desprovidos

derivação ou da sufixação, que também têm unicidade fonológica e morfológica nos vocábulos?

Vemos que geralmente uma produtividade mais forte de um fenômeno se relaciona a uma maior intensidade de sua realidade psicológica. Ora, é grande o poder dos afixos de produzir novos vocábulos e essa produtividade torna a derivação facilmente perceptível a uma extensa faixa de falantes do português. Ao passo que a criação de novos vocábulos por via erudita é muito restrita (limitando-se ao vocabulário técnico-científico.) Muitas vezes, quando essas palavras negam ao uso popular, elas são sentidas pela maioria dos falantes como primitivas, tendo sido perdida a noção de composição. Portanto, há uma ligação semântica mais profunda entre os constituintes de um composto erudito, o que os afasta dos graus [3] e [2] da derivação e lhes confere o grau [4] de dependência.

O limite na representação subjacente dos eruditos é de radical (≠) : suicida / s u i ≠ ≠ s i d a /; e a sua unicidade fonológica é indicada pela linha acentual. Exemplos: telegrama
 t e l e g r a m a /, telepatia, multinacional, sociologia, autó-
 -1 -1 2 -2
romo, antropologia, cronômetro, fotografia, heliocromia, radiolo-
ista.

3 DEPENDENTE] : A SUFIXAÇÃO

A sufixação, como analisamos, é o caso mais típico do processo de derivação, pois a idéia que os sufixos introduzem no radical é simplesmente acessória, não lhe modificando fundamentalmente a significação.⁵⁵ Eles são, antes de tudo, instrumentos gramaticais.

Como foi visto (p.50) os morfemas provêm de antigas pala-

5. Ver p.78-9 .

ras. J. Vendryes (1943:et passim) explica que, antes de chegar a ser um simples sufixo, a palavra plena vai perdendo seu sentido próprio pouco a pouco e de uma maneira insensível. Ao abandonar seu sentido próprio, as palavras convertidas em sufixos tomam um valor abstrato que as dispõe para expressar uma categoria morfológica. Umas, por exemplo, expressam uma qualidade, outras, o estado; algumas caracterizam nomes de ação, outras, nomes de agente. Esse valor abs- abstrato não é obstáculo para que, posteriormente, adquiram matizes afetivos (como no caso dos diminutivos.)

O verdadeiro caráter da palavra vazia, continua J. Vendryes, é a abstração. Quanto mais se afirma como palavra vazia, tanto mais aumenta seu valor abstrato, até o ponto de certos morfemas acabarem por ser meros símbolos. A evolução dos morfemas se faz, pois, passando do concreto para o abstrato, do particular ao geral.

M. Grevisse (1975:82) defende um certo valor semântico nos sufixos: num sufixo vivo (aquele que atualmente ainda produz termos novos), o espírito percebe nitidamente uma idéia abstrata geral que se junta à idéia expressa pelo radical. Perecível, por exemplo, apresenta ao espírito a idéia de perecer, à qual se junta a idéia de possibilidade. Num sufixo morto (improdutivo), o espírito não reconhece, em geral, a idéia secundária adicionada à idéia expressa pelo radical (considera-se como simples a palavra derivada.)

Assim, além de uma mudança de classe gramatical, os sufixos trazem uma noção acessória ao radical. Mas trata-se de um valor semântico abstrato e geral, demonstrado sobretudo no fato de que um mesmo sufixo pode ter vários sentidos diferentes (e não um sentido próprio e único como o de muitos prefixos, por exemplo.) Haja vista o sufixo -ada, que pode significar: a) coleção (manada), b) porção contida num objeto (colherada), c) marca feita com um instrumento (pinelada), d) golpe (dentada) e) produto alimentar (bananada), f) dura-

ão prolongada (temporada), g) movimento enérgico (cartada); o sufixo -ismo, que pode denotar: a) doutrina (fascismo), b) modo de proceder (cinismo), c) forma peculiar da língua (solecismo), d) doença (reumatismo); etc.

É essa abstração de significação do sufixo que distingue o grau de dependência da sufixação do grau da prefixação derivacional: os prefixos expressam uma idéia própria, constante e específica, e por isso são menos ligados ao radical do que os sufixos.

Enfim, os sufixos derivacionais⁵⁶ têm a dupla função de: a) acrescentar uma idéia acessória, como a de grau (caríssimo, famílimo), a de aspecto incoativo (entardecer, "começar a ficar tarde") ou interativo (saltitar, "dar pequenos saltos", voejar "fazer pequenos vôos") e de outros valores abstratos e gerais tais quais: o de qualidade (habilidade, rapidez, doçura, gratidão), o de estado (po-reza, calvície, alegria, plenitude), de ação (aprendizagem, vingança, traição, acolhimento), de agente (combatente, jogador), de coleção (boiada, folhagem, gritaria), de profissão (secretário, barbeiro), de aumentativo (paredão, ricaço), etc.

b) transpor uma palavra de uma classe para outra, por exemplo: do substantivo família para o adjetivo familiar, do verbo vingar para o substantivo vingança, do adjetivo digno para o substantivo dignidade, do verbo durar para o adjetivo durável.

A palavra derivada por sufixação forma um único vocábulo fonológico e um único vocábulo mórfico, com limite de morfema na representação fonêmica: tolice / t o l + i s i /.

-1 2 -2

Na sufixação há menos dependência do que na parassíntese,

56. Os sufixos flexionais (as desinências de gênero e número para nomes e pronomes, de número, pessoa, tempo e modo para verbos) não são aqui abordados, por não derivarem vocábulos.

pois a ocorrência daquela não exige a presença simultânea do prefixo, podendo o sufixo aparecer sozinho com o radical. Por exemplo: temos utilizar (só sufixação) e inutilizar (sufixação e prefixação), mas apenas empalhar (parassíntese).

Além do mais, ao contrário do que acontece com os compostos eruditos, o processo de sufixação está bem nítido na consciência da maioria dos falantes graças à sua intensa produtividade.

Dois sufixos, porém, receberam um tratamento especial por parte de Y. Leite; são eles: -inho e -íssimo. Os elementos -zinho e -mente, muitas vezes considerados como sufixos, adquiriram nova classificação.⁵⁷

Para Y. Leite, fatores morfológicos ou semânticos devem ser levados em conta numa análise fonêmica, pois, quando um fonema pressuposto a partir de um contraste, surgem conseqüências morfológicas às vezes indesejáveis que não deveriam ser postas de lado, como acontece na análise "tradicional".

Y. Leite (1974: et passim) apresenta os problemas morfológicos envolvidos com a neutralização fonêmica, proposta por M. Câmara, nesses dois sufixos.

De acordo com o quadro das pretônicas sugerido por M. Câmara, temos a neutralização de / e / e / ε / em / e / e de / o / e / o / em / o /. Então, antes dos sufixos (que na maioria são tônicos), ocorre essa neutralização devido à pauta acentual. Por exemplo: o / ε / tônico de café / k a f ε / passa a / e / átono em cafezal / k a f e z a w /; o / o / tônico de história / i s t o r i a / passa a / o / átono em historiar / i s t o r i a x /.⁵⁸

57. Ver p. 128, 142.

58. Convém notar que no exemplo / b e l e z a /, a neutralização se deve também à harmonia vocálica do / e / pretônico com o / e / tônico (até mesmo no falar nordestino.)

Porém, o sufixo -inho(a) e o sufixo superlativo -íssimo(a) contradizem esse princípio geral, porque, embora sejam tônicos, as vogais / ε / e / o / da raiz não sofrem neutralização: historinha / i s t o r i ñ a / e belíssimo / b ε l i s i m u /.

Para explicar esse comportamento excepcional, Y. Leite examina a possibilidade de considerar essas formas como nomes compostos ou uma espécie de frase, separados por limite de palavras, com acentuação própria a esses casos (o que resolveria o problema.) Contudo, ela rejeita essas hipóteses, visto que nenhum dos processos gramaticais e fonológicos característicos do limite de palavra sucede nas raízes, que precedem os sufixos -inho ou -íssimo:

1) não há flexão de gênero ou número na raiz que antecede -inho ou -íssimo (como acontece com -zinho e -mente);

2) esses sufixos não podem cair indiferentemente, sem sofrerem alterações (tal qual com o -mente);

3) antes de -inho e -íssimo não se verifica a dupla realização do / l / final de palavra em [l] ou [w]. Já quando se trata de limite de palavra, há essa flutuação dialetal na realização do / l / final antes de vogal. Por exemplo: mil anos pode ter as pronúncias [m i l a n u s] ou [m i w a n u s], mal acabado [m a l a k a a d u] ou [m a w a k a b a d u]; todavia, uma forma como [b e w i s i m a] " para belíssima é impossível, porque não há dentro desse vocábulo limite de palavra;

4) a não-neutralização antes de -inho e -íssimo não é regular. Se houvesse limite de palavra antes desses sufixos, a falta de neutralização seria freqüente. Mas foi observado que a não-neutralização das vogais sucede somente se elas são a última vogal antes do sufixo: levíssimo / l ε v i s i m u /, fortíssimo / f o x t i s i m u /, peixinho / p ε x t i ñ u /, copinho / k o p i ñ u /; quando se trata

a penúltima vogal, há neutralização: fertilíssimo / f e x t i l i s i m u /, belíssimo / m o b i l i s i m u /, logicíssimo / l o ž i s i s i m u /.

Portanto, o limite antes de -inho e do -íssimo é o de morfe

As tentativas de explicação da não-neutralização em formas como belíssimo e historinha, feitas pelos lingüístas taxonômicos (colocar no léxico alomorfes alternantes), pelos gerativistas (aplicação cíclica de regras ordenadas) e outros, são rejeitadas por Y. Leite. Ela apresenta a seguinte solução (1974:37): uma análise com limite de morfema antes de -inho e -íssimo e uma regra especial de acento para justificar a falta de neutralização na última vogal antes desses sufixos.

Podemos aqui afirmar que essa não-neutralização antes de -inho e -íssimo consiste num vestígio fonológico agonizante de antipalavras se tornando sufixos. Assim, esses dois morfemas confirmam o processo degerativo que ocorre com os limites, demonstrando enfraquecimento do limite de palavra em limite de morfema.

Pelo confronto entre as várias interpretações apresentadas por Y. Leite sobre o comportamento desses sufixos, consideramos coerente e pertinente a proposta da autora sobre o envolvimento de fatos morfológicos para a explicação dessa questão. Um tratamento puramente fonológico mostra-se pouco eficiente diante dos problemas morfológicos que se impõem.

Concordamos também com a constatação de um limite de morfema antes de -inho e -íssimo, o que os torna sufixos, formando junto com o radical um único vocábulo fonológico e mórfico. Esses sufixos, como quaisquer outros, recebem o grau [3] de dependência, sem que a não neutralização concorra para uma dependência diferente da existente com os outros sufixos.

2 DEPENDENTE]: A PREFIXAÇÃO POR DERIVAÇÃO

Os prefixos anexados ao radical por derivação consistem em uma forma presa, não mais percebida como uma preposição;" são *me-
as partículas, sem existência própria no idioma*" (C. Cunha, 1979:
03), trazendo, muitas vezes, apenas uma idéia acessória ao radical
que se adjungem (ver p.79.)

O prefixo por derivação teria, portanto, praticamente a mesma força de influência semântica de um sufixo, os dois não passando de formas vazias e presas. Por esse motivo, a prefixação por derivação e a sufixação se avizinham na escala de dependência vocabular.

Contudo, os dois processos não podem se fundir num só grau de ligação, porque os prefixos guardam, mais do que os sufixos, resquícios diacrônicos do valor concreto e específico das antigas formas plenas. Além do mais, esse seu comportamento flutuante⁵⁹ entre pertencer à derivação ou à composição e entre ter ou não certos vestígios lexicais demonstra instabilidade que não mais existe com os sufixos (afixos já de valor abstrato).

Esse valor particular e concreto que ainda subsiste nos prefixos, reflete-se na unicidade de sentido que a grande maioria dos prefixos possui, com raras exceções. Tomemos como exemplo os sentidos únicos dos prefixos: ab- afastamento, ad- aproximação, des- ação contrária, intro- movimento para dentro, trans- além de, an- negação, eu- bom, e muitos outros. Alguns prefixos carregam dois sentidos, que, apesar disso são semelhantes; é o caso de dis-, que significa separação ou negação, ex- movimento para fora ou estado anterior, re- movimento para trás ou repetição e diã- movimento através de ou afastamento.⁶⁰

59. Sobre a flutuação fonológica, ver a comparação dos prefixos com os proclíticos, p. 112.116-7.

60. Fonte: C. Cunha, 1979:104-160.

Então, essa constância e especificidade semântica dos prefixos os aproximam das antigas palavras das quais se originaram (fenômeno que não mais acontece com os sufixos.) C. Cunha (1979:103) observou essa relativa autonomia dos prefixos:

"Os prefixos são mais independentes que os sufixos, pois se originam, em geral, de advérbios, ou preposições que têm ou tiveram vida autônoma na língua."

Se semanticamente os prefixos por derivação quase possuem a autonomia das preposições e advérbios, fonética e fonologicamente eles se comportam como uma simples sílaba pretônica, formando com o radical um só vocábulo fonológico. As vogais desses prefixos se encaixam no quadro 2 das vogais átonas pretônicas (quando não são tônicos.)

Vejam-se os exemplos: amoral / a m o r a w / , bisneto

/ b i s n e t u / , desfazer / d e s f a z e x / , inativo

/ i n a t i v u / , expatriar / e s p a t r i a x / , reconstruir

/ x e k o n s t r u i x / , dígrama / d i g r a m a / , sintonia

/ s i n t o n i a / .

Morfologicamente, tem-se também um só vocábulo mórfico , com limite de morfema, sendo o prefixo uma forma presa: desdiz

Porém, nem sempre esse prefixos (de origem latina ou grega) se unem a radicais de existência própria no português; muitas

ezes radicais herdados do latim ou do grego se agregam aos prefixos, sendo-se, então, duas formas presas juntas. Por exemplo, em induzir, concordar, regredir, permitir, etc., os radicais não existem isoladamente. Contudo, mesmo que essas palavras tenham sido formadas no latim ou no grego, o processo de derivação continua vivo e pode ser depreendido pelo falante, através do confronto com outras palavras em que se repita o radical ou o prefixo: induzir, conduzir, deduzir; re- redir, progredir, retornar.

Todos esses prefixos monossilábicos submetem-se facilmente à tonicidade única da forma seguinte. Entretanto, com os prefixos dissilábicos, sobretudo os de pouco uso na linguagem familiar, pode-se verificar uma certa subtonicidade na sua primeira sílaba: circunva- ar, intramuscular, hipodérmico, hipertensão, ultra-sônico, etc. Essa intensidade, contudo, é puramente fonética, já que ela frequentemente se atenua para o grau [-1 tônica], mesmo na velocidade média de pronúncia. Em: introduzir, supermercado, antibiótico, antepor, etc., percebe-se nitidamente a unicidade fonética: / i n t r o d u z i x /.

Observe-se que há prefixos seguidos do sinal de hífen, como: anti-higiênico, arqui-segmen- to, ab-rogar, vice-diretor, ex-mi- nistro; e outros se ligam ao radical sem separação gráfica: reerguer, ecrescer, justapor, etc.

O Formulário Ortográfico estabelece que

" são se ligam por hífen os elementos das palavras compostas em que se mantém a noção de composição, isto é, os elementos das palavras compostas que mantêm a sua independência fonética, conservando cada um a sua própria acentuação, porém formando o conjunto perfeita unidade de sentido" (A. Ferreira, 1975:XI.)

om o hífeñ

"nossa ortografia procura um compromisso entre o critério morfológico que primordialmente a orienta na separação dos vocábulos (cada vocábulo formal de per si) e o critério fonológico", M. Câmara (1976:37.)

Contudo, o emprego do hífen, além de convencional, não se dá de maneira coerente. Alguns dos próprios exemplos citados acima, e prefixo com hífen, podem se apor ao radical sem esse sinal gráfico (dependendo somente da letra que se lhes segue): antiaéreo, anticlerical, arquidiocese, abjurar. Essa inconstância no emprego do hífen também acontece com os compostos eruditos e compostos por justaposição.

Ainda se verificam, ao contrário do que estabelece o Formulário, palavras que conservam a noção de composição sem a grafia do hífen (passatempo, mandachuva), como também palavras com hífen, mas com um único acento (ob-reptício, ad-rogação.)

Portanto, o princípio criado pelo Formulário Ortográfico é arbitrário e inconsistente.

Todavia, observadas essas restrições sobre o valor do hífen, seu emprego pode, algumas vezes, registrar processos fonológicos (como flutuações) ou semânticos.

Merecem interpretação à parte os prefixos prē- (pre-), pōs- (pos-) e prō- (pro-) (estes dois últimos com o sentido de "a favor").

Como afirma C. Cunha (1979:79),

"[há hífen com] pōs-, prē- e prō-, quando têm significado e acentos próprios; ao contrário das homógrafas inacentuadas, que se aglutinam com o radical seguinte: pōs-diluviano, mas pospor, prē-escolar, mas preestabelecer, prō-bri-tânico, mas procônsul".

Assim, essas formas, quando acentuadas graficamente, formam dois vocábulos fonológicos: pós-verbal / p o s v e x b a w / ,
 1 -1 2
pré-datar / p r e d a t a x / , pró-governo / p r o g o v e x n u / ,
 1 -1 2 -2
pós-operatório, pós-escrito, pré-aviso, pré-republicano, pró-álcool,
pró-britânico , etc. As vogais desses prefixos pertencem ao quadro 1 das vogais tônicas , sem sofrerem neutralização. Essas formas são consideradas como elementos constituintes de uma composição (para M. Câmara trata-se de composição por justaposição, mas, ao nosso ver , uma prefixação por composição, possuindo um grau de dependência [-1] .)

Por outro lado, as formas não-acentuadas sempre formam um vocábulo fonológico único, têm suas vogais no quadro 2, das pretônicas (sofrendo neutralização), e, conforme C. Cunha, têm diminuída a força de seu significado (como os outros prefixos de derivação.) São esses prefixos inacentuados que fazem parte do grau [2 dependente].

Vejam-se os exemplos: predispor / p r e d i s p o x / ,
 -1 -1 2
reconceber / p r e k o n s e b e x / , predominar
 -1 -1 -1 2
predominar / p r e d o m i n a x / , promediar / p r o m e d i a x / ,
 -1 -1 -1 2 -1 -1 -1 2
promandar / p r o m a n d a x / , pospor / p o s p o x / , postônico
 -1 -1 2 -1 2
postônico / p o s t o n i k u / , pospasto / p o s p a s t u / .
 -1 2 -2 -2 -1 2 -2

As palavras com os prefixos pos-⁶¹ e algumas com pre-, am- e in- inacentuados, ocasionalmente adquirem um acento subtônico e uma resistência à neutralização: postônico / p o s t o n i k u / ,
 1 2 -2 -2

1. Os prefixos pos- e pro- (também no sentido de anterioridade), na forma inacentuada, raramente derivam palavras no português; a grande maioria das derivadas com esses prefixos provém diretamente do latim: posfácio, poscênio, progresso, prosseguir, prólogo, etc. (Fonte: A. FERREIRA, 1975: et passim.)

pospato / p ɔ s p a s t u /, precitado / p r ε s i t a d u /, pretô-
 1 2 -2 1 -1 2 -2
co / p r ε t o n i k u /, precautelar / p r ε k a w t e l a x /.
 1 2 -2 -2 1 -1 -1 2

Isso não consiste num fenômeno persistente e definido.

Verifica-se, então, que os mesmos prefixos são usados ora com acentuação própria e hífen, ora sem hífen nem tonicidade; e mesmo quando agregados ao radical sem hífen, eles recebem uma pronúncia variável. Essa inconstância revela formas em processo de transformação morfofonológica. São formas dependentes (preposição ou advérbio) tornando-se semilivres (formadoras de prefixação por composição) e passando depois a formas presas (derivacionais.)

Assim, temos a preposição pôs (de uso pouco freqüente) que: se transforma no prefixo acentuado pôs-, compondo um grande número de palavras portuguesas: pôs-operatório, pôs-socrático, pôs-graduação, pôs-escrito, etc; perde sua tonicidade e autonomia em algumas poucas palavras: pospor, posposto, pospato e postônico.⁶²

Encontramos a palavra prô, que é advérbio (significando "a favor"):

passando também a prefixo acentuado formador de numerosas palavras neologismos: prô-reforma, prô-democrático, prô-álcool, etc.; aparecendo inacentuado em formações vernáculas (tão raras quanto aquelas com pos-) promandar, promediar e progesterona.

E finalmente, temos o prefixo pré-, formador de inúmeras palavras e neologismos: pré-escolar, pré-datar, pré-simbolista, pré-arnavalesco, etc. Ele, por sua vez, perde sua acentuação própria e autonomia em muitas palavras (sobretudo verbos), de uso freqüente na língua, onde seu significado próprio é, às vezes, enfraquecido, como em predominar, preencher, preconceito, predispor.

2. Fonte dos exemplos: A. FERREIRA, 1975: et passim.

No estágio atual da língua, verifica-se nos prefixos pró- e pós-, uma propensão a apenas se justaporem ao radical; mas no prefixo pré-, há uma tendência a se agregarem mais fortemente ao radical, tendo aumentado seu grau de ligação com ele.

Se admitirmos que o prefixo acentuado pré- forma palavras novas, e que o tempo e a frequência de uso o faz perder pouco a pouco sua autonomia fonética (como em numerosas palavras: preconceber, predispor, pressupor, preestabelecer, prejulgar, precondição, predominar, etc), podemos supor que na evolução do português temos um processo de crescente ligação dos prefixos ao radical (que pode estar começando a ocorrer com pró- e pés.)⁶³

63. Ver também essa agregação em [Ø dependente], p. 112.

[1 DEPENDENTE] : A ÊNCLISE

"Denomina-se ênclise a situação de uma palavra que depende do acento tônico da palavra anterior, com a qual forma, assim, um todo fonético" (C. Cunha, 1979:68.)

A ênclise ocorre com o pronome pessoal oblíquo que se incorpora à forma verbal da qual é complemento. Essa incorporação atinge um grau máximo com os verbos que a gramática chama de "pronominais", ou seja, verbos que só se usam na forma pronominal, ou verbos que, quando pronominais, traduzem um sentido especial. Com esses verbos, os pronomes átonos não são mais termos integrantes (como nos verbos reflexivos, por exemplo), mas formam um todo mórfico e semântico indivisível: arrepender-se, suicidar-se, queixar-se, debater-se, apiedar-se.

M. Câmara (1977a:106) ainda assinala a ênclise "da prepo-
 sição de com as formas verbais rizotônicas do indicativo presente
 e haver na conjugação perifrástica de futuro volitivo" (hei de, há
 de). Realmente, encontram-se essas formas até grafadas com hífen em
 textos literários, podendo elas ser pronunciadas como um único vocá-
 bulo fonológico. Porém a tendência mais usual na pronúncia é a de-se
 incorporar essas preposições ao infinitivo que se lhes segue, tra-
 zendo-se, logo, de próclise: há de fazer / a d i f a z e x /, como
 1 -1 -1 2
 também tem de fazer / t e n d i f a z e x /. Aliás,

"o gênio da língua, para o português (do Brasil)
 não favorece a ênclise; e a próclise é geral,
 em princípio" M. Câmara (1977a:105.)

Todos os graus de dependência vistos até o momento foram
 constituídos de formas presas que se ligavam a outras formas presas
 ou a formas semilivres. Agora, a ligação diminui sua força com essa
 nova categoria, a de formas dependentes de grau [1].

Há ainda uma unicidade fonológica nessa sequência em que
 estão associadas a forma livre e a forma dependente mas os clíticos
 têm incontestável individualidade mórfica e semântica, pois não são
 condicionados pelo vocábulo a que se adjungem.

"A forma dependente é, portanto, o primeiro exem-
 plo em português da falta de coincidência abso-
 luta entre vocábulo fonológico e vocábulo formal.
 Trata-se de um vocábulo formal que não é vocábu-
 lo fonológico, senão parte de um vocábulo fono-
 lógico, a que se acha ligado pelo acento que do-
 mina várias sílabas átonas". M. Câmara, 1970:
 60.)

As formas do futuro simples (do presente e do pretérito) também pertencem ao grau [1 dependente].

Diacronicamente tem-se no futuro uma aglutinação entre o infinitivo e as formas reduzidas, do indicativo presente e imperfeito, do auxiliar latino habere: cantare habeo e cantare habebam, criações românicas que derivaram cantarei (por cantaraio) e cantaria (por cantaravea) em português.⁶⁶

Porém, sincronicamente essas formas verbais devem receber uma interpretação à parte. Do ponto de vista semântico, as terminações -ei, -ia, etc., seriam formas presas, pois, como os sufixos -er, -erem, têm sentido geral e abstrato, de tempo futuro (do presente e do pretérito.) Assim, essas formas constituiriam, junto com o infinitivo, vocábulos mórficos unos.

Já do ponto de vista do funcionamento morfo-sintático, -ei, -ia são típicas formas dependentes: elas se disjuntam do infinitivo através da mesóclise (cantá-la-ei.) Pode-se até mencionar uma mobilidade dessas formas para se anteporem à forma semilivre, quando então elas formam as locuções hei de + infinitivo, havia de + infinitivo, etc.⁶⁷

Muitos falantes percebem essa correspondência entre o futuro simples e as locuções futuras (que ainda possuem uma nuance volitiva.)

Uma vez que a forma dependente é um vocábulo mórfico, mesmo sendo simples instrumento gramatical (preposições e conjunções), as formas -ei, -ia são também vocábulos mórficos, com limite de palavra: /f a l a r # e y /.

56. Ver M. CÂMARA, 1977a:122-3; C. CUNHA, 1979:378; J. VENDRYES, 1943:205; e M. GREVISSE, 1975:642.

57. Nessas locuções, temos forma livre + dependente + livre (ver. p. 137.)

Enfim, no futuro, como na ênclise de pronomes, temos dois vocábulos mórficos contidos num único vocábulo fonológico: falarei
 / f a l a r e y /, cantaria / k a n t a r i a /, estaremos
 -1 -1 2 -1 -1 2 -2
 / e s t a r e m u s /.
 -1 -1 2 -2

Essa individualidade mórfica do segundo elemento da ênclise e do futuro justifica um grau menor de dependência vocabular, não só em relação ao grau vizinho da prefixação por derivação, como também a todo o grupo de quatro graus positivos de dependência ([2] a [5]). Fonológica e foneticamente, o fenômeno da ênclise é mais um grau na sequência de graus positivos de dependência vocabular, mas, sob o aspecto morfológico, ele abre um novo conjunto: aquele constituído de dois vocábulos mórficos distintos. A escala apresentada na p.82 obedece ao critério fonológico. Essa posição, contudo, não impede a proposição de uma outra escala, que seria morfológica e também ternária⁶⁸,

68. Ver p.146.

[0 DEPENDENTE] : A PRÓCLISE, A LOCUÇÃO GRAMATICAL (PREPOSITIVA, ADVERBIAL, CONJUNTIVA E PRONOMINAL INDEFINIDA), A LOCUÇÃO ADJETIVA E CERTAS EXPRESSÕES ADVERBIAIS.

Este é o ponto divisório da escala de dependência entre as formas lingüísticas. Do lado direito tivemos os números positivos [+ dependente], de vocábulos fonológicos únicos, cuja principais características foram de possuírem formas presas e formarem vocábulos mórficos também únicos (salvo o grau [1 dependente].)

A próclise e certas locuções ocupam o grau [0] de dependência, porque apresentam um comportamento peculiar e oscilante.

A "vinculação de uma palavra átona à palavra seguinte, cujo acento se subordina" ⁶⁹, chamada próclise,

a colocação mais comum das formas dependentes no português do Brasil.

Além dos pronomes oblíquos átonos, ficam em próclise os artigos (definidos ou indefinidos), as preposições (a, de, com, em, por, sem), as combinações de preposição mais artigo, o pronome relativo que e as conjunções monossilábicas (e, mas, nem, ou, que, se).⁷⁰ Essas formas proclíticas são dependentes, não possuindo individualidade fonética, mas sim formal. Sendo instrumentos gramaticais ou morfemas, elas têm como significado uma noção gramatical:

) de relação dentro do sintagma (é o caso das preposições, das conjunções e do pronome relativo que);

) de categorias, como: a de posse (preposição de), a de indicação definida (artigos), a de contraste (conjunções), etc.

Os pronomes podem ser considerados muitas vezes vocábulos-morfemas, assumindo o caráter de forma dependente, além de sua natureza e classe significativa autônoma (ver M. Câmara, 1973:155-8.)

As preposições, assim como as combinações de preposição e artigo, podem compor (junto com substantivos) locuções adjetivas e expressões adverbiais, desde que formem um todo significativo e funcional, num único vocábulo fonológico. Constituem locuções adjetivas: de cão (= canino), sem cor (= descolorido), de coragem, de rei, o mar, da cidade, de metal, de costura, sem esperança, sem escrúpulos, etc. Expressões adverbiais⁷¹: nas ruas, em Roma, ao teatro, do

9. C. Cunha, 1979:68.

10. Ao entrar em próclise, a preposição para, junto com o artigo sofre redução, o que os torna monossilábicos (pra, pro, prum.)

11. As expressões adverbiais se distinguem das locuções adverbiais na medida em que as primeiras são formadas de forma dependente mais forma livre, tendo forte lexicalização, e as segundas, somente de formas semilivres. Quando as expressões adverbiais se formam de mais de um vocábulo fonológico, elas constituem locuções lexicais de grau [-2] (ver p. 141.)

plégio, pra João, com Maria, com a faca, à máquina, de monte, sem
esforço, por distração, de avião, etc.

Esse todo significativo e funcional é constituído por uma
 forma dependente e uma forma livre. Então temos três vocábulos mór-
 ficos num vocábulo fonológico: / d a s i d i a d i /.

-1 -1 2 -2

Vale observar que, assim como com os morfemas presos (afi-
 os e desinências), esses morfemas dependentes também foram antigas
 formas plenas (com conteúdo nocional específico) que sofreram degene-
 ração.⁷²

Conforme já foi assinalado, as partículas proclíticas (tal
 qual as enclíticas) não estão presas morfo-sintaticamente ao vocábu-
 lo seguinte, podendo ser destacadas deste. Mas fonologicamente não
 possuem autonomia, formando com a forma livre um único vocábulo fo-
 nológico. Essas partículas átonas, portanto, têm a mesma intensida-
 de acentual das sílabas pretônicas, isto é, o grau de atonicidade
 mínima [-1]. Não há diferença de acentuação entre: a massa e amassa
 (verbo) / a m a s a / e / a m a s a / com cavidade e concauidade ,

-1 2 -2 -1 2 -2

ambos / k o n k a v i d a d i /, pracear e pracear , / p r a s e a x / .

-1 -1 -1 2 -2 -1 -1 2

delimitação vocabular, nesse caso deve ser marcada por sinal de li-
 meite: / a ## ## m a s a /.

Tal qual ocorreu com as partículas enclíticas, as proclíti-
 cas deveriam assumir determinado vocalismo, ou seja, o das sílabas
 pretônicas, quadro 2 (/ a / , / e / , / i / , / o / , / u /).

2. Sobre o conteúdo significativo das preposições, consultar C.CU-
 NHA, 1979:512-531.

"Porém, nelas não aparecem as vogais médias, que seriam de esperar dessa posição. Elas baixam, ao contrário, ao quadro das vogais átonas finais e há a neutralização entre as vogais médias e as altas correspondentes, em proveito destas últimas" (M. Câmara, 1970;54.)

Por exemplo: o livro / u l i v r u /, se fala / s i f a l a /, vejo / u v e ž u /, nos disse / n u s d i s i /, te dou / t i d o w /, ue fala / k i f a l a /, de casa / d i k a z a /, no mar / n u m a x /, or lá / p u x l a /, se for / s i f o x /, e nós / i n o s /, que venha / k i v e ñ a /, que bom / k i b o n /, etc.

Essa passagem para o quadro 3 de vogais átonas se deve à eliminação vocabular que segue os proclíticos:

"...entre uma partícula e o vocábulo que se lhe segue, há em português uma delimitação vocabular, e a redução do vocalismo dessas partículas é o sinal demarcativo ou juntura, entre elas e os vocábulos a que se unem. O resultado é que a vogal do monossílabo átono funciona como vogal final de vocábulo" (M. Câmara, 1977b:64.)

Assim, comparando o funcionamento de um clítico pretônico com o de uma sílaba pretônica análoga (de radical ou prefixo), encontraremos oposição fonológica, como entre: ocaso / o k a z u / e o ca- / u k a z u /, oposto / o p o s t u / e o posto / u p o s t u /, omeio / n o m e y u / e no meio / n u m e y u /, depor / d e p o x / de pôr / d i p o x /, donativo / d o n a t i v u / e do nativo / d u n a t i v u /, écoa / e k o a / e e cõa / i k o a /, meditar / m e d i t a x / e me ditar / m i d i t a x /, meter / m e t e x /

me ter / m i t e x /, deformar / d e f o x m a x / e de formar
d i f o x m a x /, etc.

O limite entre essas formas está sendo indicado por seu
vocalismo átono e não pelos graus de atonicidade, que são os mes-
mos : / o p o s t u / e / u p o s t u /.
-1 2 -2 -1 2 -2

Essa redução do vocalismo dos clíticos de vogal média ao
quadro das finais deve-se unicamente à delimitação vocabular. Hája
vista o caso da conjunção e, cuja posição em sílaba medial nos nume-
rais dezesseis, dezesete, dezenove (vocábulo mórficos únicos) ex-
plica sua realização como / e /, / d e z e s e y s /, em contraste
com as seqüências dez e seis / d e z i s e y s /, dez e sete
/ d e z i s e t i /, dez e nove / d e z i n o v i /, onde o clíti-
co se realiza como / i / devido ao limite entre os vocábulo mórfi-
cos (cf. M. Câmara, 1977b:65.)

Neste grau [Ø dependente] se incluem também as locuções
gramaticais ou morfológicas: as prepositivas, as adverbiais, as
conjuntivas e as pronominais indefinidas.

Como foi visto na página 69, essas locuções gramaticais,
assim como as classes gramaticais a que pertencem (preposição, ad-
vérbio, conjunção), formam o sistema fechado da língua, isto é, não
recebem empréstimos nem são muito produtivas. Sendo assim, essas
locuções podem ser enumeradas em listas limitadas, fechadas, e
seus elementos formadores são fixos. Por exemplo, na locução em re-
dor de não se pode simplesmente substituir seu segundo elemento por
um sinônimo "em contorno de"; ou à proporção que, por "à dimensão
que".

As locuções gramaticais são compostas de um único vocábu-
lo mórfico e geralmente de um único vocábulo fonológico. Embora seus
elementos possam ser confundidos com as formas dependentes, eles per

am totalmente as características dessas formas: não possuem mais
 ilidade, nem a capacidade de se separarem através da intercalação
 outras formas; e também não podem ser desmembradas sem prejuízo
 ântico. Portanto, são formas semilivres que podem, em último caso,
 icionar como forma dependente.⁷³

Assim como nos clíticos em próclise e ênclise, o vocalismo
 ssas locuções sofre neutralização das vogais médias e recebe toni-
 lade [-1] ou [-2]: antes de / ã n t i s d i /, dentro de
 2 -2 -2
d e n t r u d i /, por entre / p u r e n t r i /, ao lado de
 2 -2 -2 -1 2 -2
a w l a d u d i /, em redor de / e n x e d o x d i /, por baixo de
 2 -2 -2 -1 -1 2 -2
p u x b a y š u d i /, ã toa / a t o a /, de mansinho
 -1 2 -2 -2 -1 2 -2
d i m a n s i ã u /, de noite / d i n o y t i /, por ali
 -1 -1 2 -2 -1 2 -2
p u r a l i /, por isso / p u r i s u /, ainda que / a i n d a k i /,
 -1 -1 2 -1 2 -2 -1 2 -2 -2
lvo se / s a w v u s i /, porque / p u x k e /.
 2 -2 -2 -1 2

Na locuções a delimitação vocabular pode ser formalmente
 dicada pelo limite de formante (=), que separará formas sêmili-
 es: / a = = t o a / , / p u r = a l i /.

As locuções com mais de dois elementos, tais quais: em vez
 , por causa de, a fim de que, de modo que, são divididas entre dois
 upos acentuais, quando colocadas no enunciado. Sendo a colocação
 oclítica muito freqüente em português, o primeiro elemento da locu-
 o fica em próclise com o segundo; o(s) último(s) elemento(s) pas-
 (m) para o grupo acentual seguinte, ficando também proclítico(s).
 tão, em vez de se divide em: em vez / disso; por causa de, em por
usa / do tempo; a fim de que, em a fim / de que faça; de modo que,

. Enquanto nas locuções gramaticais as preposições passam a ser
 formas semilivres, nas locuções adjetivas e expressões adverbiais
 elas continuam a ser formas dependentes e, portanto, têm maior
 autonomia mórfica.

n de modo / que possa / d i m o d u / k i p o s a / .
 -1 2 -2 -1 2 -2

Mesmo divididos no enunciado, seus componentes continuam formando um todo mórfoico. Quando a locução é constituída de mais de um vocábulo tônico (geralmente dissílabo), temos dois ou mais vocábulos fonológicos, mas ainda um só vocábulo mórfoico: de bom grado,

d i b o n g r a d u / , de modo nenhum / d i m o d u n e ñ u n / ,
 -1 1 2 -2 -1 1 -2 -1 2

e vez em quando / d i v e z e n k w a n d u / , cada vez que
 -1 1 -1 2 -2

k a d a v e s k i / , quanto mais / k w a n t u m a y s / , assim
 1 -1 2 -2 1 -2 2

como / a s i n k o m u / , cada qual / k a d a k w a w / , seja quem
 -1 1 2 -2 1 -2 2

or / s e ž a k e n f o x / .
 1 -2 1 2

Encontra-se na acentuação e no vocábulo da próclise e das locuções prepositivas, adverbiais, conjuntivas e pronominais um comportamento flutuante que as separa do grau [1 dependente] da ênclise e as coloca no grau intermediário [∅ dependente]. Essa flutuação se manifesta através dos seguintes fenômenos:

) Em muitas locuções prepositivas, a unicidade mórfoica tem tamanha força que os seus elementos se tornaram formas presas, simples prefixos de sentido abstrato. A ortografia registra esses casos grafando-os sem separação: afinal, acima, abaixo, adiante, depressa, devagar, deveras, debaixo, defronte, etc. O vocalismo dessas palavras, então, mudou, desaparecendo a neutralização entre as vogais / e / - / i / das preposições, as quais se encaixam no quadro 2 das pretônicas e conservam o grau [-1 tônica]: / d e p r e s a / , / d e v a g a x / , / d e b a y š u / , etc.⁷⁴
 -1 2 -2

74. Note-se a diferença no vocalismo entre depressa / d e p r e s a / (Ele age depressa) e de pressa / d i p r e s a / (Não precisa de pressa).

Observa-se, assim, o aumento de dependência entre as formas. Aliás, todas as outras locuções gramaticais poderiam ser grafadas numa única palavra, se não houvesse a noção viva de composição que se reflete no vocalismo átono.

2) As partículas átonas, quando pretônicas, podem adquirir uma intensidade [1 tônica], das sílabas subtônicas, ou mesmo [2 tônica], de tonicidade plena. "Isso ocorre em duas circunstâncias. Em primeiro lugar, por motivo de uma pausa inesperada no teor da fala, principalmente quando o falante pára subitamente para pensar um pouco no que vai dizer. Em segundo lugar, por motivação expressiva (ou digamos, estilística) no intento de dar especial relevo à partícula" (M. Câmara, 1970:54.) Acrescente-se ainda mais uma circunstância, a da velocidade lenta de pronúncia, quando se quer dissipar perturbações extralingüísticas na comunicação. Neste segundo caso, ao contrário do anterior, criam-se dois vocábulos fonológicos distintos: a colega

/ a k o l ε g a / (quando se pretende ressaltar o gênero do artigo),
 1 -1 2 -2

à força / a f o x s a / (onde se procura contrastar a presença da
 1 2 -2

preposição a com o artigo homônimo), nos disse / n u s d i s i / e
 1 2 -2

se quiser / s i k i z ε x / (salientando-se o valor semântico do pronome
 1 -1 2

e da conjunção.) Apesar dessa subtonicidade (ou tonicidade esporádica), esses proclíticos, que "não possuem na língua um desempenho estruturalmente definido como vocábulo tônico"⁷⁵, tendem a continuar no

quadro 3 das finais, em vez do quadro 1 das tônicas, denunciando assim seu caráter flutuante e indicando sua condição primordial de próclise: / u k o l ε g a /. Essa tendência, embora predominante, não
 1 -1 2 -2

impede que essas partículas se coloquem também no quadro 1, sem a neutralização: / o k o l ε g a /. Na intensificação acentual dos pro-
 1 -1 2 -2

75. M. CÂMARA, 1977b:67.

clíticos verifica-se, portanto, um maior desligamento entre as formas, adquirindo a partícula uma maior autonomia semântica, além da fonológica.

) No caso anterior, os clíticos que permanecem no quadro 3 não costumam funcionar na língua como vocábulo tônico isolado, ao passo que, com o monossílabo que, constata-se o contrário: "A partícula que tem na forma tônica definida no sistema da língua, como substantivo ou no fim de frase (exs.: um quê de gracioso - reclama, por quê?), e o fonema / e / dessa rigorosa posição tônica fica assim bem fixado. Por isso, a tonicidade ocasional - enfática ou resultante de pausa ocorrente - coordena-se com a substituição por / e / do / i / da pauta tona" (M. Câmara 1977b:67.) Assim: dizem que / d i z e n / k i / ou

d i z e n k e /, o que fiz / u k i f i s / ou / u k e f i s /. En-

ção, com o que se dá a maior independência semântica, morfológica e fonológica (tonicidade ocasional correspondente a vocalismo tônico, em neutralização) dentre todos os clíticos. Culmina aqui a força de separação e autonomia que uma forma dependente pode vir a adquirir.

) Com a velocidade lenta de pronúncia pode-se encontrar, nas locuções compostas pelos elementos que e por, o quadro 2 de vocalismo tônico, isto é, não acontece neutralização entre vogais médias e altas. Temos, ao lado de / p u x k e /, / p o x k e /; de / p u r a l i /, / p o r a l i /; de / m e s m u k i /, / m e s m u k e /.

Esse comportamento oscilante dos preclíticos (e das locuções) reflete tendências diversas: ou se observa um aumento de dependência entre as formas com um só vocábulo (1º caso), ou uma diminuição dessa ligação (2º, 3º e 4º caso), até ser atingido um grau máximo de independência morfo-semântica entre vocábulos mórficos sob um único acento tônico (locuções adjetivas e expressões adverbiais.) Co

então se poderia determinar um sentido evolutivo para a próclise, que concerne ao grau de dependência morfológica?

Segundo J. Vendryes (1943:210-11) há duas tendências gerais que dominam as transformações morfológicas: uma provém da necessidade de uniformidade (realizada através da analogia), e outra, contrária, provém da necessidade de expressividade. Podemos estender essas duas tendências a processos morfofonológicos em geral.

No caso das formas dependentes (e de suas correspondentes semilivres), pelo fato de elas não possuírem acentuação tônica própria, elas se comportam de maneira análoga às sílabas átonas pretônicas ou postônicas, atendendo assim à necessidade de uniformidade (hipoarticulação.) Elas recebem a intensidade [-1 tônica] ou [-2 tônica], conforme sua posição em relação à sílaba tônica.

Por outro lado, quando em próclise, essas partículas ora não pertencem ao quadro prosódico 3 para indicar delimitação vocálica (quando temos um vocábulo fonológico e dois morfológicos); ora recebem tonicidade (continuando ou não no quadro 3, com dois vocábulos fonológicos e dois morfológicos), ora vão para o quadro 2, passando a ser formas presas (com um vocábulo fonológico e um morfológico.)

Sendo assim, os proclíticos não obedecem totalmente à necessidade de uniformidade, que é contrariada pelo esforço de uma maior expressividade ou nitidez de expressão (hiperarticulação). Não se pode determinar um sentido na evolução dessas formas. Na verdade, elas refletem uma indefinição ou flutuação de comportamento que justifica plenamente sua colocação no ponto 0 de dependência vocálica e só vem ratificar uma classificação ternária dos graus de ligação entre formas linguísticas.

[-1 DEPENDENTE]: A PREFIXAÇÃO POR COMPOSIÇÃO

Começa agora o lado negativo [- dependente] da escala, que contém compostos formados por dois vocábulos fonológicos. Esses vocábulos do grupo [- dependente], são constituídos quer de formas semilivres, em vocábulos mórficos únicos, quer de formas livres, em dois vocábulos mórficos distintos.

O número negativo maior é o da prefixação por composição que, embora já seja considerada um processo de composição com suas características, ainda traz alguma relação com o grau [2 dependente] da prefixação por derivação.

O grau [-1 dependente] compreende vocábulos compostos por certos morfemas que têm a dupla função de prefixo e de preposição no sistema da língua. Quando separados da forma semilivre, funcionam como qualquer preposição, relacionando elementos do sintagma, mas quando associados a uma forma semilivre num composto, deixam de ser uma forma livre, perdem a função relacional e a mobilidade, passando a ser eles próprios uma forma semilivre. São eles: contra-, entre-, sobre-, sob-, extra-, e pré-, pró-, pós- (quando acentuados.)⁷⁶

Mesmo se os prefixos em português se originam de preposições latinas e vernáculas, não podemos afirmar que houve uma evolução de formas dependentes para formas presas, pois os dois tipos de formas coexistiam no latim (inter e inter-, super e super-, in e in-) e coexistem em português (entre e entre-, sobre e sobre-, em e em-).

Todavia, nem todos os prefixos que funcionam também como preposição constituem uma composição. Para isso, eles têm que possuir tonicidade. Os prefixos com-, em- e de-, por serem monossilábicos e átonos, não têm autonomia fonológica, se bem que correspondam a preposições; eles são simples prefixos derivacionais. Aqui o fator fonológico elimina qualquer motivação morfo-semântica que

76. Os prefixos extra- e pró-, ainda que não sejam preposições quando isolados (são adjetivo e advérbio, ou substantivos), também se incluem nessa série.

desse colocá-los numa prefixação por composição.⁷⁷

Os morfemas dissilábicos não podem ser incorporados no [2 dependente], da prefixação por derivação, por dois motivos: fonologicamente eles possuem uma subtonicidade suficientemente forte e frequente para lhes dar o valor de vocábulos fonológicos; e morficamente, eles são formas semilivres, pois podem de certa forma funcionar isolados, conservando especialmente o seu valor semântico (diferentemente das outras formas semilivres), mas mudando sua natureza para a de forma livre; além do mais elas não possuem a mesma mobilidade das formas dependentes e livres, ou a sua capacidade de disjunção.

Esse processo de prefixação por composição também se distingue da composição por justaposição porque:

do ponto de vista semântico, esta última "forma palavras não raro dissociadas pelo sentido dos radicais componentes", ao passo que a prefixação por composição ainda traz vestígios da prefixação por derivação, na qual se formam "novas palavras que conservam de regra a relação de sentido com o radical derivante."⁷⁸ Por exemplo, comparando sobestar ("estar abaixo de") e mal-estar ("indisposição, perturbação orgânica, inquietação"), o verbo estar, depois do prefixo ob- mantém nitidamente seu valor semântico, enquanto que em mal-estar, o sentido de estar já se modificou (em proveito da idéia nova de "doença" que esse composto expressa.)

no que diz respeito à natureza dos elementos, na justaposição temos dois semantemas ou radicais, enquanto que na prefixação, apenas

7. A subtonicidade do prefixo sob- resulta no acréscimo de uma vogal final [i], que torna esse prefixo um dissilábico: sob-roda [s o b i x o d a].

8. Cf. C. CUNHA, 1979:103.

segundo elemento é um semantema, sendo o primeiro um morfema, um instrumento gramatical.

É certo que o comportamento fonológico desses prefixos não está definido de maneira absoluta. Afinal, apesar de funcionarem como formas semilivres, eles são ainda prefixos. Por isso, em algumas palavras de uso mais freqüente, podemos encontrá-los átonos, subordinados ao acento tônico do radical, numa pronúncia mais rápida:

contradizer / k o ' n t r a d i z e x /, entrelaçar

-1 -1 -1 2

e n t r e l a s a x /, extravazar / e s t r a v a z a x /, e

-1 -1 -1 2

-1 -1 -1 2

nos casos de pre-, pro- e pos- inacentuados. Nesses casos, só o sinal de limite separa os dois vocábulos mórficos / k o n t r a d i z e x /.

Todavia constatamos autonomia fonológica (e respectivo vocalismo) nos prefixos por composição de numerosas palavras: contra-

lançar / k o n t r a b a l a n s a x /, contra-indicar

1 -2 -1 -1 2

k o n t r a i n d i k a x / (na pronúncia mais lenta) ou

1 -2 -1 -1 2

k o n t r i n d i k a x /, contraproposta / k o n t r a p r o p o s

1 -1 -1 2 1 -2 -1 2

a /, entrelinha / e n t r i l i ñ a /, entreaberto

-2 1 -2 2 -2

e n t r y a b e x t u /, entressafra / e n t r i s a f r a /,

1 -1 2 -2 1 -2 2 -2

obrecarga / s o b r i k a x g a /, sobreolhar / s o b r y o l a x /,

1 -2 2 -2 1 -1 2

obre-saia / s o b r i s a y a /, sobpor / s o b p o x /

1 -2 2 -2 1 2

[s o b i p o x]), sobestar / s o b e s t a x /, extracomercial

1 -2 2 1 -1 2

/ e s t r a k o m e x s i a w /, extra-humano / e s t r a u m a n u /

1 -2 -1 -1 -1 2 1 -2 -1 2 -2

na pronúncia mais lenta) ou / e s t r u m a n u /, extralegal

e s t r a l e g a w /, pré-natal / p r e n a t a w /, pré-eleitoral

p r e l e y t o r a w /, pré-molar / p r e m o l a x /, pró-

ascista / p r o f a s i s t a /, pró-homem / p r o m e n / ,

pré-infância / p r o i n f a n s y a /, pós-glacial

p o s g l a s i a w /, pós-operatório / p o s o p e r a t o r y u /,

pós-datar / p o s d a t a x /.

Assim, temos dois vocábulo fonológicos num único vocábulo mórfico (o contrário do que ocorre com os clíticos.) O limite (dispenável) entre essas formas semilivres é o de formante: / s o b = e s t a x /.

Enfim, todos esses fatores, o fonológico, o semântico e sobretudo o mórfico (prefixos como formas semilivres), nos levaram a dedicar à prefixação por composição um grau específico na escala de dependência entre formas, e já se nota positivamente uma individualidade nesses prefixos.

A autonomia desses prefixos tem perturbado a classificação da prefixação em geral, como discutimos em 3.2.2.

C. Cunha (1979:103) faz uma observação oportuna a esse respeito:

"A rigor, pederíamos até discernir as formações em que entram prefixos que são meras partículas, sem existência própria no idioma (como dis- em dispor, re- em reter), daquelas de que participam elementos prefixais que costumam funcionar também como palavras independentes (assim: contra- em contrapor, entre- em entrieter). No primeiro caso haveria derivação; no segundo, seria justo falar-se em composição."

M. Câmara também distingue esses dois tipos de prefixos.⁷⁹

Embora a prefixação por composição receba um ponto especial na escala de dependência, verificamos que esse processo se assemelha com o do grau 2 dependente, da prefixação por derivação, ora com o do grau -2 dependente, da composição por justaposição. Mas esses prefixos com dupla função possuem, na consciência do falante, um grau de independência muito mais forte do que o daqueles que funcionam exclusivamente como formas presas. E, por outro lado, sendo morfemas gramaticais quando separados das formas semilivres, eles têm menos autonomia do que os elementos da composição por justaposição, que são palavras plenas quando isolados. Assim se justificam a criação e a posição do grau -1 dependente na escala de dependência entre as formas linguísticas.

9. Ver item 3.2.2 e cf. M. CÂMARA, 1976:39 e 1977a: 92,151.

[-2 DEPENDENTE] : A COMPOSIÇÃO POR JUSTAPOSIÇÃO.

A composição por justaposição forma uma nova palavra pela união de dois ou mais radicais, que conservam cada qual a sua integridade fonética.

São dois (ou mais) vocábulo fonológicos constituindo um só vocábulo mórfoico as seguintes palavras: guarda-roupa

/ g w a x d a x o w p a /, passatempo / p a s a t e n p u /, franco-

brasileiro / f r a n k u b r a z i l e y r u /; alto-falante

/ a w t u f a l a n t i /, maldizer / m a w d i z e x /, tique-taque

/ t i k i t a k i /, azul-claro / a z u w k l a r u /, bem-te-vi

/ b e n t i v i /, bumba-meu-boi / b u n b a m e w b o y /, não-sei-que-

diga / n ã w s e y k i d i g a /, terça-feira / t e x s a f e y r a /,
 1 1 -1 2 -2 1 -2 2 -2
eixe-boi / p e y š i b o y /, guarda-civil / g w a x d a s i v i w /,
 1 -2 2 1 -2 -1 2
estre-sala / m e s t r i s a l a /, branco-gelo / b r a n k u g e l u /.
 1 -2 2 -2 1 -2 2 -2

limite entre essas formas semilivres (que é dispensável devido à
 alta acentual) é o de formante: / b e ñ! = = m i = = k ε x /.

Em geral, a justaposição é assinalada na escrita por um hí-
 en, mas nem sempre isso acontece: malmequer, madrepêrola, Idade Mé-
 ia, pai de família.

Na palavra composta por justaposição pode haver uma rela-
 ão de subordinação entre o elemento determinante (que contém a no-
 ão particular) e o elemento determinado (que encerra a idéia ge-
 ral.)⁸⁰ Em português, o determinado costuma preceder o determinante:
guarda-florestal, abelha-mestra, chapêu-de-sol. Também podemos ter
 uma seqüência de coordenação: político-social, greco-latino, váivêm,
ingue-pongue, corre-corre.

Além da composição feita ou por subordinação ou por coorde-
 nação dos elementos, temos justapostos que são frases substantiva-
 as: não-sei-que-diga, estou-fraca, louva-a-deus, não-me-toques.

Como foi dito na p. 72, nos justapostos do tipo: pãode-lô,
mula-sem-cabeça, bem-me-quer, disse-que-disse, leva-e-traz, os anti-
 pos clíticos não são mais formas dependentes. Passam a ser formas
 semilivres, pois perderam a mobilidade, a capacidade de disjunção e
 não possuem mais o mesmo valor semântico ou a mesma função morfo-sin-
 tática, por exemplo, em bem-te-vi não temos mais um pronome oblíquo
 e referindo à segunda pessoa, com quem se fala, nem podemos alterar
 sua posição. Essa palavra composta tem como significação um tipo de
 passaro, sem que se tenham mais as antigas noções de cada elemento.

1. Grevisse (1975:99) observa: uma palavra, mesmo que formada de

80. Ver C.CUNHA, 1979:122.

tatus de vocábulo fonológico / k a f ε z i ñ u /. Segundo a autora,
 -1 .1 2 -2

causa dessa subtônica e conseqüente não-neutralização é o li
ite de palavra existente antes do -zinho. Essa explicação se coadu
 a com a colocação do -zinho num processo de composição por justapo
 ição (que se dá entre antigas palavras.)

M. Mateus (1975:224,240-3) também examina a falta de neutra
 zação antes do -zinho e coloca antes desse elemento uma fronteira
 e "derivado especial", tratando-se então de uma derivação que, no
 entanto, sofre os mesmos tipos de "transposições" dos compostos.

Contudo a não-neutralização por si só não é decisiva para
 comprovar esse limite de palavra. Basta se observar que esse fenôme
 o acontece também com os sufixos -zito, -zão e -zona: chapeuzito
 š a p ε w z i t u /, pezão / p ε z ã w /, " mulherzona"
 m u λ ε x z o n a /.

Um outro fator fonológico, observado por Y. Leite, confir
 maria um limite de palavra antes de -zinho; é a realização do fone
 l / final de palavra como [l] ou [w] no primeiro radical: pa
relzinho pode ser pronunciar como [p a p ε l z i ñ u] ou
 p a p ε w z i ñ u] . Todavia, a realização do [w] final também
 corre antes dos sufixos -zito, pincelzito / p i n s ε w z i t u /
-zão, " tonelzão" / t o n ε w z ã w /, e antes de quaisquer consoantes.

Finalmente, do ponto de vista morfológico, Y. Leite justifi
 ca a fronteira de palavra antes do -zinho com a flexão de gênero
 número que se dá no primeiro radical da palavra: leõeszinhos, leoa
zinha. Outra vez temos um comportamento semelhante com os sufixos co
çados por -z-: cãeszitos, " tuneizões", irmãzona.

Pelo que se vê, se antes do -zinho há limite de palavra ,
 deveria havê-lo também antes das outras formas em -z-; -zito, -zão e
zona. Parece claro que o fator que permite um comportamento fonoló
 gico e morfológico especial do primeiro elemento é unicamente a pre
 sença de uma consoante inicial no segundo elemento, indicador de

au, e não o limite de palavra.

O único fator decisivo, que pode realmente ser apontado para determinar que o -zinho é uma forma semilivre, é a existência dos substantivos zinho e zinha, como formas livres, significando "qualquer homem" e "qualquer mulher"⁸¹, com uma noção diminutiva pejorativa. Então, mesmo aparecendo sempre no segundo membro da composição, -zinho e -zinha são formas semilivres, isto é, podem se encontrar isoladas, diferentemente das formas presas -zito, -zão e -ziona (que jamais funcionam como formas livres.)

Na análise de Y. Leite é o limite # que precede o -zinho. Esse sinal equivale, na nossa colocação, ao limite de formante, que dá origem a formas semilivres: / p a p e w = = z i ñ u / , / l e o a = = z i ñ a / , / f a r o y = = z i ñ u s / . Esses sinais são prescindíveis quando se coloca a numeração referente aos graus de acentuação, que já é delimitativa.

Pudemos confirmar, nesse caso do -zinho, o quanto têm sido importantes e úteis as noções de formas livres, semilivres, dependentes e presas para o nosso estudo. E mais uma vez é essa distinção entre as formas lingüísticas que vai determinar, a seguir, os conceitos de justaposição e locução.

M. Câmara coloca em Problemas de Linguística Descritiva (e ratifica no Dicionário de Linguística e Gramática) que a justaposição está contida no conceito de locução, sendo esta última mais abrangente:

"A justaposição é frequentemente também uma locução. Os dois conceitos coincidem (em determinados casos.) Mas a locução vai além do que se considera justaposição" (1970:60.)

1. Cf. A. FERREIRA, 1975:1502.

Veremos que essa interferência de conceitos entra em contradição com sua própria posição em Estrutura da Língua Portuguesa, e que podemos questioná-la.

Examinando a possibilidade de assimilar a justaposição a "uma classe única de locuções", M. Câmara (1970:61) estabelece uma separação entre esses conceitos baseada na capacidade de comunicação suficiente que existe em cada uma das formas livres da locução; já com a justaposição, a supressão de uma das formas (que para nós são semilivres) subverte a comunicação. Essa explicação nos parece muito aceitável e coerente.

Todavia, a posição assumida em Problemas de Linguística Descritiva é confusa e contestável.

O argumento de que justaposição e locução coincidem nos chamados tempos compostos dos verbos não tem sentido, pois essas locuções verbais se opõem a tudo o que o próprio autor classifica como justaposição:

- 1) cada um dos elementos dessas locuções funciona isoladamente como frase (ex.: -Ele tinha chegado? - Tinha.; - Ele tinha saído ou chegado? - Chegado.);
- 2) temos claramente vocábulos mórficos distintos nas locuções, ou seja, formas livres com a mobilidade e a disjunção que não existem nas formas semilivres (ex.: Os festejos estavam terminando. Terminando estavam, os festejos. Os festejos estavam desanimando e terminando.)

A coincidência de conceitos nos advérbios em -mente também é discutível, como veremos em [-3 dependente].

Com o caso de "substantivos compostos por justaposição, como guarda-chuva, rosa-chá, etc.", que fariam combinar os conceitos de locução e justaposição, a confusão se acentua: num parágrafo anterior M. Câmara dá como exemplo de justaposição exatamente o composto guarda-chuva, como constituído de "um único vocábulo mórfico" (ao

contrário da locução que "são dois vocábulos formais".)

Quanto a rosa-chá e outros exemplos, M. Câmara pretende e classificá-los preferivelmente como locuções por poderem flexionar o primeiro elemento.

"A locução, um conceito puramente mórfo, tem a sua pedra de toque na possibilidade da variação flexional do seu primeiro elemento."
 "A ocorrência de variação flexional no primeiro elemento da locução logo a distingue, com efeito, de um vocábulo formal unitário, porque em português o vocábulo formal só pode ter variação flexional na sua parte final".

Discordamos dessa afirmação, não só por ela causar conflito entre os conceitos dados pelo próprio M. Câmara, de vocábulo mórfo, composição por justaposição e locução, como também pelo fato de que muitas vezes o que determina uma flexão interna no composto são simples causas fonéticas (eufonia) ou semânticas que não devem perturbar o conceito "puramente mórfo" da locução e o do vocábulo formal. Além do mais, o que vai decidir a diferença entre justaposição e locução é sem dúvida o tipo de formas que as compõem: a justaposição possui formas semilivres, num único vocábulo mórfo, e a locução, formas livres.

Os elementos dos compostos que equivalem a formas livres variáveis (substantivos e adjetivos) geralmente se flexionam. Exemplos: couves-flores, lugares-comuns, baixos-relevos, quintas-feiras, etc.

Mas fatores semânticos podem interferir nessa flexão e determinar o plural: quando o segundo elemento significa uma finalidade ou semelhança, só o primeiro varia (ex.: carros-reboque, bananas-maçã); nos compostos formados de dois adjetivos que indicam cor,

os dois membros ficam invariáveis quando o segundo adjetivo qualifica o primeiro adjetivo (que está no singular) e não o substantivo plural (ex.: mantos azul-céleste, camisas azul-marinho.)⁸²

Já uma causa puramente fonética, de eufonia, determina a variação somente do segundo elemento em compostos de palavras repetidas (xique-xiques, reco-recos) e de antigas formas verbais repetidas (pega-pegas, bate-bates.) Note-se que estes últimos, apesar de terem origem em formas verbais, recebem uma flexão nominal (que pode ser dar também nos dois membros: pegas-pegas, bates-bates), sem que a natureza gramatical original de verbos determine o plural. Essa flexão nominal dada a um antigo verbo é uma prova de que este já não é mais um vocábulo formal por si, não é mais uma forma livre. Ele apenas faz parte do vocábulo mórfico único da composição por justaposição. Então temos um composto que pode variar o seu primeiro elemento, mas cujo tipo de flexão (nominal) confirma que este elemento não passa de uma forma semilivre de uma justaposição, sem que se trate de uma locução (com dois vocábulos mórficos).

Ainda temos compostos que possuem uma flexão de plural excepcional ou múltipla: surdos-mudos, grão-duques, bem-me-queres, claro-escuros ou claros-escuros, padre-nossos ou padres-nossos, frutas-pão, fruta-pães ou frutas-pães, etc.⁸³

Esses fatores tão diferentes determinando os plurais dos compostos, assim como a irregularidade e variabilidade dos casos de flexão não permitem que se coloque a variação flexional do primeiro elemento do composto como parâmetro decisivo e indicador de locução.

82. As formas semilivres da composição se submetem ao gênero de um dos elementos: a carta-bilhete, o mestre-sala, o navio-escola, o peixe-espada; ou a um novo gênero: o boa-vida, o ponta-esquerda, o quebra-luz, a fogo-apagou.

83. Fontes: G. LOPES e G. MEDEIROS (1975: et passim) e A. FERREIRA (1975: et passim.)

Além do mais, considerações morfológicas, como o tipo de variação nominal que recebem os compostos (independentemente da classe gramatical a que pertenciam suas formas) e também a submissão a um único gênero (sendo perdidos os gêneros das formas livres correspondentes) confirmam uma incontestável unidade mórfica entre os elementos dos compostos analisados.

Enfim, é a unidade significativa, adquirida pelos compostos, que derruba de vez a colocação de M. Câmara sobre uma interfe-rência entre conceitos de justaposição e locução. As palavras compostas recebem uma nova idéia dissociada das noções de seus componentes (e independem totalmente de qualquer tipo de flexão): em rosas-chá já se perdeu a noção de "flor" e a de "infusão" de seus membros; em pês-de-meia, lugares-comuns, mesas-redondas, águas-furtadas, vitórias-régias, altas-rodas, etc., apesar da flexão no primeiro elemento, este não constitui forma livre, tendo desaparecido por completo os antigos valores semânticos dos componentes da composição.

Logo, o que vai definir um composto por justaposição é sobretudo o fato de seus elementos serem formas semilivres, unidas num só vocábulo mórfico. Enquanto que, numa locução lexical, temos dois vocábulos mórficos, duas formas livres.

Neste ponto [- 2 dependente] da escala, a dependência ocorre entre semantemas que são formas semilivres (diferentes da aglutinação: semantemas que são formas presas.)

Esses semantemas têm seu significado alterado em nome de uma unidade mórfica, o que lhes confere uma força de ligação maior do que a existente entre os elementos de uma locução. Por outro lado, a independência fonológica de seus componentes dão-lhes uma certa autonomia. Assim, a composição por justaposição recebe o grau próprio de [-2 dependente].

[- 3 DEPENDENTE]: AS LOCUÇÕES LEXICAIS (VERBAIS, SUBSTANTIVAS, INTERJECTIVAS E CERTAS EXPRESSÕES ADVERBIAIS).

Como definiu algumas vezes M. Câmara,

"(locuções são) dois ou mais vocábulos formais associados intimamente na sentença", "é o uso (sistemático) como unicidade formal superior de dois vocábulos mórficos", constituem uma

unidade significativa para determinada função" e "é um tipo de sintagma intermediário entre o sintagma lexical e o sintagma sintático".⁸⁴

Algumas locuções verbais seriam consideradas locução gramatical pelo fato de seu primeiro elemento (ou seja, o verbo auxiliar) ser fixado diacrônica e coletivamente na língua, fazer parte de uma lista fechada de auxiliares do português, tomar para si a expressão das noções gramaticais de modo, tempo, número e pessoa, e perder sua noção externa.

Mas, por outro lado, o segundo elemento de uma locução verbal, o verbo principal, expressa uma significação externa e é substituível indefinidamente no estado atual da língua. Essa forte lexicalização imprime às locuções verbais um grau muito maior de independência morfo-semântica do que o das outras locuções gramaticais.

Outra característica (decisiva) que separa a locução verbal das outras locuções gramaticais é que, enquanto estas são compostas de formas semilivres, aquela constitui-se de formas livres. Os verbos auxiliares funcionam isoladamente na língua, quer continuando como auxiliares, quer como verbos principais. Exemplo: - Ele

⁸⁴ Ver nota 46, p.77; cf. M. CÂMARA, 1970;60-1 e 1977a:162; o termo "sistemático" surge com: id., 1976: 38.

tem estudado? - Tem (verbo auxiliar). -Ele tem dinheiro? - Tem (verbo principal). O verbo principal também funciona isoladamente (ver p.123 /). E ainda, os verbos que servem de auxiliares aparecem também como segundo elemento (verbo principal) da locução: Ele tem ti-
do problemas.

Deve-se, enfim, observar que são alguns verbos auxiliares pertencem a uma série fechada, havendo muitos outros que compõem um grupo mais aberto (ver adiante).

Portanto, entre os verbos que se empregam como primeiro elemento das locuções verbais, devem-se distinguir dois tipos:

1) os verbos auxiliares por excelência, isto é, de uso mais frequente, chamados por M. Câmara de "permanentes"⁸⁵: ter, haver, ser e estar;

2) os verbos que podemos denominar "semi-auxiliares", ou segundo M. Câmara, "*ocasionais*", aqueles que funcionam eventualmente como auxiliares; eles possuem uma lexicalização variável.

Os auxiliares e os semi-auxiliares precedem o verbo principal, que vem sempre numa das formas nominais: particípio, gerúndio ou infinitivo impessoal. A escolha entre essas formas nominais é determinada por valores semânticos de tempo, aspecto, modo, voz, etc. Exemplos: tenho feito, tenho de fazer, havia comprado, há de comprar, foi escrito, está sugerido, está escrevendo.

Verifique-se que os auxiliares, quando funcionam como tais, perdem sua noção externa (no verbo ser, a noção de "consistir em", "existir", em estar, a de "manter-se", em ter, a de "possuir" e em

85. Essa denominação não parece muito aconselhável, pois esses verbos não são privativamente auxiliares; podem ser verbo principal.

haver, a de "existir".) ⁸⁶

Os semi-auxiliares compõem uma longa lista de locuções (e por vezes servem-se de preposições): ir fazer, ir fazendo, vir fazendo, vir fazer, vir a fazer, andar fazendo, ficar fazendo, ficar por fazer, ficar a fazer. Esses semi-auxiliares (ir, vir, andar e ficar) chegam também a perder sua noção externa, tal como ocorre com os auxiliares, por terem amiúde esse emprego de primeiro elemento de locução. Esses quatro semi-auxiliares possuem ainda de comum entre si a intransitividade verbal e a indicação de matizes de tempo e aspecto (determinados também pela forma nominal escolhida e pelo uso de preposição.)

A lista de locuções continua com: acabar de, continuar a, começar a, voltar a, tornar a, chegar a, todos seguidos de infinitivo. Já esses semi-auxiliares permanecem com sua noção externa (ao contrário dos anteriores), mas apresentam uma regência diferente de quando são verbos principais.

Finalmente temos o conjunto de locuções cujos semi-auxiliares são os causativos: deixar, mandar, fazer e sinônimos; os sensitivos ⁸⁷: ver, ouvir, sentir e sinônimos; e uma série ilimitada de

86. L.M.P. LOBATO (1975:77-8) também define como verdadeiros auxiliares do português os verbos ser, estar, ter e haver, devido às seguintes características: "(são) verbos em que se processou pela semântica e que apresentam com seu auxiliado unidade semântica (um só sujeito) e funcional (indissociabilidade funcional pela negação, possibilidade de combinação com qualquer tipo de sujeito e comportamento como um todo sob a incidência de um circunstância de tempo ou de um pronome clítico) pertencendo todos os quatro a uma classe gramatical (alta frequência média de ocorrência num texto dado, passagem obrigatória e número restrito de elementos na classe, sem possibilidade de criação de outros membros por parte do falante)."

87. Ver esses termos (causativos e sensitivos) em C. CUNHA, 1979:459 e M. CÂMARA, 1977a:71.

outros semi-auxiliares, tais quais: dever, poder, querer, faltar, parecer, precisar, evitar, ousar, tentar, atrever-se a, pretender, pensar, mostrar, dizer, afirmar, declarar, etc., todos eles seguidos de infinitivo. Todos esse semi-auxiliares (com exceção de parecer) são verbos transitivos diretos e continuam com o mesmo significado e algumas vezes com a mesma transitividade de quando são verbos principais; os infinitivos pospostos a eles podem em certos casos se flexionar (ex.: deixei os meninos falarem , ouvi as pessoas falarem , eles parecia falarem, evitei falarem dele, disse faltarem coisas, etc.) Essas características dão às locuções formadas com esses últimos semi-auxiliares uma maior independência entre seus elementos.

Aliás, observa-se entre os três grupos de semi-auxiliares citados uma autonomia crescente dos membros da locução. Em Vou falar (indicando tempo: ação futura) e Ando estudando (indicando aspecto : ação durativa), onde os semi-auxiliares só têm noção gramatical, o grau de ligação entre os elementos é sensivelmente mais forte do que em Eles começaram a estudar ou em Vi as pessoas saírem, onde os semi-auxiliares possuem noção externa e até permitem flexão no infinitivo.

No entanto, essa variação na dependência entre os membros das locuções verbais é irrelevante, não impede que elas se coloquem todas num mesmo grau de dependência [-3] e sob um mesmo conceito . Isso porque, seguindo nossos critérios, essas locuções são todas constituídas de formas livres, e portanto, de dois vocábulos morfológicos.

Se por um lado todas as séries de exemplos vistas formam igualmente locuções verbais, por outro, a auxiliaridade de seus

87. Ver esses termos (causativos e sensitivos) em C. CUNHA, 1979:459 e M.CÂMARA, 1977a:71.

primeiros elementos não é a mesma. Por esse motivo destacamos a série aberta de verbos semi-auxiliares do grupo limitado de verbos auxiliares.⁸⁸ C.Cunha (1979:380) faz observação sobre a auxiliaridade:

" Como não há uniformidade de critério linguístico para determinação dos limites da auxiliaridade, costuma variar de gramática para gramática e elenco de verbos auxiliares."

Sendo a locução o uso como unidade formal superior de dois ou mais vocábulos mórficos, serão consideradas ainda como locuções verbais expressões seguidas de infinitivo, tais como: estar a ponto de, estar para, estar perto de, estar longe de, estar em via de, chegar ao ponto de, ter intenção de, fazer questão de, etc. Observe-se que o número dessas combinações locucionais é ilimitado.

O outro tipo de locuções que entra no grau [-3 dependente] são as lexicais substantivas e as interjectivas. Exemplos: puro engano, mera coincidência, foice e martelo, boa vontade, pão com manteiga, pão e vinho, pão e água, café com leite, consciência pesada, dia útil, romper do dia, ar livre, vida de cão, juízo final, meio de vida, coisas da vida, Vossa Excelência, meu bem; e Ora bolas! Ai de mim! Valha-me Deus! Puxa vida! Alto lá!, etc.

Nesses exemplos, as locuções se determinam pelo uso sistemático na língua e conseqüente associação semântica íntima e pela constância na sua estrutura. Essa ligação entre seus componentes, no entanto, não impede que seus elementos funcionem isoladamente, como formas livres que são.

88. Ver estudo de L.M.P. LOBATO (1975).

Acrescentem-se também as expressões adverbiais de mais de um vocábulo fonológico, que apresentam um maior desligamento entre os membros, mas que constituem ainda uma unidade significativa para determinada função, isto é, modificam o verbo exprimindo uma circunstância. Exemplos: no meio da rua, na porta de casa, com a mão esquerda, com três pessoas, em grande quantidade, para o ensino médio, de carro de aluguel, etc.

A locução não equivale sempre a um grupo acentual, pois, enquanto este se encontra no nível fonológico do enunciado, as locuções fazem parte de uma divisão morfo-semântica da sentença.

Assim como dividimos uma frase fonologicamente em ordem crescente: grupo fônico, grupo acentual, vocábulo fonológico e sílaba, também dividimos o sintagma num nível morfo-sintático: sintagma "sobreoracional" (períodos compostos), "oracional" e "suboracional" (termos da oração)⁸⁹, locução, vocábulo mórfico e morfema.

Além do mais, o grupo acentual varia sua extensão de acordo com a velocidade da pronúncia, ao passo que a locução não sofre influências dessa velocidade. Por exemplo: em Aqueles pássaros/ vinham anunciar/ o romper do dia/ na minha janela e Aqueles/ pássaros/ vinham/ anunciar/ o romper/ do dia/ na minha/ janela, há na primeira enunciação quatro grupos acentuais e na segunda, oito desses grupos. Porém, nas duas emissões, as locuções vinham anunciar, o romper do dia e na minha janela continuam inalteradas, formando ainda unidades.

Note-se que numa locução, ao contrário do que acontece na composição por justaposição, seus componentes conservam seu valor semântico, como formas livres. A partir do momento em que o significado de cada elemento de uma locução é esquecido em proveito de uma nova noção, cria-se uma palavra composta por justaposição. Assim, a composição por justaposição se origina geralmente de locuções lexi-

89. Ver M.CÂMARA, 1977a:223.

Dentre todos os casos que entraram na escala de dependência entre os vocábulos e seus elementos, é na locução onde culmina a autonomia dos constituintes, que formam, cada qual, uma unidade significativa e às vezes mórfrica e/ou fonológica.

4.2. Escala ternária para a dependência vocabular

Como demonstramos no decorrer do item 4.1., a gradação de dependência entre os vocábulos e seus elementos, é escalar e obedece a um princípio ternário. Esse princípio baseou-se na constatação de uma dependência gradativamente mais forte entre as formas linguísticas que constitui o lado positivo da escala, e, em contrapartida, de uma ligação gradualmente enfraquecida, compondo o lado negativo. Dividindo esses dois grupos de fenômenos ocorrentes entre os vocábulos e seus elementos, está o ponto \emptyset , neutro e intermediário, que comporta fenômenos oscilatórios de dependência vocabular.

Os casos da parte positiva da escala compõem todos eles vocábulos fonológicos unos (submetidos a um só acento tônico.)

Os graus de [2] a [5 dependente] têm como características comuns:

- a) possuírem formas presas, ligadas a formas semilivres;
- b) conseqüentemente, formarem vocábulos mórficos únicos;
- c) terem, entre seus componentes, limites de morfema (+), ou de radical (#).

O grau [1 dependente], da ênclise, forma vocábulos fonológicos únicos, mas possuem dois vocábulos mórficos (forma livre mais forma dependente), o que não o impede de ter ainda uma dependência positiva entre seus elementos.

Por outro lado, com os graus negativos:

- a) todos possuem dois (ou mais) vocábulos fonológicos;

b) suas formas são semilivres ou livres;

c) os limites entre seus elementos são de formante (=) ou de palavra (≠).

Os graus [-1] e [-2 dependente] formam ainda vocábulo mórfficos unos, enquanto que o [-3 dependente] já tem dois ou mais vocábulo mórfficos.

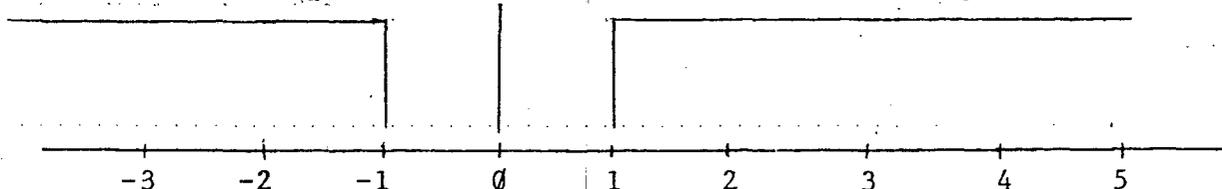
Finalmente, no grau [0 dependente] , a próclise tem sempre dois vocábulo mórfficos: forma dependente e livre (como o [1 dependente]); e a locução gramatical, sempre um só vocábulo mórffico: formas semilivres (tal qual [2] , [-1] e [-2]). Além de ter essas características em comum com os graus positivos e negativos, ou seja, + e - , o ponto [0 dependente] distingue-se de todos os outros graus (nem + nem -) por ter vocábulo fonológicos oscilantes, ora únicos, ora duplos, e por manifestarem um vocalismo especial e variável.

A disposição dos graus de dependência vocabular na escala estudada (p.82.) foi feita com base no critério fonêmico de vocábulo fonológico.

Assim, temos os seguintes esquemas:

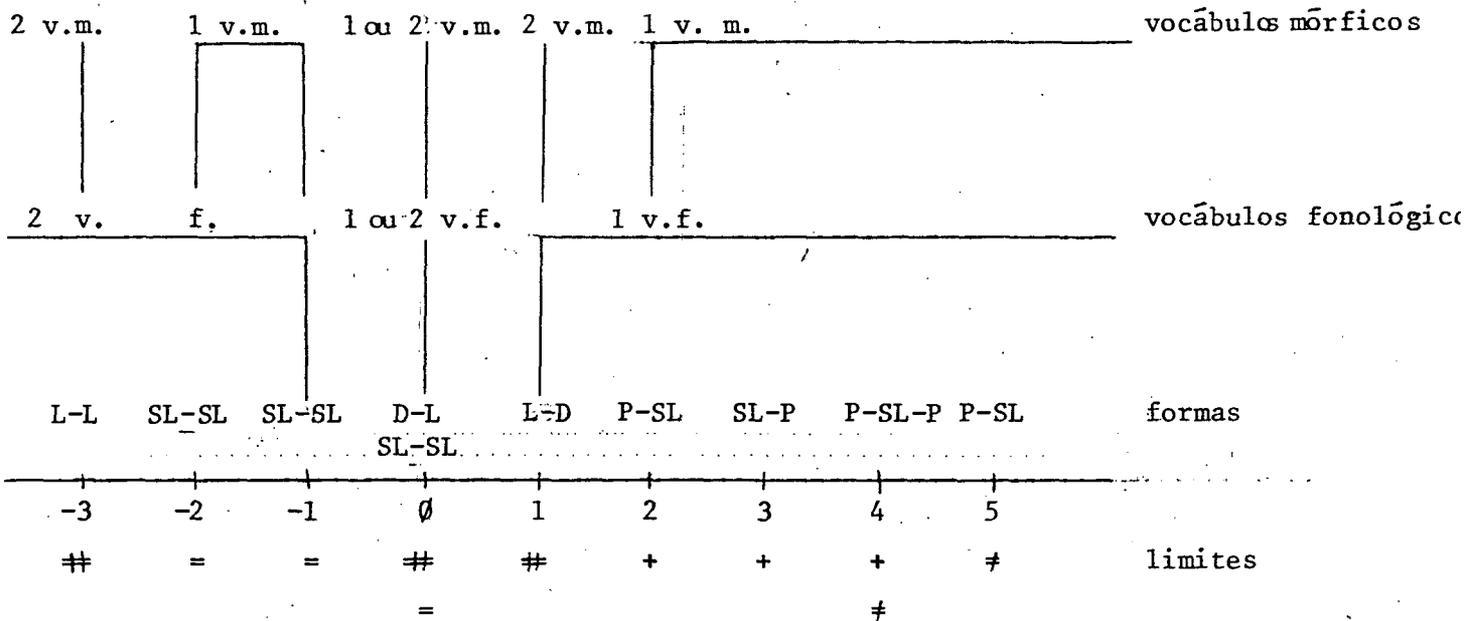
1) Quanto aos vocábulo fonológicos:

2 vocábulo fonológicos 1 ou 2 v.f. 1 vocábulo fonológico



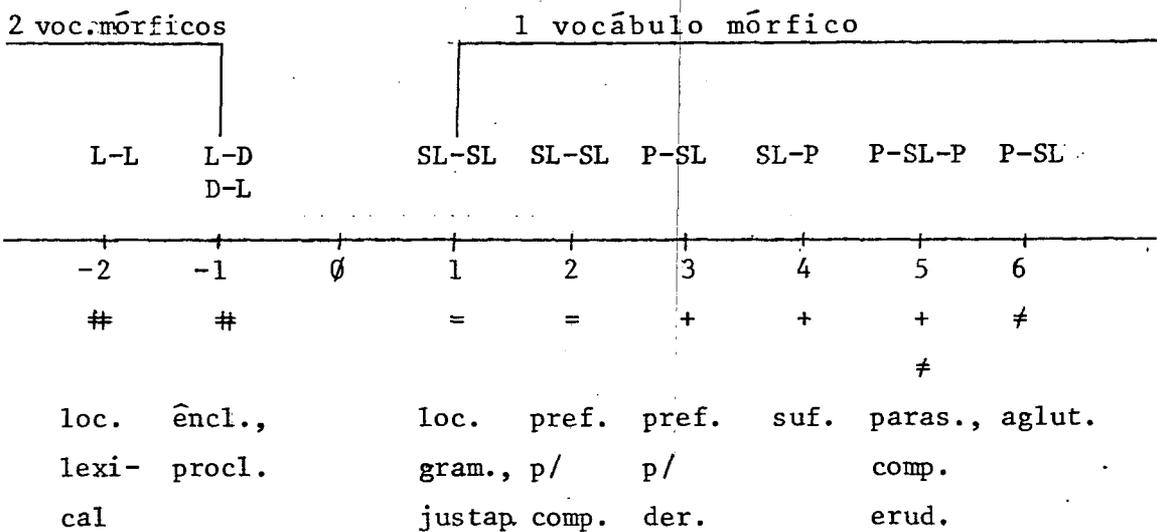
Podemos perceber nitidamente o ternarismo que rege a escala de dependência vocabular.

2) Considerando, agora, os vocábulo mórfficos os tipos de formas e os limites temos:



Por outro lado, usando um critério morfológico, o dos vocábu-

os mórfo, poderíamos perfeitamente dispor os graus de outro modo:



Observamos, então, mudanças na distribuição dos graus:

a) Como a justaposição e a prefixação por composição formam vocábulos mórfo únicos, elas passam a um dependência positiva ([1] e [2] respectivamente);

Na ênclise, por sua vez, se formam dois vocábulos mórficos que recebem, pois, dependência negativa ($[-1]$), decorrente de um desgamento maior entre eles;

A próclise, que revela flutuação apenas fonológica, tem sempre dois vocábulos mórficos (tal qual a ênclise) e por isso passa pelo grau $[-1]$ dependente];

As locuções gramaticais, locuções adjetivas e expressões adverbiais, sempre em vocábulo mórfico uno, com formas semilivres, entram no grau $[1]$ dependente] no grau $[1]$ dependente da justaposição.

Note-se que a ênclise e a próclise, com maior dependência fonológica do que a justaposição e a prefixação por composição, possuem morfologicamente menor ligação do que estas.

Nessa outra escala, o ponto $[\emptyset]$ dependente] é apenas divisorio e vazio, visto que não há nenhum grau da escala cuja quantidade de vocábulos mórficos (1 ou mais) seja sincronicamente variável, isto é, cuja força de ligação oscile. Mesmo vazio, esse ponto continua sendo uma divisão entre o lado positivo e o negativo, um valor numérico neutro, intermediário, que torna a escala ternária.

A graduação se verifica também na distribuição dos tipos de limites e de formas.

Convém observar que a mudança de ordem entre os graus da próclise e ênclise e os da justaposição e prefixação por composição é possível, já que aqueles não são processos de formação de palavras como os demais, mas casos de colocação clítica.

A apresentação da próclise e ênclise num mesmo eixo de processos de formação vocabular se deve ao propósito de se abranger, neste trabalho, todos os tipos de formas linguísticas e suas manifestações, bem como todos os tipos de ligação entre elas. Veremos que, na verdade, a ordenação entre os graus de dependência dos processos de formação de palavras se conserva inalterada.

Ao incluirmos a colocação proclítica e enclítica na escala de dependência vocabular, devemos escolher uma das duas distribuições vistas. Optamos pela escala de motivação fonológica, porque assim pudemos analisar um ponto [∅] ocupado por flutuações (no caso, fonológicas).

V. CONCLUSÃO

Neste trabalho, comprovamos que o ternarismo pode ser esten-
der a outros domínios da Linguística, além da Fonologia.

Constatamos a existência de uma dependência gradual e ter-
ciária entre as formas linguísticas.

O falante-ouvinte (real) do português percebe essa ligação
scalar tanto mais nitidamente quanto mais amplos forem seus conhe-
cimentos linguísticos. Essa dependência linguística é semântica, pois,
além de se sentir uma associação gradativa entre os vocábulos e seus
elementos, a maior força de dependência equivale a uma maior genera-
lização e abstração semânticas dos elementos; é morfo-sintática, por-
que quanto mais ligada é uma forma, menos mobilidade e capacidade de
dissociação ela possui; e é fonológica, pois, quando é forte a depen-
dência entre os elementos, eles formam unidade fonológica e manifes-
tam um vocalismo específico.

Quanto a um sentido evolutivo para o eixo de dependência linguística⁹⁰, observou-se que:

-) as formas presas foram antigas formas livres;
-) palavras compostas por justaposição geralmente se originam de locuções lexicais;
-) nos registros informais e rápidos, onde há uma hipoarticulação, as formas tendem a se submeter a um acento tônico dominante, ou se a, a se unir.

Esses fenômenos sugerem uma orientação evolutiva no eixo, do sentido da esquerda para a direita, isto é, uma crescente ligação vocabular.

Por outro lado, uma hiperarticulação em registros formais e mais lentos, ou num esforço de expressividade desfaz essa consciência no sentido do eixo, pois, destaca as formas diminuindo, assim, sua ligação.

Mas pode-se considerar que predomina uma tendência que leva as formas a se prenderem sincrônica e diacronicamente. A graduação de dependência vocabular resulta de um desgaste, de uma degeneração de formas plenas e livres em formas vazias e presas. E nesse processo de degeneração, encontra-se um estágio intermediário, de flutuação sincrônica, que constitui o ponto [Ø dependente], o ponto neutro de uma escala ternária.

Enfim, se a realidade é um contínuo, a língua, que a recorta e nomeia, o faz de modo escalar, gradual. Essa escala linguística, como qualquer outra, possui extremos, nos quais sua força chega ao grau máximo (+) e ao mínimo (-). Entre esses extremos opostos se coloca um ponto central, divisório, neutro, que é + e -, nem + nem -. Sob esse princípio ternarista deve caminhar um estudo que se pretenda mais abrangente e mais natural.

90. A escolha do termo "dependente" para o eixo (e não seu oposto, "independente", também possível) se deveu unicamente a uma intenção de salientar essa propensão das formas a se ligarem mais e mais.

BIBLIOGRAFIA

1. ANDERSON, Stephen R. - The Organization of Phonology.
New York, Academic Press, 1974
2. ANGENOT, Jean -Pierre - Classes Phonologiques Naturelles,
Panchronie et Principe Degeneratif. Separata dos Annales
du XV Congrès International de Linguistique et Philologie
Romanes. Rio, Univ. Fed. do Rio de Janeiro, 1977
3. _____ & Araújo, Sumaia Sahade - A Controvérsia sobre o
Limite de Morfema. Separata da 30ª Reunião Anual da Socie-
dade Brasileira para o Progresso da Ciência. São Paulo ,
s. ed., 1978a
4. _____ - Sobre o Critério da Produtividade em Fonologia. Se-
parata do III Encontro Nacional de Linguística. Rio, PUC ,
1978b
5. _____ - Ternarisme en Phonologie . Florianópolis, Univ. Fed.
de Sta. Catarina , 1979
6. _____ & Oliveira, M^a Vitória Alves de - A Controvérsia sobre
o Umlaut em Alemão Moderno. [Salvador] , s. ed., s. d.
7. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS - Referência Biblio-
gráficas. Rio, 1970
8. BLOCH, B. & Trager, G. - Outline of Linguistic Analysis.
Baltimore, 1942
9. BLOOMFIELD, Leonard - Language. New York, Holt, 1961

10. BOTHA, Rudolf P. - Methodological Aspects of Transformational Generative Phonology.
11. CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso - Estrutura da Língua Portuguesa. Petrópolis, Vozes, 1970.
12. _____ - Princípios de Linguística Geral. Rio, Acadêmica , (1941) 1973
13. _____ - Problemas de Linguística Descritiva. Petrópolis, Vozes, (1971) 1976
14. _____ - Dicionário de Linguística e Gramática. Petrópolis, Vozes, (1956) 1977a
15. _____ - Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa. Rio, Padrão, (1949) 1977b
16. COUTINHO, Ismael de Lima - Pontos de Gramática Histórica . Rio, Acadêmica, (1938) 1972
17. CUNHA, Celso Ferreira da - Gramática da Língua Portuguesa. Rio, FENAME, (1972) 1979, 5 ed.
18. ELSON, Benjamin Franklin & Pickett, Velma - Introdução à Morfologia e à Sintaxe. Petrópolis, Vozes, 1973
19. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda - Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Rio, Nova Fronteira, 1975
20. FISCHER - JØRGENSEN, E. - Trends in Phonological Theory. Copenhagen, Akademisk Forlag, 1975

21. GARCIA, Othon Moacyr - Comunicação em Prosa Moderna. Rio, Fund. G. Vargas, (1967) 1932, 2. ed.
22. GLEASON, J.H.A. - Introduction à la Linguistique. Paris, Larousse, 1969
23. GNERRE, M^a Bernadete Marques Abaurre. O Status Teórico dos "Tempos" ..., In: Anais do 1º Encontro Nacional de Linguística, Rio de Janeiro, 1976.
24. GOULART, Audemaro Taranto & Silva, Oscar Vieira da - Estudo Dirigido de Gramática Histórica e ... s. 1., Ed. do Brasil, 1974
25. GREVISSE, Maurice - Le Bon Usage. Gembloux, J. Duculot, 1975
26. HEAD, Brian F. - A Comparison of the Segmental Phonology of ..., Austin, Univ. of Texas, 1964
27. HELLBERG, Staffan - "Unnatural Phonology". Journal of Linguistic, Cambridge, C. Univ. Press, 14: 157-177, 1978
28. IEZZI, Gelson et alii - Matemática, 1ª série, 2º grau. São Paulo, Atual, 1974
29. JAKOBSON, Roman - Fonema e Fonologia. Rio, Acadêmica, (1932) 1972
30. _____ et alii - Preliminaires to Speech Analysis. Massachusetts, M. I. T. Press, 1972

31. JOTA, Zélio dos Santos - Dicionário de Linguística. Rio, Presença, 1976 (Col. Linguagem, 2)
32. LANGACKER, Ronald W. - A Linguagem e sua Estrutura. Petrópolis, Vozes, 1975, 2.ed.
33. LEITE, Yonne de Freitas - Portuguese Stress and Related Rules. Austin, Univ. of Texas, 1974
34. LINDAU, Mona - "Vowel Features". Language, Baltimore, 54(3): 541-561, 1978.
35. LOBATO, Lúcia M^a Pinheiro et alii - Os Verbos Auxiliares em Português Contemporâneo: In: Análises Linguísticas. Petrópolis, Vozes, 1975, 6. ed.
36. LOPES, Gaudêncio & Medeiros, Gilberto - Curso Prático de Português. [Recife], Esuda, [1975]
37. MARTINET, André - Elementos de Linguística Geral. s.l., Martins Fontes, 1975
38. MATEUS, M^a Helena Mira - Aspectos da Fonologia Portuguesa. Lisboa, Gr. Imperial, 1975 (Publicações do Centro de Estudos Filológicos, 19)
39. NOGUEIRA, Rodrigo de Sá - Tentativa de Explicação dos Fenômenos Fonéticos em Português. Lisboa, Clássica, 1941
40. POTTER, Simeon - Modern Linguistics. London, Andre Deutsch, 1971

41. REIMOLD, Peter M. - "An Alternative to Ladefoged's System ..." Linguistische Berichte, Wiesbaden, 30 : 33-43, 1974
42. ROCHA LIMA, Carlos Henrique da - Gramática Normativa da Língua Portuguesa. Rio, J. Olympio, (1972) 1976, 18.ed.
43. SCHANE, Sanford A. - Fonologia Gerativa. Rio, Zahar, (1973) 1975
44. SOMMERSTEIN, Alan H. - Modern Phonology. London, E. Arnold, 1977
45. TWADDELL, W.F. - "On Defining the Phoneme. In: Readings in Linguistics, Chicago, 1 : 55-80, (1957), 1968.
46. VENDRYES, J. - El Lenguage. Barcelona, Cervantes, 1943
47. WILLIAMSON, Kay - "Multivalued Features for Consonants". Language, Baltimore, 53 (4): 843-871, 1977.
48. WILSON, Robert D. - "A Criticism of Distinctive Features". Journal of Linguistics, Cambridge, C. Univ. Press, 2 (2): 195:206, 1966
49. ZAMBUZZI, Orlando A. - Matemática, 6ª série, 1º grau, São Paulo, Ática, 1979
-